

O jornal dos
estudantes de
medicina



ANO I

Periódico literário,
humorístico e noticioso

Faculdade de Medicina de São Paulo, 15 de março de 1930

EDIÇÃO COMEMORATIVA 80 ANOS

N.º 1

Estréia

Entre colegas, apresentações com formalidades complicadas são ridículas.

O nosso jornal é um companheiro de todas as turmas: é calouro e doutorando; é esforçado e vadio, alegre e pensativo; é desportista e poeta.

Seu nome o define: "O Bisturi" (de estudantes). Nunca chega a criar ferrugem; mal manejado, não corta; em mãos despertas, não fere. E si escapa por acaso faz na ponta de um dedo um cortezinho sem a menor importancia que não tira a ninguém sua tranquilidade porque este "bisturi" tem uma propriedade especial: "é asético pela sua propria natureza".

De diversas folhas que apareceram na Escola ainda temos noticia. Todas fizeram rir mas algumas morreram deixando trajica memoria, capaz de arrefecer o animo de quem por ventura se lembrasse de iniciar uma nova empresa jornalística.

Isto tudo já vai longe no tempo e é preciso não solenizar um batismo com u' a missa de réquiem.

[...] da mocidade, o entusiasmo e [...] irreverencia e de maldade. Combinadas com qualquer proporção formam a receita ideal contra a quietude molsã em que vimos vivendo.

Para a cura ser perfeita prescreve-se "abstinencia completa de cojitações politicas e religiosas". E além do mais, de acôrdo com as autoridades em neuuatsia que foram consultadas, temos que intensificar a applicação terapeutica do rizo, administrando "drogas puras, proprias para todas as idades e ambos os sexos".

Esta é a orientação que imaginamos e que vamos seguir.

O jornal é algo indispensavel. Este numero de hoje é a primeira fornada, talvez um pouco crua, que sae como amostra só para se tomar o gosto das demais que se seguem, separadas pelo menos tempo possível, sem data pre-estabelecida.

São os nossos colaboradores todos os estudantes das escolas superiores que queiram estar conosco em comunidade de espirito, juntos, em familia.

Por um sem numero de razões, para uniformidade, por critério de disciplina intelectual, rezolvemos adotar a nova ortografia académica, sem pretendermos cassar aos filólogos, que anda por aí a granel, o direito de "dar o grito".

Assim iremos vivendo.

Não queremos fazer de nossa folha simples o arquivo do pensamento estudantino, mas o condensador de ideias novas e de todas as aspirações de nossa classe.

Avante!

Em todas as direções ha muito espaço para se encher com voz forte e sonora. Para o nosso progresso basta mantermos unidos: o Ideal, o Metodo e a Constancia. E agora, é escrever, escrever com vontade e ler com carinho.

Toda contribuição é boa, inspirada no que vimos de expôr.

Resta-nos apenas a nota do auto, o nosso lema, o nosso, particular, é simples: "Bisturi não é arma de fogo".

Março de 1930

"O Bisturi"

Completa agora mais um ano de existência,
Mais um ano se ajunta aos outros já vividos,
Carregando nos mil caminhos percorridos
A luz que brilha nesta escola pela ciência;
Recebe a primavera a mais que lhe sorri,
Nosso querido e velho amigo "O Bisturi"!

Nasceu para o bem. É do pobre o paladino,
Do jraco do infeliz, de quem não tem destino,
É superior a tudo, é um ser quasi divino!
Mas não mexam com eçe, que é pior que vespeiro,
Sáí nome sujo como páu de galinheiro,
E senta a lenha como manda o figurino.

Não teme os fortes, nunca foge duma luta,
Herói dos infelizes, defensor dos fracos,
É sempre o mesmo, quer na paz quer na disputa.
A mentira e a calúnia, tudo vòa em cacos
Quando a vóz forte e a mão de ferro do gigante
E abala tôda a terra, e vibra o mundo inteiro.

Quando a vóz forte e a mão de ferr odo gigante
Se levantam por sôbre a multidão inquieta,
O vício e a hipocrisia fogem nêsse instante,
Vão no inferno esconder, correndo em linha reta.
E não queira meter-se a defensor o Diabo,
Do contrario sáí tiro, tapa ou pé no rabo.

Temido e respeitado, vái ele vivendo.
Inimigo do fácil, terror do badalo,
Se um cristão faz besteira, já o páu vai metendo,
Se o freguês acha ruim, logo pisa no cálo,
E que diga conosco bem alto, a gritar,
"Para glória da escola ha de sempre durar!"

ORPIS
Setembro de 1938

O Bisturi é um jornal dos alunos da
faculdade. Este espaço está aberto para
qualquer tipo de matéria. Participe, sua
colaboração é importante!

Os nossos críticos

Muito se tem dito e escrito sobre a crítica. Muitos criticam por profissão, outros por serem honestos, outros por não terem que fazer, outros por desespero, outros por serem deshonestos.

Poucos sabem que crítica significa construção. Significa mostrar o erro para saná-lo, significa elogiar o bom. O crítico honesto mostra o erro para indicar o caminho certo.

Mas "meter o páu" é fácil. Crítica sem análise, por má fé é próprio dos deshonestos. E é assim que se explicam as críticas feitas por baixo do pano insolente, dirigidas ao "Bisturi".

Este jornal não é perfeito, está cheio de lacunas. Mas se esforça sempre para melhorar. E nisto contamos com os colegas. As imperfeições nos devem ser mostradas honestamente. Assim colaborarão conosco. Procederão como colegas.

Mas o que se tem dado é de se lastimas. Individuos que nunca cederam uma colaboração qualquer, que nunca sujaram as mãos numa tipografia, que não sabem o que é uma revisão, que apenas "têm o trabalho de lêr" o Bisturi, pronto atacam-nos abjetamente. E a esse ataque pelas costas destrutivo, chamam de crítica.

O "Bisturi", pelos Estatutos, está aberto a quem quizer trabalhar. Recebemos todos. Porque essa atitude hostil e covarde? Tragam a nós as reclamações, mostrem-nos honestamente os erros e ajudem-nos a solucioná-los.

O "Bisturi" é dos alunos da Faculdade de Medicina, feito para eles, deve ter a colaboração de todos eles.

Sem data

Homenagem



PROF. BOVERO

EDITORIAL

Estimadíssimo leitor de O Bisturi,

É com muito orgulho e prazer que lhe apresentamos esta edição comemorativa de aniversário do seu periódico preferido! Empunhado pelo esqueleto já octogenário, o instrumento mais afiado dos estudantes de Medicina da USP continua a deixar sua marca na história da Casa de Arnaldo. E se é assim, nada melhor a fazer do que celebrar, republicando alguns dos textos mais interessantes e impactantes que já foram forjados

EXPEDIENTE:

"O BISTURÍ"

Órgão Oficial do Centro Acadêmico "Oswaldo Cruz" da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo

ADMINISTRAÇÃO

Rua 7 de Abril, 264 - 6.º andar - S. 603 - Tel. 35-4672

REDAÇÃO

Av. Dr. Arnaldo N.º 1
Tel. 52-1729 - S. PAULO

EDITORES:

André Ruiz de Oliveira e
Leonardo dos Reis Gama

COLABORADORES:

Todos que já ousaram assinar o próprio nome sobre estas páginas preciosas, e tantos outros que fizeram e fazem o trabalho nos bastidores.

A Direção não é responsável nem necessariamente solidária com as opiniões contidas nos artigos assinados ou com pseudônimo. Não se publicam colaborações que não tenham autor responsável.

Este jornal é distribuído gratuitamente a todo o corpo discente e docente da FMUSP e os médicos do Hospital das Clínicas; é enviado a todas as faculdades do país, algumas do Exterior, a várias bibliotecas e Poderes Públicos.

Direção Técnica e Comercial

100ª Diretoria

CENTRO ACADÊMICO OSWALDO CRUZ

APOIO

Museu Histórico da FMUSP

DIAGRAMAÇÃO E ILUSTRAÇÕES

Volpe Artes Gráficas
Tel (11)3654-2306

IMPRESSÃO

Ponto a Ponto

sobre estas páginas envelhecidas.


Seus editores correram os Sete Mares, os Jardins Elísios, Pasárgada, os Jardins Suspensos, os corredores mais obscuros dos ICB's e da FMUSP e outros lugares cuja memória não poderá jamais ser apagada, com a finalidade de recolher inspiração para a gloriosa edição comemorativa. Não obstante, reviraram as estantes do Museu Histórico da FMUSP e perseguiram seus professores na busca sedenta pelas respostas do tempo. Os textos que você vai ler foram finalmente selecionados depois de uma pesquisa extensa, feita nos raros exemplares d'O Bisturi que estão preservados no acervo do CAOC.

Durante o trabalho, foi incrível notar de que forma, através das décadas passadas sob a sombra do busto de Dr. Arnaldo, muitas coisas mudaram completamente neste rico meio estudantil. Mas tente perceber como outras, ao contrário, viraram boas tradições - tantas que nem se consegue mais contar; porém algumas acabaram se tornando infelizes costumes, que insistem em se perpetuar apesar dos esforços em contrário. Em relação a este último fato, permanece também a missão d'O Bisturi e o compromisso do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz em fazer valer a vontade dos estudantes. Esta é uma tradição que jamais morrerá.

AS PÁGINAS E O TEMPO

As origens d'O Bisturi remontam a 1930, sendo publicado pelo Departamento de Imprensa Acadêmica do CAOC. Antes dele, outros periódicos de teores diversos foram editadas por alunos, como *O Esqueleto* e *O Cataplasma*, de existência efêmera, além da própria *Revista de Medicina*. Ao lado desta conhecida e renomada revista, apenas *O Bisturi* continuou, e o *DIA* se especializou em sua elaboração. Este mesmo departamento já contou, em seus tempos de ouro, com todo um corpo de redatores, revisores e editores, além de uma sede própria. Atualmente, no entanto, são poucos os que se aventuram a um rabiscar de caneta. Sinal dos tempos? É notório que a era do furor literário já passou, mas não é menos notório o fato de este jornal sempre ter passado por altos e baixos.

Ainda recém-criado, deixou de ser publicado no final de 1930, tendo retornado somente em 1933. Nos "anos de chumbo", mesmo que clandestino e feito à mão, ele resistiu bravamente às dificuldades. Outros períodos de "hibernação" aconteceram, inclusive no início dos anos 2000, após o incêndio que destruiu o Porão e desorganizou o CAOC. Mas sempre houveram novos diretores que reacenderam a chama da ati-



ANNUNCIAR NO BISTURI

É TER UM ANNUNCIO EM TODO MEIO ACADEMICO E MEDICO DE SÃO PAULO.

É CONQUISTAR A SIMPATIA DOS MEDICOS E FUTUROS MEDICOS.

É FAZER PROPAGANDA EFICIENTE E COMPENSADORA.

É ANNUNCIAR COM INTELIGENCIA.

vidade jornalística e fizeram serem ouvidas, mais uma vez, as vozes que ainda ressoam pelo corredores da faculdade.

O Bisturi sempre serviu de precioso meio livre, através do qual os estudantes puderam divulgar as suas opiniões, além das atividades realizadas pelas suas diversas instituições. Eles também puderam e souberam criticar - às vezes de forma bem humorada, às vezes em tom sério - os professores, as aulas, a estrutura da faculdade, o hospital (ou a ausência de um), e entre si, os próprios colegas. Em outros momentos o questionamento foi mais além: discutiu-se sistema de saúde, sociedade, sistema político, costumes, arte, filosofia...

Mas sempre há consequências para quem se expõe, e o preço a se pagar foi alto. Além da óbvia vigilância e da censura imposta pelos órgãos do governo, na ditadura de Vargas e mais ainda na Militar, quantas vezes não houveram represálias por parte dos leitores? E quando o seu público incluí desde a colegas, professores, diretores, funcionários, ex-alunos, até a estudantes de outras escolas longínquas, poucas palavras são necessárias para que um ego seja ferido ou um conceito desafiado. O mundo nem sempre é compreensivo - que nossos colegas assassinados em 1972 não nos deixem mentir.

Também foi forma de expressão dos seus desejos, dos seus sentimentos, das suas histórias. Foram escritos poemas, contos, crônicas, piadas, charges, caricaturas, e tudo o mais que as mentes criativas dos alunos pudessem imaginar. Dessa forma, ficou registrada quase que uma fotografia de cada época, da organização da sociedade paulistana e do comportamento dos estudantes em meio a isso. Meros estudantes, procedentes das muitas localidades de São Paulo e até dos recantos mais diversos do país.

CONSIDERAÇÕES

Desde 1930, foi tanta coisa que aconteceu! Não cabe citá-las aqui, mas sabemos que foi um

período onde não apenas fatos aconteceram, mas vidas foram vividas. Calouros e veteranos, assim como você, caminhavam pelos mesmos corredores com preocupações de vida pessoal e acadêmica. E sabe ainda o que mais? Viram muitos outros desbravadores a trilharem este mesmo caminho. Os próximos oitenta anos nos reservam outras aventuras mais, como o eminente Centenário da FMUSP.

Não, caro leitor, suas contas não estão erradas. O ano de aniversário realmente já passou. Mas como encontramos muitos textos interessantes e o trabalho de pesquisa é demorado, preferimos atrasar o lançamento desta edição a fazer um trabalho mal feito. Provavelmente você aprovará essa escolha. Também preservamos a grafia original das palavras, tentando fazer com que os escritos mantivessem pelo menos parte do seu contexto.

Amolar uma lâmina já gasta é tarefa árdua, mas que recompensa-nos pelo valor que ela em si carrega. A ponta aguda do jornal do CAOC atravessou os tempos conservando a memória dos singulares estudantes de Medicina da Universidade de São Paulo. Seus editores são renovados todos os anos, mantendo apenas em comum a responsabilidade de conduzir o instigador das mil questões, o elucidador dos cem fatos, o testemunho vivo de mais de 80 invernos. Esperamos que aprecie nossa obra.

André Ruiz e Leonardo Gama, os editores.



80 ANOS DE HISTÓRIA

O Bisturi: narrativas passadas da vida discente da Faculdade de Medicina da USP

Prof. André Mota e
Prof.ª Izabel Rios

A imprensa médica, estudada desde os seus primeiros jornais e panfletos ganhou espaço no Brasil a partir do século XIX, com o surgimento das Faculdades de Medicina da Bahia e Rio de Janeiro. Segundo estudo de Luiz Otavio Ferreira, ao se debruçar sobre esse material, “as origens do jornal médico brasileiro de certo modo se confunde com a tardia institucionalização da imprensa no Brasil, que data da primeira década do século XIX, quando foi levantada a proibição que durante todo o período colonial sob suspeição a impressão tipográfica. Esse fato redimensiona a importância do jornalismo médico, à medida que ele também pode ser abordado como parte das transformações culturais produzidas pela liberdade de imprensa.”

Entre 1889 e 1930, durante a chamada Primeira República, a imprensa no Brasil se diversificou, conhecendo diversas formas de inovação tecnológica que permitiam o uso de charges, caricaturas e fotografias, como também a ampliação de suas tiragens, com melhor qualidade de impressão e menor custo, resultando num “ensaio da comunicação de massa”. Dentre essas transformações, é importante destacar a diversidade que passou a constituir esse material, “com impressos de vários matizes políticos, muitos de expressão reivindicatória, periodicidade variada, segmentação enriquecida e pluralidade temática, sobretudo nos cenários urbanos que se modernizavam”

É nesse contexto que encontramos uma série de revistas e jornais sendo produzidos na Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, criada em 1912. Dentre aqueles cuja produção foi mais duradoura, a Revista de Medicina foi a primeira a divulgar os primeiros passos da vida acadêmica do CAOC e da produção científica estudada e divulgada por professores e alunos. Para isso, não cansou de pedir a publicação dessas produções, afinal, “poderiam não só dar à medicina paulista contribuição das mais vultosas, como constituir a mais preciosa fonte de estímulo dentro da escola”. Esse chamado ganhou significado relevante pela produção que conseguiu divulgar, principalmente aquela em que apontava

uma luta das especialidades médicas, bem como de teorias que informavam muitas dessas áreas.

Dentro dessa circunscrição acadêmica que a Revista de Medicina tratou de apresentar, uma outra publicação, também criada pelo C.A.O.C, o recém-lançado O bisturi, “tipo perfeito do jornal de estudantes: resolve todos os problemas, mesmo os mais graves, comenta todos os fatos e, quando estes são muito sérios, trazem ao fim uma piada. É um resumo simpático do que se faz, se diz e se pensa fora das aulas”. Mesmo não havendo estudos que cobrissem esse tipo de jornal estudantil, é certo afirmar que O bisturi, pela sua idade, originalidade e perenidade, se encontra entre os mais importantes jornais médicos brasileiros publicados por alunos de medicina até os dias atuais, apontando para mudanças históricas importantes, quer de cunho institucional e voltado às especialidades e formação, quer do ponto de vista político e cultural, com suas ações num certo espaço e tempo.

Origens de um jornal que chegou para ficar!

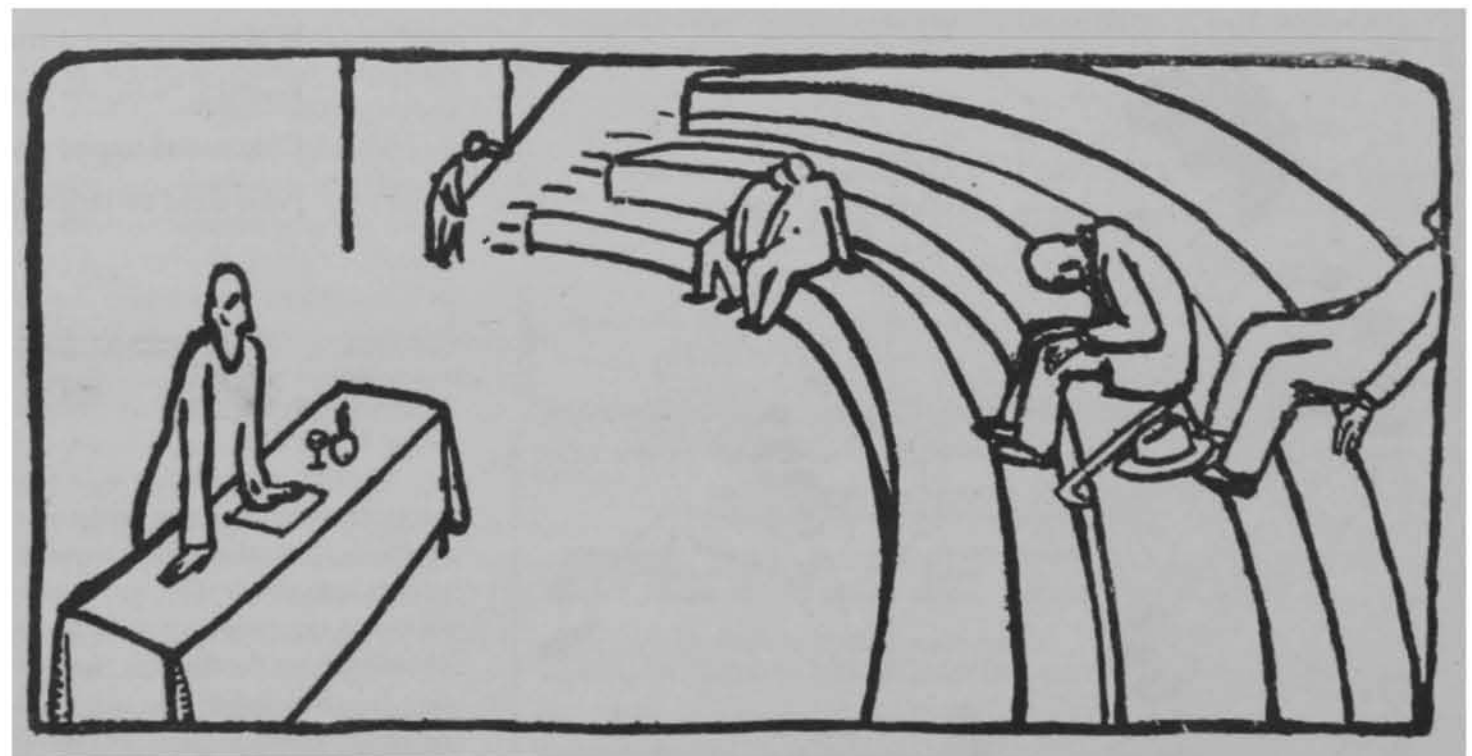
Lançado pelo C.A.O.C em dia 15 de março de 1930, pelas mãos dos alunos-redatores Mário Altenfelder Silva, Mathis Roxo Nobre, Paulo Vilela de Andrade e Gil Spilborgs, O bisturi propunha em suas primeiras linhas ser: “o companheiro de todas as turmas: é calouro e doutorando; é esforçado e vadio, alegre e pensativo; é desportista e poeta. Seu nome define: ‘O bisturi’ (de estudantes). Nunca chega a criar ferrugem, mal manejado, não corta; em mãos despertas, não fere.”

O jornal é indispensável. Este número de hoje é a primeira fornada, talvez um pouco crua, que sai como amostra só para se tomar o gosto das demais que se seguem, separadas pelo menor tempo possível, sem data pré-estabelecida.”

A identidade jornalística se compunha da vida estudantil frente às mudanças vividas pelos alunos e pela cidade de São Paulo, conferindo “expressões próprias” de um “grupo diferenciado”. Vindos dos

mais variados pontos do estado e do país, esses estudantes traziam na bagagem idéias e princípios diversos, acabando por desenvolver “tipos excepcionais de comportamento”, a que se deve acrescentar o fato de constituírem uma corporação em formação, tratando de tipologias e expressões muitas vezes só identificáveis entre os pares. Nesse sentido, o jornal se dizia representante de toda a classe estudantil médica e era aberto à colaboração de todos que quisessem participar: “não queremos fazer de nossa folha simplesmente arquivo de pensamento estudantil, mas o condensador de idéias novas e de todas as aspirações de nossa classe. Avante!”

Irônico e cheio de bom humor, O bisturi conseguiu desenhar, por uma linguagem humorística, a representação discente do cotidiano da Faculdade de Medicina narrando viagens e aulas, caricaturando alunos, professores e funcionários e usando de suas páginas para reivindicar melhorias no ensino, na pesquisa e na assistência médica através da variedade



Maravilhoso esquema, mostrando o procedimento corrente dos alunos, em face das aulas teóricas fornecidas pelos nossos professores. Difícilmente e com raras exceções os anfiteatros apresentam um panorama diferente deste.

Uma bem humorada narrativa de “certas” aulas no anfiteatro do prédio recém construído da FMUSP, 1934.

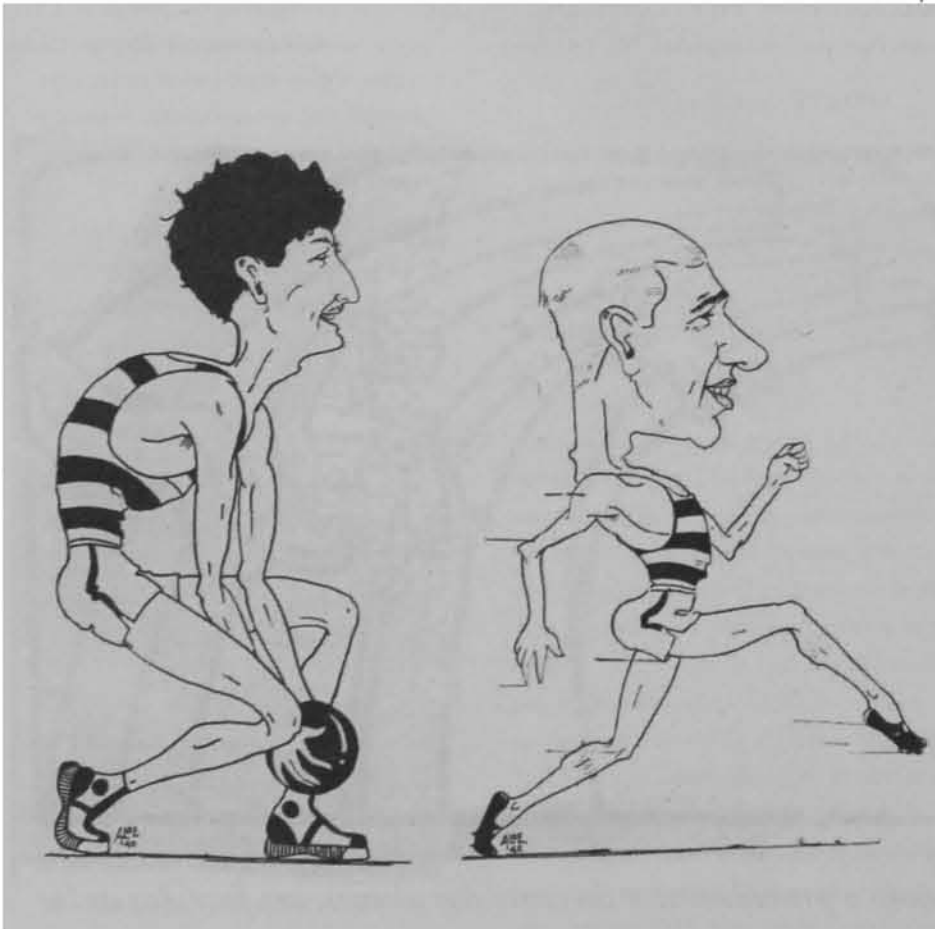
de suas propostas jocosas, matizadas por um sarcasmo médico-estudantil, plasmado pela cultura de massa que passou a invadir, paulatinamente, também, as mentes criativas dos alunos da Faculdade de Medicina. Esse foi o caso da paródia feita à música interpretada pela cantora Carmem Miranda:

"Que é que a baiana tem?"

Que é que esta Escola tem? – Tem
 Tem Anatomia, tem? – Tem
 Tem Fisiologia, tem? – Tem
 Tem Pediatria, tem? Tem
 Tem muita alegria, tem? – Tem
 Que é que esta Escola tem?
 Tem tudo o que as outras tem!
 Tem tudo o que as outras tem,
 E aquilo que as outras não tem!
 Tem prédio colosso? – Tem
 P'rá fazer um bruto farol? – Tem
 Tem Mestre Faria, tem? – Tem
 Tem aula demais também? – Tem
 Tem Luccas e João do bar? – Tem
 Que é que essa Escola tem?
 Que é que essa escola tem?
 Tem briga no Centro, tem? – Tem
 Franco diz que tem razão? – Tem

Machado quer ter também? – Tem
 Não se entende mais ninguém – Hein!
 CORO:
 Quando vocês se agarrarem
 Quando vocês se pegarem
 Não caiam por cima de mim!
 Não caiam por cima de mim!
 Não caiam por cima de mim!
 Julius Hypoglossus"

Um campo bastante tratado, nesses primeiros tempos do jornal, estava ligado à competição entre a Faculdade de Medicina e o Mackenzie, o famoso MAC-MED. Originado em meados dos anos de 1930, o Mac-Med era decidido palmo a palmo entre os estudantes, tendo o Caoc todo um movimento no sentido de melhorar, a cada dia, as suas dependências esportivas, incentivando aqueles que se dispunham a lutar em nome da "Med", pela vitória tão sonhada. Em 1940, O bisturi fará um número especial sobre o evento e em artigo chamado: "O que devemos fazer para ganhar a "Mac-Med"" propuseram: "treinar! Dirão todos. Sim, treinar, concordamos haja vista o que sucedeu no ano passado, mas não é o suficiente. Infelizmente, a par dos esforços despendidos pelos nossos esportistas para a conquista das maiores vitórias para o CAOC, não corre entusiasmo dos nossos colegas pelas competições."



Os alunos campeões de esporte do CAOC: Eduardo di Pietro e Francisco de Paula Santo. Abreu, 1940.

Professores e suas aulas também eram cotidianamente apresentados pelo jornal em formas de charges e crônicas, revelando o dia a dia vivido pela instituição. A área de anatomia, foi uma das que mais receberam a atenção daqueles que escreveram e desenharam em O bisturi, caso exemplar de Alfonso Bovero, o chamado "Urso Branco" e seu discípulo Renato Locchi:

MÁGUAS DE UM CABOCLO



Lochi... tra-la-la-lá...

Ocê véve c'os defunto

Mais na terra dos pé-junto,

Nois inda vai se encontrá.

Eu "pédo" pra Sta. Maria,

E rezo pro São João...

Prá punhá a saparia,

Indrento do meu caixão!

E lá pros outro mundos

Lochi... "véio de guerra"...

C'os meus sapos imundos

Não terei sodades da "Terra".

DEDINHOS

Referência ao professor de Anatomia Renato Locchi, 1943.

Contudo, outras matérias, menos sarcásticas, também foram sendo substituídas pelo jornal indicando o quando esse era um canal de interlocução entre os alunos, professores e aqueles que administravam a Faculdade de Medicina, caso exemplar, da luta pela construção do Hospital das Clínicas no ano de 1937, de sua posição frente à 2ª. Guerra Mundial entre 1939-1945, ou mesmo em tempos de recuo, caso claro vivido durante a ditadura militar, a partir de 1964 ou o reavivamento das matérias de cunho político, que aparecerão já na virada da década de 1980. Aos poucos se notava que o jornal passou a ganhar um caráter mais politizado e menos poético-

-sarcástico, deixando de lado as sátiras para tratar de assuntos mais polêmicos, exigindo maior circunspeção de seus leitores e editores. Talvez essa seja uma mudança importante que fará O bisturi ganhar novos enlevos jornalísticos.

Atualmente, estudantes ainda debatem pelas páginas d'O bisturi sobre a organização profissional médica e sua formação, traduzindo anseios que apontam para o médico, mas antes de tudo, para o aluno de medicina em suas particularidades intrínsecas vividas dentro e fora da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

André Mota é Coordenador do Museu Histórico "Prof. Carlos da Silva Lacerda" e professor de Humanidades da FMUSP. Izabel Cristina Rios é professora de Humanidades da FMUSP.

MOMENTOS

A Caza do Estudante

MAIO DE 1930

Observando-se o evoluir da humanidade através dos tempos, desde a idade das cavernas á época atual, verificámos que o fundamento de todo o progresso repouza, indiscutivelmente, na ciencia. Podemos asseverar, sem perigo de exajero, que é impossivel um paiz progredir, impôr-se perante o mundo pela sua civilização, sem que a ciencia fecunde as inteliências, ampliando-lhes a capacidade e amôr ao trabalho, em todos os ramos da atividade humana. É, sem dúvida, a flôr mais fecunda da civilização. Dezagbrocha, lançando perfumes a todos, ricos e pobre, frutifica, e, fazendo germinar as sementes e terra fértil, multiplica as riquezas, espalha o conforto, a saúde, a felicidade por toda a parte. A agricultura, a industria, o comercio, a saúde pública dependem absolutamente da ciencia, porquanto ela é que tem a seu cargo a descoberta dos meios de maior e mais completo aproveitamento das energias da natureza. Todas as grandes criações do espirito humano, a própria arte – que é o encanto da vida – tambem se eléva, se diviniza quando tem como fúlcro a luz do conhecimento científico. Quantas belezas não verá o ar- [...] impressões não foram transformadas em sensações estéticas a poetas, pintores, escultores, etc., que observaram as couzas do Universo, conhecendo-as perfeitamente!

Como poderiam Homero, Vergilio, Eurípides, Quintus Flacus, Michelet Richepin, Leconte de Lisle, Lamartine, Victor Hugo, Goethe, Heredia... cantar em versos imortaes, as belezas do mar, da sua flóra e fauna encantadoras, sem o conhecimento, sem a observação científica?! Não. Os grandes genios da humanidade, aqueles que se immortalizaram pelo culto á beleza, sentiram-n'a porque observaram as couzas com profundeza, com amôr, numa palavra, com ciencia. O conhecimento conduziu-os, apontou-lhes o principio estético das couzas; o sentimento, a imaginação, a agúdeza de analyse apenas puzeram em relevo esse principio estético, para gáudio dos mortais, que, quazi sempre, sentem a beleza unicamente em sua exteriorização.

Por tudo isso, campanha que nós estudantes fazemos, neste momento, com o fim de facilitar o estudo da ciencia a ricos e pobres, representa, indubitavelmente, uma

aspiração de cunho altamente patriótico merecendo, portanto, o apóio entuziástico da nossa sociedade culta.

Conhecemos que são problemas maximos do Brazil - o combate ao analfabetismo, o desenvolvimento científico da nossa agricultura, o saneamento, a eujenização da raça.

“Não se compreende, como diz o ilustre Dr. Belisario Penna, progresso sem produção, produção sem trabalho, trabalho sem saúde, saúde sem educação. Que especie de trabalho póde realizar um pouco fizica e psiquicamente inferiorizado pela ignorancia e pela doença, com o sangue e as viceras corroidos por vermes e microbios”?

Sim. E como podemos levar de vencida esses males que impedem o progresso, que prejudicam, que asfixiam a capacidade de trabalho da nossa gente? Como podemos apressar a evolução brasileira, vitalizando todo o nosso imenso territorio de norte a sul?

Pela observação dos paizes civilizados, como os Estados Unidos da America do Norte, Noruega, Suecia, Suissa, Dinamarca, França, Inglaterra..., podemos afirmar, sem tibieza, que o verdadeiro caminho a seguir é procurar desenvolver as qualidades que dignificam o homem, como a inteliencia e a vontade – creando-se para isso, centros onde ricos e pobres, grandes e pequenos possam investigar as belezas da ciencia. Eis a aspiração dos estudantes da nossa terra, eis o empreendimento que desejámos levar avante, com a criação da Caza do Estudante. Ela será o templo em que uma falanje de jovens pobres, porém, riquissimos de ideal e de inteliencia, elevará a Pallas Athenéa hinos perenes, prometendo trabalhar pela grandeza da patria, tudo fazendo, sinceramente, pelo brilho do seu destino.

Temos certeza absoluta de que, não muito lonje, este ideal se transformará em realidade, porquanto S. Paulo foi sempre o pioneiro das nossas grandes realizações. Ele que conquistou, pela intrepidez heroica dos bandeirantes, esta imensa extensão territorial – que é o nosso Brazil – ha de, tambem, eleva-lo ao nivel que merece, pela ciencia e pela arte, que aqui florirão com mais força, em milagres de energia e beleza.

Luis A. de Alencar Barros

O Monumento de 32

MAIO DE 1951

* * *

Quando os canhões que troacam pela lei silenciaram e o soldado, que combatia por uma Constituição, depôs sua arma, muita mão piedosa de mãe, noiva e esposa, colocou uma fita de luto no canto do quadro que, orgulhosamente, ostentavam em seus lares, com os dizeres: “Desta casa partiu um soldado da lei”. No lar Grief Borba, isto aconteceu e tambem a família acadêmica de medicina cobriu-se de luto – o estudante José Grief Borba não voltara.

E, quando uma Constituição, pela qual esses moços tinham se sacrificado, permitiu às pessoas se expressarem livremente, a mocidade acadêmica elevou num recanto dos jardins da Faculdade, um monumento em homenagem a esse acadêmico, que ficara no aceso da luta. Todos, que ali passaram, contemplaram com orgulho e admiração o símbolo do esforço da mocidade, pela preservação da lei.

Mas, a resistência democrática foi fraca e o arbítrio subjulgou a lei, parecendo que seus ardentes defensores haviam sucumbido no campo de luta.

Aproveitando as trevas da ditadura e a escuridão da noite, mãos maldosas, talvez guiadas pelas próprias autoridades liberticidas, derrubaram o busto do soldado e arrancaram do

mármore preto a legenda do monumento, com intenção de, destruindo os exemplos do passado, desencorajar a resistência do presente. Mas, aos transeuntes, aquelas pedras brancas e pretas, sem nenhuma inscrição, ainda lembravam um feito paulista.

As trevas da prepotência se dissiparam e novamente a luz da liberdade aqueceu a todos. A mocidade ergueu o busto do soldado, colocando-o no seu antigo lugar e, interpretando os sentimentos dos moços, afixaram os versos do poeta:

Quando se sente bater
No peito, heroica pancada,
Deixa-se folha dobrada,
Enquanto se vai morrer.

A geração de hoje completa a restauração do monumento ao soldado de 32, fixando, definitivamente, o busto, no seu pedestal e reconstituindo a legenda como era antes. Desse modo, prestamos uma nova homenagem a esse jovem que, para nós, já se desligou de 32, de S. Paulo, sublimou, é um símbolo – “O SOLDADO DA LEI” – que, em todos os paizes e em todos os tempos tem enfrentado os tiranos e sucumbido pela LIBERDADE.

J. Valente Barbas

suspensão pronta para injetar

BENZETACIL

máxima performance de níveis penicilínicos **ULTRAPROLONGADOS** com apenas **UMA INJEÇÃO**

1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 26 | 27 | 28

BENZETACIL PEDIÁTRICO 300.000 - níveis até 3 dias

BENZETACIL 600.000 - níveis até 6 dias


BENZETACIL 1.200.000 - níveis até 24 dias (profilaxia a tratamento da febre reumática e profilaxia do tétano)

BENZETACIL 2.400.000 - níveis até 28 dias (especifico no tratamento da sífilis, boubá e outras treponemaloses)

PRONTA PARA USO - economia e conforto

SEGURANÇA - menor possibilidade de reações alérgicas

GARANTIA - níveis ultraprolongados

 Fontoura-Frêre S.A.
Filial do programa de assistência ao Brasil

COTIDIANO

UM DIA NA FACULDADE

SETEMBRO DE 1945

Um dia em nossa Faculdade é em tudo igual ao que precedeu e muito pouco diferirá do subsequente. Tomemos como dia tipo um dia do 1º ano.

São 6.30 e o despertador tina. Faz muito frio: é com dôr no coração que se tira o braço de sob o cobertor para travar o relógio.

- Hoje não vou à aula teórica, é o primeiro pensamento que se nos acomete. Felizmente, porém, se a carne é fraca, o espírito é forte, e com grande fôrça de vontade, mudando de idéia, nos vestimos por cima do pijama, pomos pullover, capa, luvas e quanto mais agasalho tivermos e enfrentando o nevoeiro, nos dirigimos para a Faculdade.

8 horas em ponto: entra o Lochi e começa a aula. Pouco depois, sorratamente e, subindo o anfiteatro colados à parede, chegam dois atrasados. Às 8.06, um terceiro aluno força a porta, mas o sr. Mauricio, cronometricamente rigoroso, impede a entrada.

A aula prossegue. Sem perda de tempo o Lochi fala, fala: é a tela sub-cutânea é o "não há subtendidos nos exames"; apaga a luz, projeta diapositivo; é a serenidade cadavérica que agora ocupa os lábios do discípulo do Prof. Bovero. A hora não passa; o Lochi continua. Finalmente o sr. Mauricio torna a abrir a porta e temos a impressão de que a aula vai terminar. Doce ilusão! Vai estender-se ainda por mais de meia hora...

Vamos depois para o laboratório. Cada um retira sua peça e começa a rachar. De lá para cá, passa o assistente Guerra, implorando que se lhe faça alguma pergunta, ou então o Napoli, doido para aborrecer a paciência de "tal ou qual" pessoa (com licença do Prof. Lochi). A monotonia é quebrada por um café que se vai tomar lá em baixo (pretexto para que se largue o estudo por um pouco), ou pela visita dêste ou daquele que vem passar o bico em alguma menina (não, Otávio, não me refiro a você, não). E assim o tempo se passa. 11.30: o Chico bate palmas e os poucos que ainda estavam estudando, os mais "racha-racha" (que nos permita Rubinski), são obrigados a ir-se embora.

Aborrecidos depois de tanta Anatomia, vamos para casa, com o pensamento num grande almoço.

São 2 horas; vamos pôr o sono em dia. O Névio, fazendo o gesto do Amigo da Onça, cospe aminoácidos, entremeados de piadas, as mais fracas, de que êle ri sózinho, sem ser animado nem mesmo pelos mais badalos (bom, Osvaldo, não me referia a você, mas se a carapuça serviu...)

Dois alunos, em surdina, jogam ,jo-

gam batalha naval; outro, recostado na caixa do projetos, está em plenos braços de Morfeu; outros dormem nas próprias carteiras, enquanto os da frente não tem tal liberdade. Na primeira fileira, Leite Bastos e outros badalos copiam a aula; Helena e Léa, "aças" imitam-nos. Nesse momento o providencial sr. Mauricio nos salva: é o soar da campainha.

Enquanto alguns coitados têm aula prática, em que o Névio ou o Lombriga falam 2 horas e em 10 minutos fazem a

"micha" experiência, o resto da turma vai saindo, para o cinema ou Anatomia, onde a tarde é igualzinha à manhã: Fulano não sai antes de Fulana, Fulana não sai antes de Fulano; o motivo é forte; podem desencontrar...

E assim termina o dia. O seguinte será igualzinho a êle; apenas em vez do Lochi teremos o Xilor recomendando a Miguier Osório de Armeida.

KARA-KUYKA

O estudante que vem à Faculdade apenas para tomar nota de aulas, lembra um analfabeto diante de um livro: examina a capa, olha as figuras, mas não avalia a fortuna intelectual que tem em mãos.

JOÃOZINHO ESCULAPIO



CONSIDERAÇÕES

Vimos observando que a atitude mental de grande maioria os nossos colegas é de má vontade em relação às moças que estudam Medicina não com referencia a nenhuma de nós pessoalmente, mas à “Categoria” de moças estudantes.

Os argumentos que são vários. Quase todos repetem, por exemplo, que as moças estão tomando o lugar de rapazes, porque provávelmente não exercerão a profissão depois de formadas. Este “provavelmente” é o ponto fraco, porque não se pode afirmar desde já que as colegas deixarão de trabalhar... Ademais as moças não “tomam” o lugar de rapazes, porque concorrem com eles, em igualdade de condições, no exame vestibular. E se fizermos cálculos sobre a porcentagem de moças que não exercem a Medicina, veremos que não é muito maior do que a porcentagem de rapazes que, uma vez formados, se tornaram professores, fazendeiros, ou se dedicam à política. O problema poderia ser deslocado para o ponto de vista social, isto é a obrigação que devemos ao estado que nos proporciona possibilidade de estudar nesta faculdades. Mas então o casos e torna muito complexo, porque não se pode medir a utilidade social dos que exercerão a profissão, e de qualquer maneira, se estende também aos rapazes.

Outros dizem que as moças não se interessam pela vida na faculdade. Talvez não saibam que grande número de nossas colegas trabalham na liga contra a sífilis, contra a tuberculose, no departamento de cultura; talvez não tenham observado que nas Assembléias

do centro há sempre presente um grande número de moças (apesar das “saudações” que costumam receber quando lá chegam;) talvez também não saibam que no ano passado as nossas colegas esportistas conseguiram mais pontos para a AAAOC no Torneio-estiuo, do que os rapazes, na prova de nataçao.

Alguns dos rapazes afirmam apenas: “mulher não dá para o estudo”. Provavelmente não sabem que os primeiros lugares das classes com muita frequência têm sido ocupados por moças. A isso argumentam outros que as moças são decoradoras e muito teóricas; estes não devem ter visto suas colegas no Hospital, algumas se destacando até no tão “masculino” campo da cirurgia; se tivessem observado bem, veriam que as probabilidades de errar não são maiores para as moças do que para os rapazes... E aqui aparecem os que dizem que as moças são boas alunas porque nada mais fazem senão estudar. Também estão mal informados, pois do contrario saberiam que muitas das moças trabalham varias horas por dia, sem falarmos nos inúmeros servicinhos caseiros que todas nós fazemos (nenhum dos rapazes se ocupa disso!)

Há ainda os que dizem que as moças que estudam Medicina perdem as ilusões (será isso descantagem?), tornam-se realistas em demasia, masculinizam-se. Quão pouco psicólogos são estes rapazes, que não sabem que alma das estudantes da Faculdade é igual à das outras... com seus privilégios e fraquezas particulares! Talvez não saibam que no nosso D.F. (Departamento

PROFANAÇÕES

Maio de 1935

Soubemos que certo professor está pleiteando junto à Diretoria da Faculdade o fechamento do ‘O BISTURI’, como medida de “Higiene” para esta escola. Afirmou o ilustre mestre que o “O BISTURI” não tinha o direito de “profanar” o braço da Faculdade estampando-o em seu cabeçalho, pois que este jornal só desprestigia os professores e assistentes.

Lamentamos muito que o respeitavel sabio tão zeloso pelo patrimonio moral da Faculdade ainda não lhe conheça o Braço. Pois o distintivo que vai no “O BISTURI” é do Centro e não da Faculdade.

Lembramos ao brioso professor a vantagem de se conter quando fizermos referencias a seu respeito, pois que os escandalos praticados na secretaria é o que desprestigiam e não as nossas cronicas. Estas em geral são lidas por pessoas á altura de compreenderem que tudo é brincadeira, pois precisamos de materia prima para o humorismo, e recorremos de preferencia aos professores que são as mais ferteis jazidas.

Feminino) tanto se fala sobre disseccao ou numa festa, sobre um caso clínico ou de um vestido novo, sem maior incosecuência aliás do que a dos rapazes passam uma aula no Hospital a um jogo de futebol...

Além de tudo há aquêles que se divertem puerilmente com a já célebre feitura das estudantes da Faculdade; a esse respeito, há bem maior largueza de vista da parte das moças, pois não avaliam os colegas apenas pelo facies...

E afinal não conseguimos descobrir nenhum argumento de fato consistente em todo o arzaado dos rapazes. Talvez

reconsiderando o assunto eles concordem em que não há motivo real para a sua má-vontade, e se mostrem um dia dispostos a nos tratar como colegas “de fato” e não apenas “de jure”

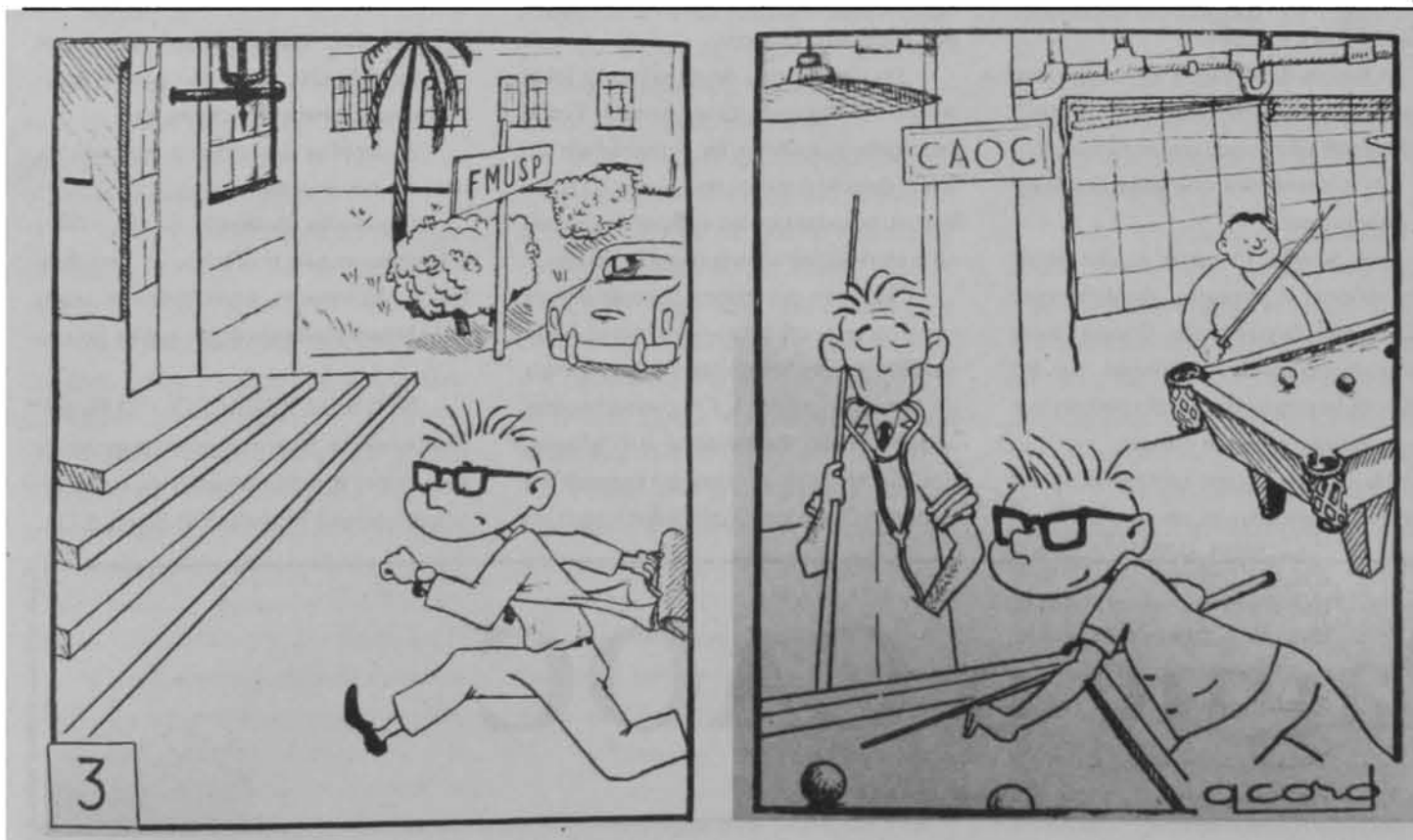
Dulce de Camargo Vieira



ANFERTIL por algum tempo. Estamos começando a vida. Primeiro há os plantões, estágios, cursos complementares e a casa. Então, teremos uma família. Então, teremos uma família. Até lá, ANFERTIL 1/2mg vai nos proporcionar os meios. E com que segurança e conforto! Claro, ANFERTIL, 1/2 mg é o mais atualizado anovulatório devido à redução da dosagem progéstínica. Bem por isso é indicado inclusive para pacientes com intolerância à medicação anteriormente disponível.

ANFERTIL
estôjo com
21 comprimidos

Fontoura-Pesch S.A.



CENTRO ACADÊMICO

O SIMBOLISMO DO EMBLEMA DO CAOC

SETEMBRO DE 1956



Naquela tarde de 1929 o anfiteatro de Anatomia e dependências achavam-se literalmente apinhados de acadêmicos, e dentre eles alguns professores e assistentes. Treze horas e trinta! O momento era histórico; em solene reunião do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, verificar-se-ia a exposição e comentário sobre o novo distintivo e estandarte do Centro. À mesa via-se o presidente do C. A. O. C., doutorando Renato da Costa Bonfim, ladeado pelo professor Flaminio Fávero, então vice-diretor da Faculdade e pelo professor Guilherme Bastos Milward, que idealizara o estandarte.

Após a saudação do doutorando Bonfim, o prof. Milward fez uma bela conferência, explicando o simbolismo de casa um dos elementos reunidos admiravelmente no estandarte e na flâmula.

Inspirou o trabalho, a obra de síntese, alegoria e estética de Paim, que representa a inteligência, a preponderância e o afeto, pos-

tos a serviço da humanidade. A inteligência é representada pelo livro de Aphorismos do Pai da Medicina, sobre o qual o sacerdote fez o juramento. A prudência simbolizada pela cobra, decorre do compromisso tomado no juramento, porque esse símbolo é uma arma de dois gumes, e da serpente devemos ter a prudência e não a peçonha. Afinal o templo de Asclepion, onde o médico vai exercer a sua atividade no caminho para o doente.

Esses elementos aparecem no estandarte concretizado pelo pincel de Oscar Pereira da Silva mas enriquecidos e ampliado pelo idealizador, prof. Milward.

Sobressai como contorno interno do distinto um triângulo. Seu significado é amplo. O pensamento serve-se da mecânica da figura geométrica para expressar síntese, sinergia e simpatia. O triângulo aparece regendo a exteriorização do pensamento quando se sublima nas composições estéticas. Por outro lado cada vértice expressa

nas figuras centrais da medicina de uma época e da cultura greco-latina. Hipócrates e Galeno nos ângulos da Hipotenusa e Bichat no terceiro ângulo, representando o restabelecimento da inteligência positiva dos fenômenos que se passam nos seres vivos — simboliza a Anatomia Geral.

No distintivo os três componentes do sacerdócio médico são representados pelos três degraus que dão acesso ao Asclepion; decorrem do ensinamento estabelecido pelo médico de Cós em fulguração genial; tudo concorre, tudo consente e tudo simpatiza.

A parte central do distintivo separa-se da extrema por uma cobra, esta simboliza a prudência; prudência que cabe para nós brasileiros que constituímos nação nova em formação, onde se caldeiam raças. É a prudência em amplexo integral guardando carinhosamente a herança dos antepassados.

O caráter romano aliado à inteligência grega, dos quais sofremos influência, foram

representados pelo triângulo. Transformado pela centelha do pensamento cristão, levada por Paulo de Tarso, este espírito se reencarna nos novos dilatadores do império: "as armas e os barões assinalados" Isto é expresso no distintivo pelo nome da Faculdade de Medicina de S. Paulo, rodeado pela radiação solar. Esta radiação é representada por catorze feixes de luz, isto é, sete duplicado, que é a imagem representativa do Setestrela, constelação muito conhecida dos antigos navegadores portugueses.

Temos pois, no estandarte do C. A. O. C. uma concepção maravilhosa do espírito humanista de um notável cultor da ciência, prof. Milward, que soube aliar a estética original e forte à marcha ascensional da sociedade. Rememorar esse simbolismo é prestar uma homenagem à tradicional sociedade dos alunos da FMUSP, que tanto tem contribuído à intelectualidade e espírito científico que S. Paulo projeta no Brasil.

O QUE FOI O I CONGRESSO NACIONAL DE IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

O certame não preencheu suas finalidades

AGOSTO DE 1955

Sob o patrocínio da U.N.E., realizou-se de 23 a 28 de maio do ano corrente, no Distrito Federal, o 1º Congresso Nacional de Imprensa Universitária. Teve por fim reunir representantes de Jornais e Revistas Universitárias para: 1) trocas de experiências; 2) proposição de soluções para os principais problemas.

Na Sessão Inaugural organizou-se o seguinte programa:

- Temário das Sessões Plenárias.
- Papel Cultural da Imprensa Universitária.
- Situação Econômica da Imprensa Universitária.
- A Imprensa Universitária e as Reivindicações Estudantis.
- Visitas
- Às instalações de "A Última Hora".
- Ao Museu Imperial de Petropolis (não

realizada).

Conferência pelo jornalista Danton Jobin, diretor do "Diário Carioca"

Ballet da Juventude (não realizado).

Exposição dos Jornais e Revistas, para concorrência a Prêmios.

A Revista de Medicina fez-se representar através do seu Secretário. "O Bisturi", infelizmente não pôde ser representado.

Os comentários que posemos fazer são os seguintes:

Nas Sessões Plenárias as discussões eram teóricas e, portanto, absolutamente estéreis, por faltarem aos Congressistas conhecimento amplo da situação real dos órgãos da imprensa das Escolas outras que não aquela que o orador cursava.

Na IV Sessão (que nos pareceu mais objetiva), apresentamos, em conjunto com

os representantes da Escola Politécnica, uma tese procurando promover, sob um esquema regulamentado, o intercâmbio dos órgãos da Imprensa Universitária. A tese, aprovada por unanimidade, também não deu resultados práticos.

Da Conferência do jornalista D. Jobin pôde o Congresso tirar proveito. Tendo lecionado jornalismo na Universidade do Texas durante 6 meses, traçou-nos o Dr. Jobin, em palavras rápidas, a importância dada ao ensino do jornalismo naquele Estado.

Todos os professores a partir dos de curso correspondente ao nosso ginásial, tem anualmente de assistir cursos especializados de técnica jornalística. Os conhecimentos adquiridos são transmitidos aos "ginásianos". Desse modo procura-se interessar já o "ginásiano" pela leitura crítica dos jornais, do

ponto de vista da técnica jornalística, como por exemplo:

- Técnica de redação.
- Técnica de direção.
- A arte na exposição de notícias
- O zelo e cuidado na apresentação de notícias delicadas, como são por exemplo, os crimes e, dentre os sexuais, etc.

A escolha dos órgãos vencedores, também não se realizou.

Conclusão: Realizado de afogadilho, o Congresso não preencheu as suas finalidades. Entretanto, esperamos que tenha servido para melhores organizações futuras.

NOTA DA REDAÇÃO — "O Bisturi" não pôde se fazer representar apesar de seus esforços para obtenção de verba necessária junto à Reitoria, U.E.E. e C.A.O.C.

Pague o CAOC

HOSPITAL DE CLINICAS

AGOSTO DE 1937

Um traço que deve ter impressionado pela constancia na generalidade dos trabalhos reunidos na presente edição extraordinaria de “O Bisturi” – e nos referimos especialmente ás cartas e collaborações dos professores e assistentes – é a significativa franqueza com que se ataca o problema em fóco. O Estado deve construir o Hospital das Clinicas, e por razões de ordem moral, e por razões de ordem social, e por razões de ordem cultural. O que sem elle se pode atingir, no campo da educação medica, da instrução medica, da cultura medica, da assistência medica, serão sempre aquellas soluções sem consistencia, porque eivadas das falhas que veem ne baixo, dos fundamentos das organizações.

Adivinha-se em espiritos mais superficiaes a duvida: não estaremos diante duma grande explosão de ambição incontida, de manifestações baixas de um insaciavel que, recebendo de presente o mais luxuoso palacio, se acha no direito de exigir mais outro e ainda mais rico! Pondere-se, e a Campanha promovida pelos estudantes e



apoiada pelos professores da Faculdade de Medicina apparecerá como o mais justificavel dos movimentos. Existirem grandiosas installações para os laboratorios é haver necessidade de, parallelamente, existirem grandiosas installações para as enfermarias. O contrario é condemnar os laboratorios a uma relativa inactividade ou, quando não, a um desvitramento de suas finalidades. Produzem elles na actual Faculdade de S.

Paulo uma fracção do que poderão produzir si, deixando de ser uma obra incompleta, a Faculdade vier a possuir também o seu Hospital de Clinicas. Assim sendo, os laboratorios das ciencias medicas e as enfermarias das clinicas encrementando, uns aos outros, a eficiencia e a capacidade de producção, a construcção do Hospital da Faculdade de Medicina será, do ponto de vista politico-administrativo, acto da mais

pura economia.

As ciencias podem se classificar; não se comprehende, porém, que se queira dispô-las em hierarchia. Todas valem igualmente, si todas possuem um legitimo campo de pesquisas; porque, o seu campo abrangendo as condições normaes e anormaes da vida humana, encontram-se as ciencias medicas em contacto frequente com os problemas da medicina pratica, não valem elas menos que as outras, nem é menos possivel nellas a pesquisa desinteressada. O ideal universitario do incremento da pesquisa scientifica pura requer, portanto também, a construcção do Hospital de Clinicas da Faculdade de Medicina.

Que o esclarecido governo do Estado permita a S. Paulo, olhos postos na grandeza e no prestigio do Brasil, apresentar ao mundo mais uma prova de sua soberba capacidade de trabalho e de organização: dentro duma Universidade que ganha cada dia em consistencia, uma Faculdade de Medicina modelar e completa.

Helio Lourenço de Oliveira

APEZAR DO ESFORÇOS DOS MESTRES E DA BOA VONTADE DOS DISCIPULOS, O NOSSO APRENDIZADO CLINICO É IN-COMPLETO, PELA FALTA DE INSTALLAÇÕES CONVENIENTES

Carta enviada pelo Prof. Alípio Corrêa Netto

AGOSTO DE 1937

Autor: Prof. Alípio Corrêa Netto
Sr. Academico Roberto Brandi.

M. D. Presidente do Centro Acadêmico
“Oswaldo Cruz”

Saudações.

Acuso o recebimento, que agradeço, do seu officio de abril corrente, em que solicita a minha opinião a respeito da necessidade de instalação do Hospital de Clinicas da nossa Faculdade.

Com o máximo interesse acompanhamos o movimento iniciado pelos estudantes, orientados pelo Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, em prol dessa aspiração indispensavel para o urgente melhoramento do nossos cursos medicos.

Podemos seguramente afirmar que não temos uma só cadeira de Clinica instalada convenientemente ao ensino; o aprendizado, dest’arte, ha de ser incompleto, deficitário e mal orientado, apesar dos esforços dos mestres e da boa vontade dos discipulos.

Não procede o argumento de estarem as clinicas bem aquinhoadas com a sua instalação na Sta. Casa, onde ha grande número de doentes, por isso que, sendo aí os professores apenas hóspedes, têm eles, pela força das cir-

cumstancias, de se submeter ao regulamento desse hospital, cujos fins são exclusivamente de assistência, jamais de ensino. Resulta, desta situação, estarem os chefes das Cadeiras de Clinicas freados nos seus movimentos, não podendo dispor de meios didáticos, nem mesmo da necessária comodidade para o efeito de um ensino proveitoso.

Nestas breves considerações quero apenas patentear ser de grande alcance o propósito dos moços que se batem pelo melhoramento dos nossos cursos de clinicas, alcançando completar a obra educativa que é de esperar-se desta Faculdade, onde o estudo das cadeiras básicas encontram eficiencia admiravel, graças também as magnificas installações de que dispõe.

Admiramos este movimento agora esboçado, que mostra o alto amôr ao estudo revelado pelos alunos, que mostram compreensão nítida das nossas necessidades, assim como nos solidarizamos inteiramente com as considerações manifestadas nas palavra do officio que ora tenho o prazer de responder.

Com alta consideração e estima.

Alípio Corrêa Netto
Prof. de Clínica Cirurgica (4º ano).

Carta enviada ao presidente do Centro pelo Cathedratico de Medicina Legal, Prof. Flaminio Favero – Diretor da Faculdade

AGOSTO DE 1937

Em 17 de abril de 1937
Sr. Presidente

Attenciosas saudações

Recebi seu distinto officio do inicio deste mez, pedindo a minha opinião a respeito da oportunidade da Campanha do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” em prol da construcção do Hospital de Clinicas.

Respondo com prazer.

Julgo de toda oportunidade essa Campanha, que posso chamar de benemérita, e por dous motivos.

Todas as atencões se voltam, quer no Estado, quer na União, para os problemas de ensino, verdadeiramente prementes. S. Paulo tem hoje a sua Universidade, de que é parte máxima a Faculdade de Medicina. Mas, este Instituto, que é apontado como modelo, ainda não está aparelhado para preencher completamente as suas finalidades, porque lhe falta um dos ses esteios. Tem laboratorios completos, mas não possui Hospital proprio. Já se disse que é um verdadeiro caso de hemiplegia... E, de facto, mas hemiplegia curável.

Assim, é mais do que oportuno focalisar-se essa falha e mostrar a necessidade de ser remedida.

Além disso, há um grave compromisso de honra com a Faculdade que nos doou o actual



prédio para os laboratórios: de que as clinicas teriam também as suas installações. A palavra de S. Paulo não póde faltar, porque seria a primeira vez. Está demorando mas será honrada pelo cumprimento integral de seu desempenho. E quanto mais demorar, maior e mais viva é a oportunidade de ser solvida.

Porfim, considero ainda, o que vejo implícito na pergunta do officio, a competência do Centro em assumir a sua actual attitude.

A Faculdade de Medicina foi feita para os seus alumnos. Ninguem, pois, melhor do que estes, para dizer das dificuldades que vão encontrando nos seus estudos e assim, sugerir aos orgams competentes a remoção das mesmas. As clinicas estão em sedes de empréstimo, em casa alheia. A situação não é par encher de jubilo aos alumnos, força é convir.

Hypotheco pois, como professor e como antigo alumno da Faculdade, a minha inteira solidariedade à campanha oportuna do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” Tenha ella o máximo de eficiencia, dando-nos, finalmente, o Hospital de Clinicas.

Sirvo-me de ensejo para apresentar-lhes os meus protestos de estima e apreço.

Prof. Dr. Flaminio Favero
(Cathedratico de Medicina Legal)

CENTRO ACADÊMICO

O SIMBOLISMO DO EMBLEMA DO CAOC

SETEMBRO DE 1956

Naquela tarde de 1929 o anfiteatro de Anatomia e dependências achavam-se literalmente apinhados de acadêmicos, e dentre eles alguns professores e assistentes. Treze horas e trinta! O momento era histórico; em solene reunião do Centro Acadêmico Osvaldo Cruz, verificar-se-ia a exposição e comentário sobre o novo distintivo e estandarte do Centro. À mesa via-se o presidente do C. A. O. C., doutorando Renato da Costa Bonfim, ladeado pelo professor Flaminio Fávero, então vice-diretor da Faculdade e pelo professor Guilherme Bastos Milward, que idealizara o estandarte.

Após a saudação do doutorando Bonfim, o prof. Milward fez uma bela conferência, explicando o simbolismo de casa um dos elementos reunidos admiravelmente no estandarte e na flâmula.

Inspirou o trabalho, a obra de síntese, alegoria e estética de Paim, que representa a inteligência, a preponderância e o afeto, pos-

tos a serviço da humanidade. A inteligência é representada pelo livro de Aphorismos do Pai da Medicina, sobre o qual o sacerdote fez o juramento. A prudência simbolizada pela cobra, decorre do compromisso tomado no juramento, porque esse símbolo é uma arma de dois gumes, e da serpente devemos ter a prudência e não a peçonha. Afinal o templo de Asclepion, onde o médico vai exercer a sua atividade no caminho para o doente.

Esses elementos aparecem no estandarte concretizado pelo pincel de Oscar Pereira da Silva mas enriquecidos e ampliado pelo idealizador, prof. Milward.

Sobressai como contorno interno do distinto um triângulo. Seu significado é amplo. O pensamento serve-se da mecânica da figura geométrica para expressar síntese, sinergia e simpatia. O triângulo aparece regendo a exteriorização do pensamento quando se sublima nas composições estéticas. Por outro lado cada vértice expressa



nas figuras centrais da medicina de uma época e da cultura greco-latina. Hipócrates e Galeno nos ângulos da Hipotenusa e Bichat no terceiro ângulo, representando o restabelecimento da inteligência positiva dos fenômenos que se passam nos seres vivos — simboliza a Anatomia Geral.

No distintivo os três componentes do sacerdócio médico são representados pelos três degraus que dão acesso ao Asclepion; decorrem do ensinamento estabelecido pelo médico de Cós em fulguração genial; tudo concorre, tudo consente e tudo simpatiza.

A parte central do distintivo separa-se da extrema por uma cobra, esta simboliza a prudência; prudência que cabe para nós brasileiros que constituímos nação nova em formação, onde se caldeiam raças. É a prudência em amplexo integral guardando carinhosamente a herança dos antepassados.

O caráter romano aliado à inteligência grega, dos quais sofremos influência, foram

representados pelo triângulo. Transformado pela centelha do pensamento cristão, levada por Paulo de Tarso, este espírito se reencarna nos novos dilatadores do império: "as armas e os barões assinalados" Isto é expresso no distintivo pelo nome da Faculdade de Medicina de S. Paulo, rodeado pela radiação solar. Esta radiação é representada por catorze feixes de luz, isto é, sete duplicado, que é a imagem representativa do Setestrela, constelação muito conhecida dos antigos navegadores portugueses.

Temos pois, no estandarte do C. A. O. C. uma concepção maravilhosa do espírito humanista de um notável cultor da ciência, prof. Milward, que soube aliar a estética original e forte à marcha ascensional da sociedade. Rememorar esse simbolismo é prestar uma homenagem à tradicional sociedade dos alunos da FMUSP, que tanto tem contribuído à intelectualidade e espírito científico que S. Paulo projeta no Brasil.

O QUE FOI O I CONGRESSO NACIONAL DE IMPRENSA UNIVERSITÁRIA

O certame não preencheu suas finalidades

AGOSTO DE 1955

Sob o patrocínio da U.N.E., realizou-se de 23 a 28 de maio do ano corrente, no Distrito Federal, o 1º Congresso Nacional de Imprensa Universitária. Teve por fim reunir representantes de Jornais e Revistas Universitárias para: 1) trocas de experiências; 2) proposição de soluções para os principais problemas.

Na Sessão Inaugural organizou-se o seguinte programa:

- Temário das Sessões Plenárias.
- Papel Cultural da Imprensa Universitária.
- Situação Econômica da Imprensa Universitária.
- A Imprensa Universitária e as Reivindicações Estudantis.
- Visitas
- Às instalações de "A Última Hora"
- Ao Museu Imperial de Petropolis (não

realizada).

Conferência pelo jornalista Danton Jobin, diretor do "Diário Carioca"

Ballet da Juventude (não realizado).

Exposição dos Jornais e Revistas, para concorrência a Prêmios.

A Revista de Medicina fez-se representar através do seu Secretário. "O Bisturi", infelizmente não pôde ser representado.

Os comentários que posemos fazer são os seguintes:

Nas Sessões Plenárias as discussões eram teóricas e, portanto, absolutamente estéreis, por faltarem aos Congressistas conhecimento amplo da situação real dos órgãos da imprensa das Escolas outras que não aquela que o orador cursava.

Na IV Sessão (que nos pareceu mais objetiva), apresentamos, em conjunto com

os representantes da Escola Politécnica, uma tese procurando promover, sob um esquema regulamentado, o intercâmbio dos órgãos da Imprensa Universitária. A tese, aprovada por unanimidade, também não deu resultados práticos.

Da Conferência do jornalista D. Jobin pôde o Congresso tirar proveito. Tendo lecionado jornalismo na Universidade do Texas durante 6 meses, traçou-nos o Dr. Jobin, em palavras rápidas, a importância dada ao ensino do jornalismo naquele Estado.

Todos os professores a partir dos de curso correspondente ao nosso ginásio, tem anualmente de assistir cursos especializados de técnica jornalística. Os conhecimentos adquiridos são transmitidos aos "ginasianos". Desse modo procura-se interessar já o "ginasiano" pela leitura crítica dos jornais, do

ponto de vista da técnica jornalística, como por exemplo:

- Técnica de redação.
- Técnica de direção.
- A arte na exposição de notícias
- O zelo e cuidado na apresentação de notícias delicadas, como são por exemplo, os crimes e, dentre os sexuais, etc.

A escolha dos órgãos vencedores, também não se realizou.

Conclusão: Realizado de afogadilho, o Congresso não preencheu as suas finalidades. Entretanto, esperamos que tenha servido para melhores organizações futuras.

NOTA DA REDAÇÃO — "O Bisturi" não pôde se fazer representar apesar de seus esforços para obtenção de verba necessária junto à Reitoria, U.E.E. e C.A.O.C.

Pague o CAOC

HOSPITAL DE CLINICAS

AGOSTO DE 1937

Um traço que deve ter impressionado pela constancia na generalidade dos trabalhos reunidos na presente edição extraordinaria de “O Bisturi” – e nos referimos especialmente ás cartas e collaborações dos professores e assistentes – é a significativa franqueza com que se ataca o problema em fôco. O Estado deve construir o Hospital das Clinicas, e por razões de ordem moral, e por razões de ordem social, e por razões de ordem cultural. O que sem elle se pode atingir, no campo da educação medica, da instrução medica, da cultura medica, da assistência medica, serão sempre aquellas soluções sem consistencia, porque eivadas das falhas que veem ne baixo, dos fundamentos das organizações.

Adivinha-se em espiritos mais superficiaes a duvida: não estaremos diante duma grande explosão de ambição incontida, de manifestações baixas de um insaciavel que, recebendo de presente o mais luxuoso palacio, se acha no direito de exigir mais outro e ainda mais rico! Pondere-se, e a Campanha promovida pelos estudantes e



apoiada pelos professores da Faculdade de Medicina apparecerá como o mais justificavel dos movimentos. Existirem grandiosas installações para os laboratorios é haver necessidade de, parallelamente, existirem grandiosas installações para as enfermarias. O contrario é condemnar os laboratorios a uma relativa inactividade ou, quando não, a um desvitramento de suas finalidades. Produzem elles na actual Faculdade de S.

Paulo uma fracção do que poderão produzir si, deixando de ser uma obra incompleta, a Faculdade vier a possuir também o seu Hospital de Clinicas. Assim sendo, os laboratorios das ciencias medicas e as enfermarias das clinicas encrementando, uns aos outros, a eficiencia e a capacidade de producção, a construcção do Hospital da Faculdade de Medicina será, do ponto de vista politico-administrativo, acto da mais

pura economia.

As ciencias podem se classificar; não se comprehende, porém, que se queira dispô-las em hierarchia. Todas valem igualmente, si todas possuem um legitimo campo de pesquisas; porque, o seu campo abrangendo as condições normaes e anormaes da vida humana, encontram-se as ciencias medicas em contacto frequente com os problemas da medicina pratica, não valem elas menos que as outras, nem é menos possivel nellas a pesquisa desinteressada. O ideal universitario do incremento da pesquisa scientifica pura requer, portanto também, a construcção do Hospital de Clinicas da Faculdade de Medicina.

Que o esclarecido governo do Estado permita a S. Paulo, olhos postos na grandeza e no prestigio do Brasil, apresentar ao mundo mais uma prova de sua soberba capacidade de trabalho e de organização: dentro duma Universidade que ganha cada dia em consistencia, uma Faculdade de Medicina modelar e completa.

Helio Lourenço de Oliveira

APEZAR DO ESFORÇOS DOS MESTRES E DA BOA VONTADE DOS DISCIPULOS, O NOSSO APRENDIZADO CLINICO É IN-COMPLETO, PELA FALTA DE INSTALLAÇÕES CONVENIENTES

Carta enviada pelo Prof. Alípio Corrêa Netto

AGOSTO DE 1937

Autor: Prof. Alípio Corrêa Netto
Snr. Academico Roberto Brandi.

M. D. Presidente do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”.

Saudações.

Acuso o recebimento, que agradeço, do seu officio de abril corrente, em que solicita a minha opinião a respeito da necessidade de instalação do Hospital de Clinicas da nossa Faculdade.

Com o máximo interesse acompanhamos o movimento iniciado pelos estudantes, orientados pelo Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”, em prol dessa aspiração indispensavel para o urgente melhoramento do nossos cursos medicos.

Podemos seguramente afirmar que não temos uma só cadeira de Clinica instalada convenientemente ao ensino; o aprendizado, dest’arte, ha de ser incompleto, deficitário e mal orientado, apesar dos esforços dos mestres e da boa vontade dos discipulos.

Não procede o argumento de estarem as clinicas bem aquinhoadas com a sua instalação na Sta. Casa, onde ha grande número de doentes, por isso que, sendo aí os professores apenas hóspedes, têm eles, pela força das cir-

cumstancias, de se submeter ao regulamento desse hospital, cujos fins são exclusivamente de assistência, jamais de ensino. Resulta, desta situação, estarem os chefes das Cadeiras de Clinicas freados nos seus movimentos, não podendo dispor de meios didáticos, nem mesmo da necessária comodidade para o efeito de um ensino proveitoso.

Nestas breves considerações quero apenas patentear ser de grande alcance o propósito dos moços que se batem pelo melhoramento dos nossos cursos de clinicas, alcançando completar a obra educativa que é de esperar-se desta Faculdade, onde o estudo das cadeiras básicas encontram eficiencia admiravel, graças também as magnificas installações de que dispõe.

Admiramos este movimento agora esboçado, que mostra o alto amôr ao estudo revelado pelos alunos, que mostram compreensão nítida das nossas necessidades, assim como nos solidarizamos inteiramente com as considerações manifestadas nas palavra do officio que ora tenho o prazer de responder.

Com alta consideração e estima.

Alípio Corrêa Netto
Prof. de Clínica Cirurgica (4º ano).

Carta enviada ao presidente do Centro pelo Cathedratico de Medicina Legal, Prof. Flaminio Favero – Diretor da Faculdade

AGOSTO DE 1937

Em 17 de abril de 1937
Sr. Presidente

Attenciosas saudações

Recebi seu distinto officio do inicio deste mez, pedindo a minha opinião a respeito da oportunidade da Campanha do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz” em prol da construcção do Hospital de Clinicas.

Respondo com prazer.

Julgo de toda oportunidade essa Campanha, que posso chamar de benemérita, e por dous motivos.

Todas as atencões se voltam, quer no Estado, quer na União, para os problemas de ensino, verdadeiramente prementes. S. Paulo tem hoje a sua Universidade, de que é parte máxima a Faculdade de Medicina. Mas, este Instituto, que é apontado como modelo, ainda não está aparelhado para preencher completamente as suas finalidades, porque lhe falta um dos ses esteios. Tem laboratorios completos, mas não possui Hospital proprio. Já se disse que é um verdadeiro caso de hemiplegia... E, de facto, mas hemiplegia curável.

Assim, é mais do que oportuno focalisar-se essa falha e mostrar a necessidade de ser remedida.

Além disso, há um grave compromisso de honra com a Faculdade que nos doou o actual



prédio para os laboratórios: de que as clinicas teriam também as suas installações. A palavra de S. Paulo não póde faltar, porque seria a primeira vez. Está demorando mas será honrada pelo cumprimento integral de seu desempenho. E quanto mais demorar, maior e mais viva é a oportunidade de ser solvida.

Porfim, considero ainda, o que vejo implícito na pergunta do officio, a competência do Centro em assumir a sua actual attitude.

A Faculdade de Medicina foi feita para os seus alumnos. Ninguem, pois, melhor do que estes, para dizer das difficuldades que vão encontrando nos seus estudos e assim, sugerir aos orgams competentes a remoção das mesmas. As clinicas estão em sedes de empréstimo, em casa alheia. A situação não é par encher de jubilo aos alumnos, força é convir.

Hypotheco pois, como professor e como antigo alumno da Faculdade, a minha inteira solidariedade à campanha oportuna do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”. Tenha ella o máximo de eficiencia, dando-nos, finalmente, o Hospital de Clinicas.

Sirvo-me de ensejo para apresentar-lhes os meus protestos de estima e apreço.

Prof. Dr. Flaminio Favero
(Cathedratico de Medicina Legal)

ESPORTES

O ESPORTE

MARÇO DE 1930

A prática do esporte é um poderoso fator para a união dos acadêmicos.

Já, na Faculdade, se nota que as turmas não são tão desunidas e que, no campo de esporte, a distinção entre alunos de um e de outro ano, desaparece.

O movimento iniciado em 1929 começa a produzir resultados bons. Temos na turma de atletas, rapazes que podem figurar em qualquer clube, pelas suas esplêndidas qualidades.

Felizmente já se compreende que o atleta não nasce feito e que é à custa de muito treino e de algum sacrifício que se consegue progredir no atletismo ou em outro qualquer ramo esportivo. Esse ponto deve ser lembrado àquelles que dizem não praticarem o esporte por saberem que não dão para couza alguma; essa conclusão é tirada após umas voltas na pista, nas quaes procuram acompanhar um corredor experimentado. Isso é falso.

Evidentemente ninguém logo no primeiro dia de treino faz 400 metros em 49 segundos; da mesma forma ninguém fala alemão depois da primeira lição.

O que faz um Lucio de Castro ou um Padilha, sem duvida, é devido a qualidades excepcionaes, mas não se exigem campeões sulamericanos e sim atletas bons e isso não é difícil.

Facilidade para uma ou outra coisa, relativamente, sempre se tem. Se se tornar impossível o progresso em corridas de velocidade, o mesmo não acontecerá com as de fundo ou com os arremessos.

E de mais, o atletismo e os outros esportes, não são unicamente motivos para espetáculo. Não se viza na sua pratica a exibição em publico nem a esperança de adquirir musculos colossais para amedrontar o proximo; se isso se dêsse, eles não passariam de meio de vida.

Principalmente é a saúde, o fortalecimento geral do organismo o seu alvo.

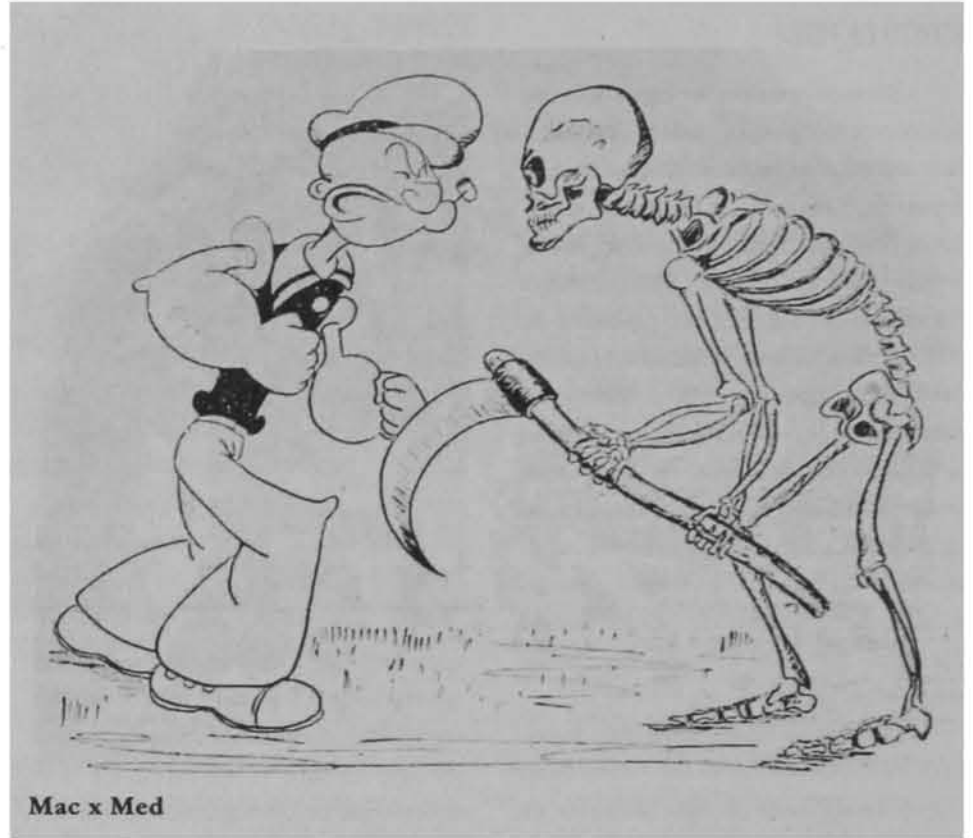
Quem nega os beneficios recebidos pela prática metódica de exercícios físicos?

Fazer ginastica, jogar uma partida de volley-ball ou de bola ao cesto, cauza depois uma esplêndida reação e dá uma extraordinaria sensação de bem estar, o corpo é leve, o espírito descansa.

À tarde, entre 4 1/2 e 6 horas, ninguém aproveita esse tempo para estudar. Em geral ele é passado no triangulo, no cinema, na cama ou em coisas inúteis; parece-nos que seria muitissimo melhor se esses momentos fossem gastos com as lições de ginástica.

Aos poucos, vae-se habituando com a "fabricação de acido lático" e então as vantajens incontestaveis já patenteadas na alteração, para melhor, do estado geral, obrigam o individuo a ser devotado cultor do esporte.

Os torneios são ótimos para despertar interesse em toda a Faculdade e sempre que os estudantes souberem que as côres da Escola foram vitoriosas, mesmo os mais indiferentes hão de sentir intimamente uma alegria justa e um certo orgulho por serem alunos dela.



Mac x Med

Este ano havemos de combater galhardamente e havemos de conquistar mais troféos para serem atestados do nosso valor e da nossa tenacidade.

d. f. nos esportes

Heloisa Lotufo

Qual a Faculdade que possui um centro de esportes como o que nós possuímos? E sabemos aproveitar bem esse privilégio? São poucos os que sabem, principalmente nós, moças. E como é delicioso dar uma escapadinha para a Atlética na hora do almoço: jogar vôlei, nadar, praticar um pouco de atletismo. O bem estar que sentimos depois disso a nada se compara. Além de fazer bem a saúde, lá nós esquecemos por alguns momentos tôdas as nossas preocupações e aborrecimentos e na beira da piscina, enquanto tomamos sol podemos "bater um papo" gostoso com os colegas e outras pessoas. E vocês que gostariam de emagrecer um pouco, o que estão esperando? Regime só não adianta. A melhor coisa para diminuir o pêso é praticar regularmente algum esporte. Não podemos deixar fugir essa oportunidade, principalmente para podermos defender o nosso CAOC nos campeonatos como esportistas de verdade e com todo o orgulho. Vale a pena descermos para a Atlética, nem que seja para ouvir uns tradicionais palavrões do Albino.

ESPORTISTA!
a palavra de ordem é:
TREINAR

O Estádio “Oswaldo Cruz”

SETEMBRO DE 1956

O primeiro passo dado pelos estudantes no sentido da criação do “Estádio Oswaldo Cruz” foi a construção da piscina. Esta foi inaugurada entre festejos, no dia 11 de Fevereiro de 1933, quando então era Presidente do C. A. O. C. Paulo Gordo.

Entretanto a fase de projeto e construção abrangeu um período de três anos de lutas e sacrifícios, em que várias foram as diretorias do Centro que participaram.

Um fato curioso que podemos assinalar, foi que na época da inauguração da piscina, lamentavam os estudantes a falta de “filtros”, segundo artigo publicado em “O Bisturi” de Outubro de 1933.

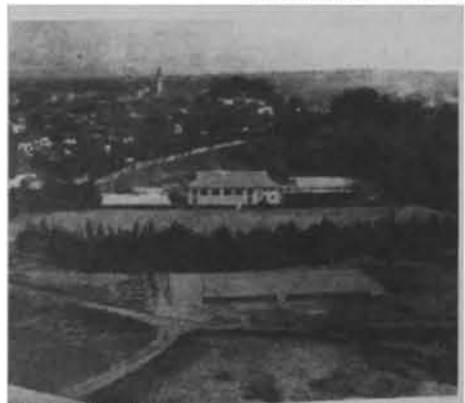
Iremos agora, encerrando esta página do A. A. A. O. C., transcrever um relato sobre o Departamento Esportivo do C. A. O. C. extraído de Memorial comemorativo do 25º aniversário da Fundação Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo:

“O Centro Acadêmico ‘Oswaldo Cruz’ é a única agremiação de estudantes do Brasil que possui um estádio esportivo próprio. Essa praça de esportes vem sendo construída desde 1932, e pode-se comparar às mais perfeitas completas do Estado. Possui uma piscina, cuja constituição é toda de mármore e com dimensões oficiais. Foi a segunda piscina construída em São Paulo.

“Possue ainda um gramado de futebol, pista e campo de atletismo, com todos os requisitos modernos e ginásio de esportes. Acha-se em construção uma quadra de tênis. O conjunto forma um estádio de aspecto imponente.

“Essa praça de esportes está localizada nos terrenos da Faculdade de Medicina. Os acadêmicos de Medicina, prestando uma homenagem ao seu patrono, denominaram essa praça de esportes de ‘Estádio Oswaldo Cruz.’”

Domingos Alves Meira
Presidente AAAOC



Vista Geral do Estádio do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”

RUGBY

Aspétos pitorescos de uma partida – Zaidan sae do gramado em estado de coma cerebral por Aquino

SETEMBRO DE 1934

Acaba de ser introduzido entre nós o RUGBY, o esporte viril por excelência.

É filho legítimo dos Srs. M. C. Sousa Dias e F. P. Burnier os quaes de comum acordo resolveram dá-lo á luz. O pequeno monstrengo naceu gordo, forte e com probabilidade de existência longa, util e portanto feliz. O parto deu-se sem complicações. Foi facil e macio.

O menino crece a olhos vistos sob vistas desveladas do Sr. Sousa Dias. O Sr. P. Burnier, a principio cheio de solicitude e carinhos para com o seu rebento, mostra-se, agora, relaxado nos cumprimentos de seus deveres maternas e mesmo um verdadeiro filicida. Lanço, pois um apelo aos colegas no sentido de, antes que tão cavernoso cidadão consiga levar a efeito seus miseros planos de assassinio, vá ele servir de pasto ás aves de rapina que talvez lhe pupem o cerebro tão imbuído está ele de idéias malsãs e gangrenosas.

O prestígio do novo esporte avoluma-se dia a dia, atraindo para o seu farto e generoso regaço os espíritos desassombrados e desprovidos de medo e covardia.

As sextas-feiras, dia aziago, foram escolhidas para a realização dos treinos. O primeiro jogo oficial está marcado para a primeira sexta-feira que coincidir com o dia 13. Rodovalho e Assistencia ha muito que já se cientificaram do fato e preparam-se ativamente para o embate. Nesse dia haverá choro e ranger de dentes.

Na Sexta-feira da Paixão jogaremos contra os “Beefs” do Cricket Club de Pirituba. Findo o jogo haverá um grande churrasco á gaucha para o qual é convidado de honra o Cardeal D. Papahostia. Em seguida far-se-ão visitas aos “players” moribundos ou em estado grave nos hospitaes e serão depostos nos tumulos dos que caíram no campo de luta delicados ramos de violeta, flor que simboliza a ternura e a meiguice. Os festejos terminarão com um grande baile no qual serão mais “carnes” ainda. A directoria deste Centro com o Sr. Ça Vuá a sua frente pretende levar avante de qualquer modo este seu intento mesmo sob ameaça de excomunhão.

Para dar ma idéia do quanto de sensacional ha neste esporte daremos ligeira descrição do que foi o ultimo treino realizado na nossa “cança”

Eram 4 horas da tarde. O Sol já morno ameaçava esconder-se por detrás das montanhas azues. O campo fervilha de “players” Sousa Dias escolhe os jogadores e dispõe as equipes. Perto de cem pessoas foram regeitadas. As forças estão equilibradas. Zaidan face a face com Aquino. Penido versus Talarico.

A saída é dada. O couro oblongo viaja alto. Silvio, Tito e Zaidan vão-lhe ao encaço em passadas de tigre, musculos retesados, dentes rilhando. Motinha apanha o “ovo” mas o põe logo em terra. Zaidan carrega impetuosamente e de posse da elipse foge. A equipe contraria fecha mas é impotente para conter o avanço do gigante. Tudo foi transposto. Resta Aquino. Zaidan avança feroz. Aquino, impassivel e impassavel, na expectativa. O entrechoque dos dois colossos se dá. Misturam-se as duas imensas massas humanas. Rolam pela grama. As duas equipes fecham em cima. Do montarei sobem gritos de dôr e desespero.

O juiz apita. O bolo se desfaz. Nota-se a falta de Zaidan. Intervêm os padioleiros representados pelo moreno bronze Tune e o mestiço P.C. Alguem entreabre a grama e descobre um buraco no fundo do qual jaz o corpo inerte do infeliz Zaidan. O mulato Tune cospe nas mãos e munindo-se de uma pá faz menção de encher o buraco sepultando a vitima no proprio campo de luta. Obstamos-lhe os movimentos. Ele atira uma praga e retira-se. A custo extraímos Zaidan do fundo da cóva. Bellio acende um fosforo á guisa de círio. Verificamos com espanto que o infeliz

respira ainda. A despeito disso Gaiarsa rompe a Marcha Funebre com a sua gaita. Damos ao desgraçado Zaidan agua. Mas ele recusa-a num rasgo de lucidez e pede whiskey. Penido mete a mão no bolso traseiro do calção e tira um frasco metálico que contem o precioso elixir. O infeliz apanha o frasco e leva-o sofregamente ao labio. Sorri e diz:

- Eu precisava qualquer coisa “espiritual” que me alevantasse as forças...

E desmaia. Vem o delirio em turco ao som do whiskey. Aquino o responsável pela tragédia tem um ataque de riso e choro espasmódicos.

A tarde já vae avançada. O Astro-rei desmaia por detrás do Jaraguá numa hemoptise que tinge d’escarlata as nuvens floconosas. Que tarde sangrenta! O Sol e Zaidan afogados em sangue. Penido num gesto de solidariedade vae a cantina e pede ao “cantinaman” dois litros de vinho tinto e mergulha a alma nesse líquido também rubro.

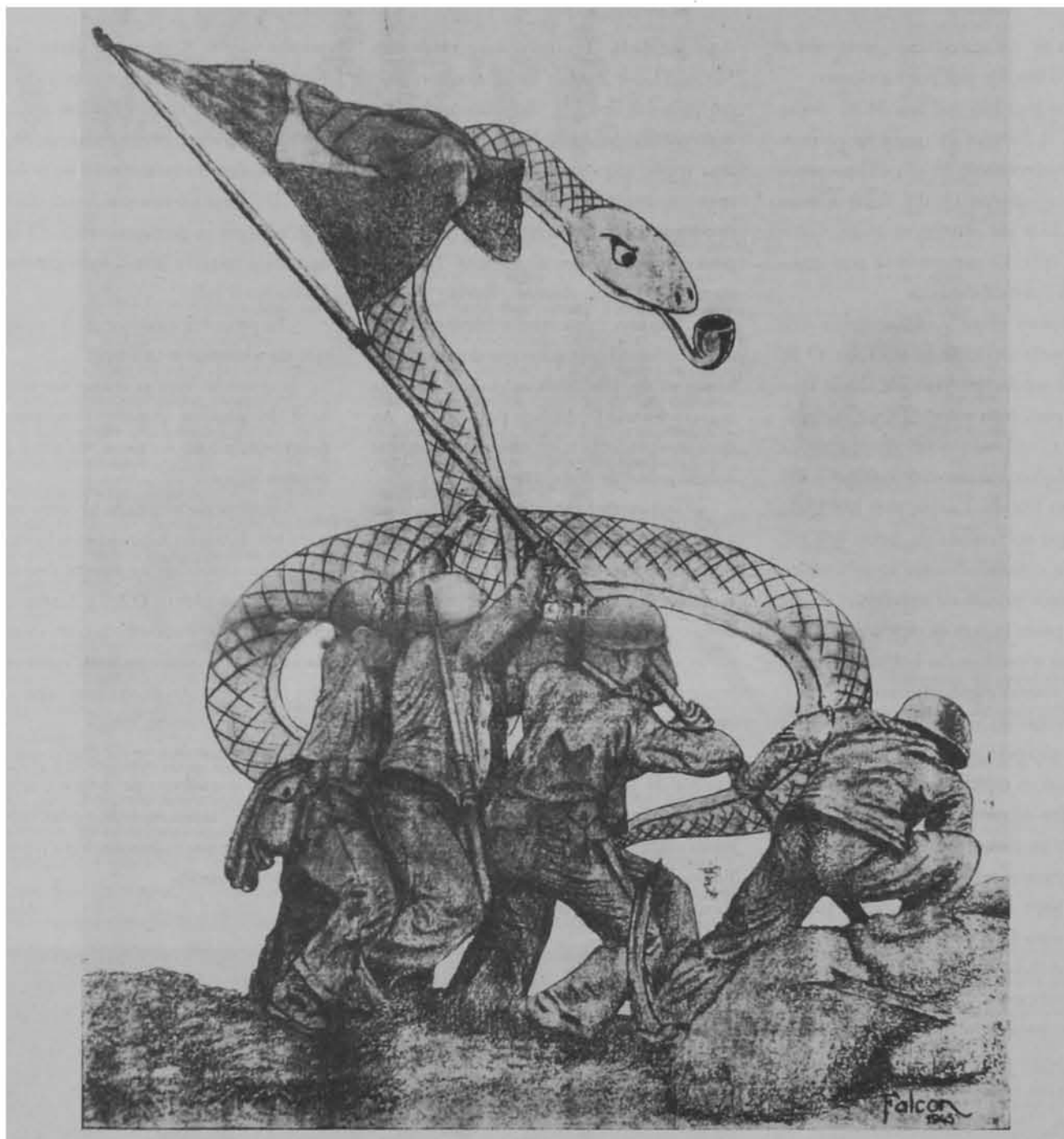
A ti, Zaidan, martyr do Rugby que já lhe pagaste o seu tributo de sangue e dôr, a ti, oh! imenso Zaidan eu dedico estas linhas. E peço a Allah que te proteja. Viva o profeta! Hosana ao Korão!

Manoelito



Brilharam no Atletismo: Mauricio, Dario, Cinelli, Williams

OS QUE LUTAM PELA DEMOCRACIA
SERÃO LEMBRADOS PELOS QUE
..... AMAM A LIBERDADE!!!



Logo que o clamor da guerra ecoou por estes brasílicos recantos, de todos os lados surgiram êsses gigantes que, atendendo ao apêlo da Pátria ultrajada encarnaram a heróica Fôrça Expedicionária Brasileira.

E eis que, das cidades ou dos campos, das fumegantes fábricas ou das roças verdejantes, surgem os SOLDADOS DO BRASIL!

E assim, esta pleiade de bravos que mais tarde iria cobrir de glórias, em campos da velha Itália, o auri-verde verde pendão da nossa terra, se constituiu na heterogeneidade dos seus mananciais e na unidade do seu destino e objetivo.

Vós, Soldados do Brasil, que sob os rigores do inverno europeu ou debaixo do tonitroar dos canhões, não vos esquecestes dos vossos lares queridos, da vossa gente e dos vossos templos de trabalho.

VÓS SOIS BENVINDOS À PÁTRIA ESTREMECIDA, PORQUE AQUELES QUE LUTARAM PELA DEMOCRACIA

JAMAIS SERÃO ESQUECIDOS PELOS QUE AMAM A LIBERDADE!

PLSR

A vós, Alípio Correia Neto, que não duvidastes em mudar a vossa tenda de trabalho dêstes recantos pacíficos para aquelas agitadas linhas de batalha, e ali, salvastes vidas preciosas à Família e à Pátria Brasileira.

VOS SAUDAMOS COMO SOLDADO EXEMPLAR E COMO ACATADO CIRURGIÃO QUE SOUBESTES SER NA SUBLIMAÇÃO HEROICA DO BRASIL E DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE S. PAULO!

A vós também, José Monteiro, Florismundo Plastino Zaragoza, Paulo Dumangin Santos, Massaki Udihara, Osvaldo Mendes Leite e José Alfio Piason, que saístes da Faculdade para cumprir a sacerdotal missão de zelar pela saúde do povo e tiveste que vos transformar em hercúleos defensores da honra da própria Pátria.

VOS SAUDAMOS, CERTOS DE ESTARMOS GLORIFICANDO AUTÊNTICOS HERÓIS MÉDICOS-SOLDADOS!

E por fim, a vocês, Paulo Canton, Paulo Homem de Mello, João Angelo Abatayguara e Rubens Santos Alves, de quem nunca nos esquecemos nos momentos de triunfo ou nos instantes de amargura, e que, Discípulos ainda na arte de curar foram, entretanto Mestres na Coragem, no Despreendimento e no Amor à Pátria.

A Vocês que, se longe estiveram dos nossos olhos, perto porém estavam dos nossos corações, enchendo-nos de uma saudade amiga,

a Vocês que transformaram em realidade a única esperança de luta e de glorificação para o corpo discente desta Escola,

O NOSSO APÊRTO DE MÃO, QUE TRADUZ RECONHECIMENTO; O NOSSO ABRAÇO FATERNAL QUE SIGNIFICA SINCERA AMIZADE; E AS NOSSAS MAES VIBRANTES SAUDAÇÕES UNIVERSITÁRIAS!!!

REGRESSO TRIUNFAL

• SETEMBRO DE 1945 •

HOMENAGEM



Paulo Homem de Mello

O C.A.O.C. Recebeu festivamente seus expedicionários com homenagens e discursos.

Afim de solenizar o regresso dos alunos e professores que representaram esta Faculdade nos campos de batalha na Europa, os alunos desta casa de ensino, organizaram um programa de festas que foi levado a efeito dia 25 p.p, dia consagrado ao soldado Brasileiro.

Foram homenageados nesse dia o Prof. Alípio Correa Neto; Drs. José Monteiro, Florismundo Plastino Saragoza, José Alfio Plason, Paulo Dumangin Santos, Osvaldo Mendes Leite, Massaki Udihara; e academicos, Paulo Canton, Paulo Homem de Mello, ex-orador oficial do C.A.O.C., e José Angelo Abatayguara.

Pela manhã, as 9 horas foi rezada missa solene na capela do Hospital das Clínicas.

A seguir na sala da Diretoria do C.A.O.C. Foi inaugurada artística placa de bronze, comemorativa do feito e destinada a perpetuar a gratidão dos alunos da Faculdade aos que tão brilhantemente a representaram na batalha da Democracia.

Falou sandando os homenageados o Presidente do Centro, João Beline Burza, e agradecendo em nome de seus colegas o academico Paulo Homem de Mello.

A cerimônia contou com a presença do Prof. Beditco Montenegro, diretor desta faculdade, catedraticos, livre-docentes e assistentes de todas as cadeiras da Faculdade além de grande numero de alunos desta escola.

Fez-se representar uma cerimonia a Escola de Enfermagem do Hospital das Clínicas.

Foi oferecido um coquetel aos homenageados, autoridades e imprensa.

Aos alunos deveria ter sido oferecida uma "chopada" que a ultima hora foi transferida para o dia 14, data natalicia do C.A.O.C. devido as competições Mac-Med.

Encerrou a sessão, o Prof. Montenegro.

MOMENTOS

FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – “PADRÃO A”

MAIO DE 1951

PRESENTE DE ANIVERSÁRIO

Flamínio Favero

A Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo ganhou, há dias, um mimo de aniversário. E foi belo o presente. Mandou-lhe o Conselho de Educação Médica e Hospitais da “American Medical Association”. Noticiou a imprensa o acontecimento, digno, por certo, de tomar o realce que lhe foi dado. Consistiu na inclinações de ensino médico estrangeiras recomendadas e reconhecidas como o elevado padrão, nas mesmas bases das melhoras, dentre as congêneres da América do Norte.

O esplêndido prêmio, de caráter excepcional não foi solicitado. E a espontaneidade de que se revestiu a concessão teve unanimidade de votos dos que julgaram justo fazê-lo.

A autora da distinta e apetecida láurea tem renome universal pela respeitabilidade científica e ética que possui. Ademais; é muito parcimoniosa em gestos dêesses, sendo, como asseguram as notícias, a Faculdade de S. Paulo, por ora, a única na América do Sul, a ser equiparada às melhores escolas dos Estados Unidos.

A memória de Arnaldo Vieira Carvalho, o imortal artífice dessa casa de ciência, se cobre mais uma vez de louvores vindos de todos aqueles que, de qualquer sorte, têm sua vida ligada ao nobre templo da medicina. Porque a êle se deve, incontestavelmente, o lançamento dos alicerces que iriam permitir a construção do monumento de cultura e pesquisas que aí está, e, ainda, o impulso irresistível que com tanta eficiência seria idôneo para despertar energias, magnífico entusiasmo e forçar as vocações na esfera das atividades de labor da admirável escola.

Quem passeia sob seus tetos amgos, que lhe visita os laboratórios e clínicas, sente palpitar por toda a partem nos obreiros que nela trabalham, uma vontade sem limites de que tudo seja perfeito nas mínimas coisas. O esforço geral não é egoísta, mas visa apenas ao crescimento da instituição, honra de S. Paulo e do Brasil, pois labor de sementes e alunos.

Para mim, vivo ininterruptamente nessa escola de meu afeto desde o dia 2 de abril de 1913, quando se iniciarem as aulas, o presente valioso que lhe ofereceram no mês de seu natalício, me toca fundo o coração.

Eu quero a essa casa como um pedaço de meu lar. Vi-a nascer, crescer e dar os primeiros frutos, e todos os demais, até hoje. E sempre a contemplei na faina construtiva de um sublime ideal, procurando servir, com

rigorosa honestidade, à terra onde haveria de ser digna de seu berço. Teve dificuldade desde o início. Eram inevitáveis. Tão elevados intuítos nem sempre seriam compreendidos. Mas o agigantado opífice que gozara os planos e ia erguendo o monumento neles assentado, também vencida um a um os obstáculos da jornada. E ficou vigilante, velando com carinho a sua criação enquanto viveu. Um dia, a morte o tomou, talvez na esperança de que, faltando o construtor, tudo ruísse. Enganou-semela. A estrutura do edifício estava pronta. Fôrça nenhuma seria capaz de atingi-la. Lembrando essa firmeza a qualquer prova que Arnaldo Vieira de Carvalho lhe imprimiu, teve o enseio, ao falar como diretor nas festas comemorativas do jubileu de prata da Faculdade, em 2 de abril de 1938, de comparar a tarefa hercúlea do imortal mestre paulista com a abóbada da casa capitular do Mosteiro da Batalha, cujo fêcho foi pôsto pelo engenho de Afonso Domingues, que, ao expirar, confiante, assegurou: “A abóbada não caiu, a abóbada não cairá”. A Faculdade permaneceu depois da morte de Arnaldo, permanece, e permanecerá, porque construída em alicerces de solidez indestrutível.

E, porque assim é, vem vindo, de glória em glória, ao sôpro de incontido renome, crescendo em marcos de alta projeção. Poderiam ser lembrados alguns: sua instalação pela clarividência governamental do Conselheiro Rodrigues Alves secundado pelos seus ilustres auxiliares Drs. Altino Arantes e Oscar Rodrigues Alves e logo entregue às mãos de Arnaldo Vieira de Carvalho, aptas a susterm-na por anos, com energia e o rigor que logo engrandeceram; a limitação do número de alunos; o regime de tempo integral; a conquista da simpatia preciosa da Fundação Rockefeller; a construção de seus prédios de laboratórios; a construção de seu Hospital; a consolidação definitiva de possibilidades docentes e de pesquisa na pujança de hoje... Nessas etapas deve ser traçada a história opulenta da Faculdade, tão cheia de lances esplêndidos.

Não pode ser esquecido o fato de que se diplomaram já, em suas 33 turmas, 1931 médicos, e o de que, destes, são 15 os que têm assento efetivo em suas cátedras, exatamente constituindo a metade da congregação de professores.

Muito tem feito a Escola de Arnaldo no campo da medicina científica e profissional. Sua produção em trabalhos de valor é sem conta. Falam alto as estatísticas bibliográficas.

Mas, não seria perfeita sua existência se não se multiplicasse em prolongamentos, diretos ou indiretos, de particular estima, desdobrando-se, maternal, em rica estirpe.

Lembre-se que ela é quase aquarentada...

Não podem ser a Escola Paulista de Medicina, a Faculdade de Medicina Veterinária, a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Faculdade de Higiene e Saúde Pública e, a mairecente de tôdas, a Faculdade de Medicina de Sorocaba, ufanias de sua glória?

O presente de aniversário que enriquece agora o tesouro de seus guardados de estimação, é bem merecido, modéstia à parte. Não foi um ato de favor, mas de justiça.



Parabéns pois, a quem o recebeu e, muitos, a quem lhe fêz honra ao mérito.

Publicado na “Folha da Manhã” de 22 de abril de 1951.

PRÊMIO MERECIDO E ESPONTÂNEO À FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Ernesto de Souza Campos

A Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo acaba de receber prêmio excepcional e conferido espontaneamente, o que demonstra o reconhecimento, no estrangeiro, da grande obra realizada por essa instituição, nestes quase quatro decênios, no campo da instrução, da educação médica e da pesquisa científica.

A “American Medical Association”, uma das melhores e mais prestigiadas sociedades medicas do mundo, enviou ao Diretor da nossa Faculdade, uma comunicação informando ter o seu “Conselho sobre Educação Médica e Hospitais, aprovado, unanimemente, a inclusão dessa nossa escola medica entre as instituições de ensino medico estrangeiras, recomendadas e reconhecidas como tendo as mesmas bases de ensino ministradas nas melhores organizações congêneres das America do Norte.

Entre os países da America, é a nossa Faculdade de Medicina, a única até hoje a ser reconhecida nessas condições de equiparação às Escolas medicas dos Estados Unidos aprovadas. Para acentuar a importância desse documento, folgamos em reproduzi-lo na integra:

“AMERICAN MEDICAL ASSOCIATION

Council On Medical Education And Hospitals
535 North Dearborn Street, Chicago 10
OFFICE OF THE SECRETARY
March 13, 1951

The Dean
University of São Paulo
Faculty of Medicine
São Paulo, Brasil
Dear Sir

I am pleased to inform you that at their recent meetings this Council and the Association of American Medical Colleges votes to include the University of São Paulo, Faculty of Medicine in its list of foreign schools whose graduates we recommend be given consideration on the same as graduates of approved medical schools in the United States.

For your information a copy of the new revision of the list of foreign schools in enclosed.

Sincerely yours,
Francis R. Monlove, M. D.
Associate Secretary”

Realmente, consultando-se o Indice Bibliográfico, publicado pela Comissão de Pesquisa Científica, verificou-se que somente as cadeiras da Faculdade submetidas ao regime e publicaram mais de 3.000 trabalhos, dos quais 2.513 científicos e 583 de ordem cultural alcança cerca de trabalhos. Excluem-se desta estatística, as publicações dos departamentos clinica e dos departamentos especializados cujo balanço não foi ainda estabelecido.

Conhecido como são os rigores que o Conselho de Educação Médica e Hospitais da Associação Médica Americana, mantém, relativamente ao padrão de ensino medico, este certificado, que acabamos de receber, tem uma alta significação.

Eis, por que queremos deixar aqui registrada esta circunstancia que evidencia o acerto das diretrizes traçadas, como grande clarividência, por Arnaldo Vieira de Carvalho, nos primórdios da instituição, diretrizes mentidas e aperfeiçoadas desde aquele momento até a hora presente.

(Especial para A Gazeta pelo Prof. Ernesto de Souza Campos)

COUZAS DE ESTUDANTE

SHOW MEDICINA

Anamnese e exame físico

SETEMBRO DE 1956

Observação feita por Braz Martorelli Filho

Identificação: Nome: Show Medicina.

Idade: 12 anos.

Sexo: Masculino.

Côr: Tecnicolor.

Profissão: Divertir milhões.

Procedência: Porões, salas de aula, corredores, bar, Hospital e, finalmente, Teatro da FMUSP.

Queixa e duração – Há 12 anos fortes dores de cabeça para alegrar os que vão assisti-lo.

História da moléstia atual – Há 14 anos, isto é, em 1942, a turma do futebol cá da casa foi a Bauru. Juntos foram uns sapos, porém não dos tais sapos inúteis, picaretas que soem acompanhar tais caravanas.

Eram sapos alegres, divertidos, que, tocavam, cantavam, brincavam e faziam piada.

Essa turma quando menos esperava se viu num palco para dar um show.

Saiu o show, daquele jeitinho, mas saiu.

Quando essa turma voltou a S. Paulo, uma idéia começou a agitar aquelas massas cinzentas, sulcos, cisuras e circunvoluções.

Era a idéia de se fazer algo de novo dentro da Faculdade, pois êsse negócio de cheirar formol, quebrar tubos de ensaio, costurar penas de sapo, auscultar, percutir, dar viradas nas vésperas de exame, perder (ou ganhar) a Mac-Med, já estava chateando, ou melhor, já havia enchido há muito.

Pois bem, tratos à bola, conchavos, panelas, conversas, reuniões, bate-bocas, tudo isto foi se polarizando num só sentido – formar um show dentro da Faculdade.

Por fim o 4º ano, tendo à frente Flerts Nebó, e o 2º ano, puxado por Plits Nebó (ah! êsses Nebós eram de mortel), levaram a coisa a peito, e, no dia 14 de setembro de 1944, num parto pélvico (sem galho de cabeça derradeira), nasceu SHOW MEDICINA, assistido pela nata da fina flor do "kar" café-society da nossa FMUSP e de outras paragens menos que tais.

Era um show misto, com garotas da Faculdade e do Hospital.

Depois veio o "Show Mac-Med", em que tomava parte a turma da Mackenzie, porém não deu certo e teve vida efêmera.

As garotas acabaram sendo podadas, e hoje, hoje, no show, só trabalham homens (ai, meu Deus!).

Antecedentes hereditários – Vários foram os pais de Show Medicina porém apenas dois puderam ser comprovados pelo exame de sangue: Flerts e Plits Nebó.

Antecedentes individuais – Não, não é possível! O dr. Maretti da Obstetria, que antanho ostentava basta cabeleira encaracolada. Hoje, coitado, cabelo é um trço que êle só vê na cabeça dos outros.

Mas, como dra. Denise? Hoje tôda circumspecta trocando fraldinhas na garotada da Pediatria. Sim senhora, que diria que a sra. foi "star" do show!

Não! Mas é êle mesmo. Atrás de um bigodão se escondia, e se esconde, o dr. Kurban.

E aquêle compridão? Gozado. É o dr. Marcos Elisabetsky da otorrino. Antes metia piadas nos ouvidos da plateia. Hoje mete as mãos nos ouvidos dos pacientes.

Aquêle grandão cabeludo, quem é? Ora, ora, é o grandão careca que todos nós conhecemos no PS. É o dr. Russo.

E aquele quietinho? Hoje desenha corações, estuda desenhos de corações, lê desenhos de eletrocardiogramas. Ah! é o dr. Josef Fehér, o ex-desenhista do Show Medicina.

Waldemar – a donzela mais "shangay" que o show já teve.

Zé Viana – imitador de Carmem Miranda, porém no dia em que a dita viu o tal a imitá-la, fugiu para os "States", pois percebeu que era ela que imitava o Zé Viana.

Belmiro – céus, que Hamlet! Quando acabou o número havia uma pessoa a mais nos bastidores. Era o próprio Shakespeare que tinha se materializado para cumprimenta-lo.

Callia – o grande! O homem das mil caras e das mil e uma mandracarias. Um prêmio para aquêle que ficasse sério perto dêle.

Delmo – êsse nome para alguns pouco diz, porém se falarmos no Perú, o Carlito Cabrero, "el rey del tango", todos se lembrarão.

Pirica – que "Viúva Alegre" Se Lehar o visse, por certo comporia mais meia dúzia de operetas para que as interpretasse.

Caccese – o rei da mímica; Piero – o Charlie Chaplin, o sono da cena muda; Glécio – o apresentados que valia por meio show; Ruy Paula Dias – fator seguro de êxito do show; Machado, Rubinho, Raymundo, Gatilho, Barreto, todos e muitos mais que a nossa memória traiçoeira não nos permite lembrar, todos, grandes elementos, cujos antecedentes ficarão para sempre em nossos corações pelos momentos de alegria e satisfação que nos proporcionaram.

Outros antecedentes de história mais recente foram descobertos:

Bevilacqua – o sócia de Ademar de Barros; Baccalá – o pau água; Reiff – confuso, difuso e obtuso, porém grandes idéias; Ruy César – a Marilyn Hemorróidas; Paoliello – sem dúvida, um dos maiores craneadores que o show teve (vocês se lembram da história do Joãozinho?); Lacaze – o fenômeno, o homem orquestra, que tocava tudo, do cavaquinho ao piano; êle por si só é um show...

Hábitos – O show se tornou a arma do aluno. O lema do "ridendo castigat mores" foi adaptado ao sabor de Show Medicina, e os professores expiam no palco a sua culpa, sua máxima culpa.

Ora bolas, os professores chacoalham os alunos o ano inteiro; no show os alunos devolvem o trço.

Saibam, e é até gozado: Na época do show certos professores (e assistentes) ficam camaradas e passam até a cumprimentar os alunos nos corredores. É a consciência que doi; é o medo de uma solene gozada. Pensam êles que com isso amolecem a turma, fazem o pessoal esquecer. Não adianta, aluno não esquece nem os maus nem os bons. Alguns são elogiados e homenageados no show (vide profs. Locchi, Lacaz e outros), ao passo que outros... bem, vocês assistem ao show, não é?

Porém o hábito principal do show é o fato de êle ser um espetáculo que procura divertir, proporcionar momentos de alegria e sádio bom humor, sem ofender os cânones da moral e dos bons costumes. É o resultado de ensaios, perda de horas de lazer, de diversão e até de estudo; é ainda o resultado do sacrifício de um punhado de abnegados palhaços, que, durante pelo menos dois meses, ficam gastando energias e fosfatos, a fim de proporcionarem alguns momentos de alegria àquêles que se matam nas lidas

diárias, que se esfalfam nos livros e não têm tempo para se divertirem (sic).

Interrogatório sôbre diferentes aparelhos – Ap. visual: excelentes. Olhos vivos que não perdem nada.

Ap. auditivo: ótimo. Se as paredes têm ouvidos, o show tem concha e acústica.

Ap. respiratório: n.d.n. Acrescente-se enorme capacidade vital, pois tem paíto para levar coisas de grande fôlego.

Ap. cardiovascular: Funciona bem o ano todo, porém às vésperas do espetáculo começam as taquicardias e arritmias, com medo de que o espetáculo não agrade.

Ap. locomotor: muito bacana, a prova é que já andou muito por êsses brasis afora.

Exame Físico – Fácies característico: gozador e gozado.

Decúbito: não consegue ficar quieto, tem que se movimentar.

Pele e mucosas: coradas à custa de maquiagem. Também se diz que é lobo em pele de cordeiro.

Subcutâneo – e\$ca\$\$o, porém sem dívidas.

Músculos e ossos: hipertrofiados, e parece que aguentam qualquer parada.

Sistema nervoso: reflexo exaltados, principalmente no mês de setembro e na pessoa do diretor, que frequentemente é vítima de ataques histéricos.

Conclusão – Mestres e colegas, não levem a mal as chacoalhadas do show, pois nosso intuito não é ofender nem desmoralizar, como atestam as palavras do nosso hino de despedida:

"... e aqueles com quem nós brincamos,

nos desculpem, são coisas da vida..."

Queremos mostrar êrros, a fim de que sejam corrigidos "para o bem de todos e felicidade geral da Nação"

Bom, vamos terminando que a história está longa.

Aos velhos que já deixaram o show, aos irmãos Flerts e Plits Nebó fundadores de Show Medicina e que lutaram tanto para fazer com que o nosso Show se projetasse fora dos porões da Casa de Arnaldo, os agradecimentos mais sinceros, vindo das faces interiores das válvulas mitrais de todos aqueles que se têm deliciado e se deliciarão com o nosso Show, com a promessa de que tudo faremos, daremos a última hemácia para que o show continue sendo o que tem sido até agora – O MAIOR SHOW UNIVERSITÁRIO DE SÃO PAULO.

1ª Bandeira Científica

ABRIL DE 1958

Agora que algum tempo já passou, podemos raciocinar sobre aquilo que foi a I BANDEIRA CIENTÍFICA DO CENTRO ACADÊMICO “OSWALDO CRUZ”. O que se segue é apenas um relatório de nossas atividades nos trinta dias em que estivemos viajando.

Esta expedição teve vários aspectos para justificá-la. Em primeiro lugar, procurou-se um conhecimento objetivo dos problemas médicos rurais e do desenvolvimento de pesquisas de campo. Em segundo lugar, entramos em contato com uma nova região esta, que procuramos conhecer em todos os seus característicos geográficos, econômicos, sociais, etc. Em terceiro lugar, procuramos demonstrar que os estudantes têm capacidade de organizar empreendimentos sérios, mesmo no terreno da pesquisa científica. Procuramos, por fim, em todas as nossas atividades, levar mais alto o nome da nossa Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e do Centro Acadêmico “Oswaldo Cruz”

Agora, já voltamos e os trabalhos estão sendo concluídos. Acreditamos, porém, que mesmo depois de tudo encerrado o espírito da I Bandeira Científica não morrerá. Outras Bandeiras virão. Organizadas por nós mesmos ou por estudante de outras Faculdades.

COMO SURTIU A IDÉIA DA VIAGEM

Foi no fim de 1956 que o colega Alexandre Margarido Lourenço reuniu uma turma de companheiros de classe (éramos ainda calouros) e lançou a idéia de uma viagem. O itinerário então escolhido levava-nos até a capital da Bolívia, até La Paz. Quase que imediatamente iniciaram-se os trabalhos. Havia muita coisa a fazer. Afinal, era uma realização de vulto. Não se tratava de um grupo

pequeno, nem se tratava de uma viagem de caráter meramente turístico. Os preparativos desenvolveram-se por todo o 1957. As decepções e os problemas surgidos foram grandes, mas não foi menor a boa vontade geral. A maior decepção, talvez, foi a impossibilidade de irmos até a Bolívia, por motivos principalmente financeiros (como era de se esperar). Ficou a viagem resumida a uma excursão pelo sul do Mato Grosso, onde seriam visitados os municípios de Campo Grande, Terenos, Aquidauana, Miranda e Corumbá.

ROTEIRO

Sáimos de São Paulo a 3 de Janeiro de 1958 para chegarmos a Campo Grande no dia 5. A caravana era composta por 36 estudantes, dentre os quais 9 moças, chefiados pelo Dr. Luiz Rey, assistente de Parasitologia. Em Campo Grande, permanecemos 8 dias. Partimos dia 13 para Aquidauana, aí ficando 7 dias e viajando em seguida para Corumbá, onde permanecemos mais 8 dias. Deve-se assinalar que durante nossa estada em Campo Grande, os trabalhos estenderam-se ao município vizinho de Terenos, e em Aquidauana a caravana foi desmembrada, indo 10 elementos para Miranda, onde foram realizados os trabalhos de rotina.

ASPECTOS CIENTÍFICOS

Do ponto de vista médico, o programa contava de três itens: pesquisas a respeito de parasitoses da região, tomada de conhecimento dos problemas médicos regionais e uma série de conferências que deveriam ser desenvolvidas, na medida de nossas capacidades, tanto para a população em geral, como para os médicos.

Foi graças à colaboração das prefeituras e dos médicos dos municípios visitados e do



Apanhado fotográfico da colheita de material pelos componentes da 1.ª Bandeira Científica

O C.A.O.C.

Orgulha-se de no passado:

- ter lutado pela construção do Hospital das Clínicas.
- ter construído o Estádio Oswaldo Cruz.
- ter se batido pela introdução do internato no 6º ano do curso.
- ter se definido sempre, clara e corajosamente, nos momentos aflitivos.
- ter erigido assim uma tradição de vigilância e luta, de idealismo e força.
- ter contribuído com 2 presidentes de União Estadual dos Estudantes e 4 Representantes no Conselho Universitário para a Consolidação da posição estudantil.
- ter fundado a Congregação de Alunos, 1.ª Assembléia deliberativa permanente de estudantes, em São Paulo.

Promete firmemente para o futuro:

continuar a luta decidida e nobre:

- pela construção do Pavilhão de Virus e Rickettsias.
- pela Maternidade Universitária.
- pelo Laboratório de Isótopos.
- pela Casa do Estudante.
- pelo Clube Médico.
- pelo reerguimento do Estádio “Oswaldo Cruz”.
- pela Clínica Psiquiátrica.
- pelo alojamento para internos do Hospital das Clínicas.
- por uma disciplina de psicologia médica e uma seção de orientação ético-psicológica do estudante.
- pela atualização constante do curriculum médico.
- por um vestibular mais racional, eficiente e justo.
- pela defesa dos direitos da Faculdade no seio da Universidade, e desta em relação ao país.
- pela representação dos alunos no C.T.A. e Congregação da Faculdade.

Setembro de 1956

Serviço Nacional de Endemias Rurais, que este programa pôde ser cumprido.

PESQUISAS E ALGUNS RESULTADOS

Em relação às pesquisas, o plano foi completamente desenvolvido, principalmente o inquérito coprológico em que foram colhidas aproximadamente 2000 amostras da população dos cinco municípios visitados, inquérito este realizado entre as populações das zonas peri-urbana e rural. As amostras foram trazidas a São Paulo e agora estão sendo feitos pelos próprios caravanistas os exames competentes. Outras pesquisas foram realizadas, no sentido de identificação de certos vetores de moléstias, tais como moluscos, triatomídeos e mosquitos. Procuraram-se ainda animais reservatórios de doenças, tais como da leishmaniose visceral (cães) e moléstia de Chagas (animais domésticos e silvestres).

Os resultados destas pesquisas ainda não estão completos, mas alguma coisa de importância já foi encontrada. No inquérito coprológico, foram examinadas as amostras de Campo Grande, Terenos e Aquidauana em busca de ovos de helmintos. Depois de encerrados estes exames, novos serão feitos, desta vez, procurando protozoários. De um modo geral, a maioria da população

apresentou-se infectada por helmintos (em Campo Grande encontrou-se a porcentagem de 43,9% por ancilostomídeos e 20,9% por *Áscaris*). Espera-se a conclusão de todos os exames, para que se possam computar os dados estatísticos. De grande importância foi o encontro, numa criança de 3 anos, do primeiro caso brasileiro de *Fasciola hepática*.

Em relação ao estudo dos vetores, foram encontrados três em Campo Grande, Terenos e Aquidauana. É de se notar também, que em Terenos foram assinalados dois casos de moléstia de Chagas. Quanto aos moluscos, em todos os municípios, foi encontrado o *Australorbis nigricans*, transmissor da esquistossomose mansônica, e em Campo Grande e Corumbá a *Oncomelania* sp., transmissor da esquistossomose japônica. Note-se que essa última descoberta é de grande importância, pois é a primeira vez que tal molusco é assinalado fora de sua restrita zona de incidência, no Extremo Oriente. Por isto mesmo, tal fato já mereceu uma notificação do Dr. Rey à Associação Paulista de Medicina.

Na questão dos animais reservatórios de moléstias nada pode ser dito, pois ainda não estão completos os exames de material trazidos para São Paulo.

(Cont. no próximo número)

Ruy Geraldo Bevilacqua

SINFONIA BRASILEIRA

Qualquer semelhança é méra coincidência

Naquele ano, choveu no sertão. Num casebre, em plena caatinga, nasceu um menino. Nasceu gordo, vingou. Oito irmãos o precederam. Mas tinham nascido em ano de seca. Foram ceifados um a um pela fome, pelos vermes, pela miséria. O menino que vingou, aos 3 anos teve uma disenteria e escapou por pouco. Depois disso, cresceu forte e aos 15 anos era um belo rapaz. Analfabeto, é claro.

Na Câmara Federal, um deputado de fala mole, monótona e fluente expôs a realidade-queixa de sua terra: a seca terrível, o baixo nível de vida, as lagoas perigosas.

Um deputado nervoso, pálido, com os cabelos em desordem disse que a situação decorria da exploração do país por parte das nações estrangeiras. Um deputado bem barbeado e bem penteado aparteou: nas nações estrangeiras o nível de vida era alto e as referidas nações ajudavam países subdesenvolvidos como o nosso.

O presidente da Câmara sorriu: sabia como lidar com deputados dos mais variados

gêneros e espécies. Ele era um homem hábil: mantinha em surdina o potencialmente perigoso escândalo de sua esposa que o traía; quebrou o galho de um negócio escuso de seu filho adolescente com entorpecentes. Assim nada atentava contra sua honra e ele gozava prestígio e poder. Ah, sim, aquele deputado chato, de fala mole... Bem, nomearia uma comissão para estudar o problema.

A comissão continha elementos de vários partidos. Assim sendo, foi difícil o entrosamento inicial de seus vários membros. Um ano após, os estatutos da comissão estavam prontos. Mas era época (faltavam só 6 meses) das eleições governamentais e a comissão não funcionou durante um certo tempo pois os deputados estavam muito ocupados, em atividade febril... Após as eleições a comissão se reuniu novamente mas a campanha política criava sérios desentendimentos entre os membros. E o tempo corria. Reformas de estatuto. Substituição de alguns participantes. Além disso, a comissão

tinha verba. É claro. Desde algum tempo os ânimos se acalmaram e os elementos da comissão se dedicaram em espírito de verdadeira unidade, a conseguiu uma medida de inegável alcance social.

Esta medida era o aumento da verba, porque ultimamente estava tudo tão difícil...

Mas voltemos nossos olhos para o moço do sertão, da caatinga, o único que tinha vingado. Tinha agora 20 anos e era feliz. Comprou um anel vistoso numa feira e estava todo vaidoso. Estava também na peneira, peneirando, num namoro...

De repente começou a sentir-se mal. Sentia fraqueza, emagrecimento. Tinha diarreias e o ventre começou a inchar barbaramente. O curandeiro revelaram-se sucessivamente ineficientes. E o rapaz piorava. Nos últimos tempos começou a por sangue pela boa. Finalmente morreu.

Na capital federal, por esta época, havia várias pessoas felizes.

O deputado pálido, nervoso, de cabelo

desalinhado, foi elogiado pelo seu superior hierárquico, da agremiação política a que pertencia, pelo trabalho desenvolvido no setor "ação política" no esquema geral da agremiação.

O deputado bem barbeado e bem penteado foi homenageado com um coquetel pelos amigos do "clube dos vagalumes" pelos esforços desempenhados em prol da manutenção da democracia.

O presidente da Câmara estava feliz: sua esposa abandonara o amante. Não voltara para ele, mas ele era superior a essas coisas. Tinha prestígio e poder. Seu filho foi eleito vereador pela oposição. O presidente da Câmara era situacionista até a medula dos ossos mas sentiu-se feliz com o filho que estava no bom caminho, que estava se virando, que seria no futuro, pessoa de bem.

E o presidente da Câmara sentia-se ainda mais feliz porque no futuro era absolutamente certa sua eleição a Senador da República.

J. B. França

Os Estudantes de Medicina e o serviço militar

Este artigo, primeiro de uma série, tem por fim analisar parte do problema dos estudantes de Medicina e a aquitação com o serviço Militar. Limitar-nos-emos a considerar apenas se há ou não vantagem no modo pelo qual os estudantes de Medicina cumprem sua obrigação para com o Exército e apresentaremos uma possível solução para o problema.

Em primeiro lugar consideremos o aspecto militar desse problema. Todos nós sabemos que os estudantes universitários em geral fazem o serviço militar cursando o C.P.O.R., escolhendo, segundo sua preferência, entre quatro armas e um serviço que são respectivamente: Infanteria, Artilharia, Cavalaria, Engenharia e Intendência.

É útil lembrar que o período de instrução compreende duas férias de fim de ano e todos os domingos de dois primeiros semestres, totalizando em dois anos de instrução, 176 dias (excluindo naturalmente feriados, dias santos, Carnaval, etc). Como a instrução é ministrada na parte da manhã apenas, podemos dizer que a formação militar do estudante universitário se faz em 88 dias completos. Isso quer dizer que para preparar um oficial de reserva, 88 dias é um tempo considerado suficiente por quem de direito, para a formação dos supracitados oficiais.

Ora, o Exército necessita de médicos, seja em tempo de guerra, seja em tempo de

paz; por isso existe o Serviço de Saúde do Exército. Mas o C.P.O.R. não tem esse serviço na sua instrução. Portanto, os estudantes de Medicina formam-se oficiais de reserva preparados para agir num campo completamente alheio ao que trabalha na vida civil. Em caso de convocação, os médicos que são oficiais da reserva pelo C.P.O.R., servirão na arma em que se formaram, pois a lei é explícita: O cidadão convocado serve na arma e não na sua especialidade.

Mais ainda: Em caso de emergência segundo os cálculos feitos acima, o Exército formaria um oficial da reserva em 88 dias. Mas formaria um médico nesse mesmo tempo?

A consequência disso tudo é bem clara: Médicos lutando na frente de combate concomitantemente com a falta de médicos na retaguarda, sendo que é proibido a um oficial de infantaria, mesmo sendo médico, opinar sobre assunto fora de sua arma! Na última guerra a situação chegou a tal ponto que os americanos perguntavam se havia tantos médicos no Brasil de modo a sobrar para servir como combatentes! Ora, nós sabemos muito bem que não sobram médicos no Brasil...

Em suma, somos da opinião que ministrar instrução de Infantaria ou qualquer outra arma a um estudante de Medicina é um mau negócio para o Exército. E perguntamos:

se há necessidade de médicos numa guerra, se há um serviço de saúde do Exército e se há estudantes de Medicina, por que não transformá-lo em oficiais da reserva do Serviço de Saúde?

Mas passemos a um segundo aspecto do problema, que diz mais respeito aos estudantes. Para nós, o Serviço Militar tal como está regulamentado atualmente, nos é duplamente desvantajoso: primeiro, porque as férias de um estudante de Medicina são diferentes das férias de qualquer outro universitário: é nas férias que frequentamos de fato a enfermaria. São as férias um tempo precioso para o estudante. Mesmo os que passaram do 2.º para o 3.º ano já têm o que fazer nesse período. Chamo a atenção para o fato do estágio coincidir com as férias do 3.º, 4.º ou mesmo 5.º ano. Em segundo lugar, em caso de convocação, serão 6, 12, 18 ou mesmo 24 meses completamente afastados da Medicina, longe de um doente. É esse o nosso grande prejuízo. Em caso de guerra, atenderemos prontamente ao chamado das autoridades, mas gostaríamos de servir dentro da nossa profissão, como médicos e não como soldados combatentes. Passaremos o tempo que for necessário na frente de combate, mas preferiríamos fazê-lo como médicos, para o bem do Brasil e para o bem de nossa própria carreira.

E perguntamos novamente: se há necessidade de médicos numa guerra, se há um Serviço de Saúde do Exército e se há estudantes de Medicina, por que não transformá-los em oficiais da reserva do Serviço de Saúde?

A resposta a essa pergunta foi-me dada uma vez: se não existem médicos suficientes no Exército para atender os soldados doentes, onde arranjar médicos para dar instrução?

Ora, a esse argumento posso responder facilmente: um único oficial médico poderia dar instrução para cem estudantes, instrução essa ministrada duas ou três vezes por semana, e o local seria o próprio Hospital das Clínicas.

Salta aos olhos a solução que proponho, já anteriormente preconizada uma 31.ª cadeira no curso Médico, que seria cadeira de Medicina Militar, ministrada no 5.º ou no 6.º ano. De acordo com essa solução, todo estudante, ao formar-se, passaria automaticamente para o Corpo de Oficiais da Reserva do Serviço de Saúde do Exército Brasileiro.

A meu ver é bastante praticável. Agora, se a criação da cadeira de Medicina Militar traria vantagens ou desvantagens para o ensino médico ou para a formação de Oficiais da reserva do Exército Brasileiro, será assunto do próximo artigo.

Eduardo Marcondes

UM CASO CLÍNICO RARO

AGOSTO DE 1956

SINTOMAS ATUAIS

Os jornalistas publicaram uma relação extensa de produtos condenados por não conterem as doses especificadas nas fórmulas, segundo análises feitas no Adolfo Lutz. Um Laboratório ameaça mover ação contra o Órgão fiscalizador e apela que a classe médica continue a receitar esse produto condenado.

(Agosto de 1956)

Oswaldo Cruz promete pagar 200 reis por rato (vivo ou morto) que o carioca conseguir pegar. Era um meio de mover a população do Rio de Janeiro contra a epidemia. Porém logo se descobre que alguns sabidos começaram a criar ratos e até importá-los de Minas Gerais...

(Princípio deste Século)

Grifos: “Amostra Grátis. Só é permitida a existência em consultórios Médicos e Hospitais”, “Este produto só pode ser vendido sob prescrição médica”, Todos sabem que as farmácias só compram dos laboratórios que dão amostras e que o farmacêutico vende até ACTH a quem quiser.

(Desde sempre até sempre)

Código de Ética: Os “caipiras” das emissoras paulistas cantam agora para as clínicas médicas. Entre cantorias cabóclas vem o “Alô!, Alô!, cidade X, o senhor Pafúncio foi operado hoje e está passando bem...”

(Ontem, hoje e até?)

E TUDO MAIS, nesta terra cujos “campos tem mais flores e o céu, “mais estrêlas”, é assim.

DISCUSSÃO

Dr. Boyde: – Nesta sessão anátomo-clínica será discutido um caso raríssimo e curioso, o primeiro da Clínica Mayo e talvez do mundo. Trata-se deste paciente, de nome Brasil Desamparado, de 456 anos de idade e procedente da América do Sul. Observem os colegas como a sua estatura é avantajada e no entanto, como tem um facies tão doentio. Pálido como defunto balofo e apático, queixa-se de astenia intensa e muita sonolência, dizendo mesmo que só sente desejo de ficar deitado em “berço esplêndido”, expressão que não consegui identificar corretamente mas que parece tratar-se de algo como uma cama com colchão de molas.

Mucosas extremamente descoradas, pele fria e úmida, pálpebras caídas como em cochilo constante, discreto edema maleolar, diminuição de força muscular, reflexos ósteo-tendinosos exaltados, discreta hepatomegalia e sopro cardíaco do tipo anêmico – eis os sinais objetivos mais importante constatados ao exame clínico.

Dos antecedentes, anotamos o importante: Etilismo inveterado. Diz que bebia muita cachaça, bebida alcoólica preparada da cana e com elevado teor de álcool e impurezas, segundo consegui saber de fonte bem informada.

Dos exames subsidiários, temos os seguintes:

a – Provas funcionais do fígado: Todas positivas.

b – Radiografia do torax: Discreta hipertrofia cardíaca e pequena imagem cavitária no ápice do pulmão direito.

c – Eletrocardiograma: Traçado sugestivo de miocardite.

d – hemograma:

Hematias – 5.000.000 por mm³

Hemoglobina = 37,5 % = 6,0g %

Valor globular: – 0,37

Diâmetro médio: – 5,0 micra

Plaquetas: – normais

Contagem diferencial: – Apenas leucopenia

e – Exame de Fezes:

Alguns ovos de Schistosoma mansoni

Numerosíssimas formas vegetativas de Giardia lamblia (?)

Eis o caso em resumo. Tem a palavra agora o doutor Craig, especialmente convidado para discutir este caso que é um verdadeiro tratado de parasitologia...

Dr. Craig: – Gostaria, inicialmente ouvir o Dr. Rose acerca do hemograma.

Dr. Rose: – Os achados são de uma ex-polição acentuadíssima de hemoglobina que, em nosso meio, é quase uma curiosidade de livro. Considerando um sangue normal, 100% de hemoglobina, 7,5 micra de diâmetro e valor globular 1 como padrão, tal qual ocorre no sangue de Tio Sam e John Bull, as hematias deste caso, em termos de poder aquisitivo de oxigênio correspondem a 30% ou menos dos glóbulos padrão! É fácil concluir como isso leva a uma deficiência crônica de oxigênio em todos os tecidos orgânicos deste paciente.

Dr. Craig: – Pergunto agora ao Dr. Kitt se a imagem de cavitação seria sugestiva de processo específico.

Dr. Kitt: – Apesar da negatividade da pesquisa de B. K., creio tratar-se de tuberculose.

Dr. Craig: – Bem, meus senhores, estamos pois diante de um caso de vários diagnósticos. Tuberculose, miocardite, schistosomose, etc. Convenhamos que dá medo estarmos perto de um doente tão azarado pois ninguém me convence de que o azar não se pegue como o sarampo... Pergunto ao Dr. Nathanael se tem alguma idéia sobre a natureza da miocardite.

Dr. Nathanael: – Nada posso adiantar nesse sentido. O traçado é de miocardite.

Dr. Craig: – Tenho a impressão de que se trata de miocardite chagásica. Já estive na América do Sul e por lá incide de modo endêmico a doença de Chagas. Trata-se de uma forma grave de comprometimento cardíaco, de compensação difícil. Pedirei ao Professor Dácio Franco de Amaral, de São Paulo, para me mandar o antígeno para a

reação de Machado-Guerreiro para confirmar a minha suposição. Como vêem, este doente é um verdadeiro tratado de patologia médica! O doutor Young poderia explicar porque pôz um ponto de interrogação depois de Giardia lamblia?

Dr. Young: – É que fiquei ainda em dúvida se se trata realmente de giardia. Como todos sabem, este protozoário tem a forma ovoide e possui duas ventosas, dois núcleos e 8 flagelos, de tal forma que se assemelha a uma fisionomia humana, principalmente dos retratos modernos de Picasso. Ora, os flagelos deste homem doente têm fundamentalmente a mesma morfologia da giardia; possuem porém duas conchas laterais em forma de orelha e um tufo de flagelos na extremidade anterior que é arredondada, assumindo então uma semelhança extraordinária com uma cara humana! Confesso que até me assustei ao focalizar a lâmina...

Dr. Craig: – O prezado colega pode ter a certeza de que a sua dúvida teve muito fundamento. Se é como diz, não se trata de Giardia lamblia e sim de outro protozoário que já tive oportunidade de estudar na América do Sul. Trata-se do Homo sapiens, variedade brasiliensis, flagelado extremamente patogênico desde que as condições do meio lhe sejam propícias. Posso afirmar que é este um protozoário de comportamento extremamente complexo; estudando-o a fundo, fiquei pasmado ao descobrir que ele

parece ter uma personalidade ou melhor dito, duas personalidades, tal como o personagem de Robert Louis Stevenson. Aparentemente, tal Jeckill e Mr. Hyde nele se degladiam, disputando-lhe o domínio uma vez que a conduta dele é, em verdade, muito estranha; enquanto uns se contentam em se manter sápritas, outros não só expoliam o hospedeiro como devoram os próprios semelhantes! Não só isso. Numa das colônias que estudei, houve um aumento fabuloso da variedade patogênica enquanto em outra colônia, em que eu havia adicionado apenas dez gotas de extrato de “Xilindró-fluid”, ocorreu o contrário. Parece pois que esse preparado consegue inibir a patogenicidade desse flagelado.

Dr. Boyd: – Até que ponto esse Homo sapiens, var. brasiliensis seria o responsável pelo estado do paciente?

Dr. Craig: – Na minha opinião, de todas as entidades que o doente apresenta, essa é a pior. Ainda mais, por incrível que pareça, porque contraria todo o princípio médico, se se conseguir curá-lo dessa parasitose, a tuberculose, a miocardite chagásica, a schistosomose, etc. tenderão a desaparecer também! Sou porém de opinião que o “Xilindró-fluid” deve ser administrado em doses maciças...

Dr. Matinas Suzuki (ex-diretor de O Bisturi)

OS UNIVERSITÁRIOS E AS REFORMAS SOCIAIS

DÉCADA DE 1950

No Brasil a injustiça social é um fato indiscutível. Todo homem honesto, seja qual for sua ideologia, reconhece isso.

As famosas leis trabalhistas do Estado Novo é verdade que vieram melhorar a situação do trabalhador humilde. Mas muito pouco. Em parte porque não cumpridas – veja-se os casos dos Institutos de Previdência, que, ao invés de beneficiarem os contribuintes, se transformaram em fonte de renda e de cartaz para os diretores; em parte porque são incompletas e falhas.

Aliás, a própria Constituição não é respeitada, quando isso não interessa aos poderosos. Tal é o caso da participação dos empregados nos lucros.

Esse e outros fatores são responsáveis pela tremenda inferioridade do operário e do homem do campo brasileiro perante aqueles de países mais humanizados. O sistema de latifúndios, por exemplo, que deveria ser abolido através de uma reforma agrária, sempre prometida antes das eleições, mas nunca efetuada, porque os eleitos são, eles mesmos ou seus amigos, usufrutuários da situação atual.

Reforma agrária, participação nos lucros, elevação do salário mínimo, abolição do imposto de renda sobre o salário, e outras, são todas reivindicações daqueles que se preocupam com a sorte desse homem que nós nos habituamos a conhecer morrendo de fome, ou de doenças outras que indicam a miséria a que está sujeito – é o lavrador, é o marmiteiro. Quem de nós já não o viu no H.C.?

Pois bem, ele mesmo não sabe que tem direito a essas reformas. E não sabe que teria força para conseguir, caso se organizasse.

Quem o sabe são os indivíduos com um tanto mais de discernimento, como sejam, os representantes dos 3 poderes: Executivo, Legislativo e Judiciário; os intelectuais; os pertencentes às camadas mais cultas das Classes Produtoras, os quais, regra geral, são os de mais dinheiro; e nós, os estudantes.

Dentre todos esses, somente nós guiamos nossas ações apenas de acordo com o que cremos justo, sem buscar vantagem pessoal. Os outros, com exceções, é claro, procuram deixar as coisas como estão, porque isso é de seu interesse. Então o que observamos? Uns poucos jornalistas e escritores, alguns raros deputados, senadores, homens públicos erifim, se dedicam à luta desigual tentando conseguir um pouco de justiça social. E nós, universitários, que fazemos? Que eu saiba estamos fora disso, assistindo de camarote a comédia que é a história de nossas Assembléias Legislativas e dos decretos presidenciais: ao “faz de conta” em que estão metidos os políticos, discutindo Reforma Cambial, Reforma da Constituição, Parlamentarismo, como se fossem fórmulas mágicas que iriam acabar com o impudismo, a desnutrição, com o “barbeiro”...

Nós, estudantes, estamos errados. Porque estamos apáticos, quando deveríamos lembrar a esses homens, a custa de manifestos ou por outra forma qualquer, que há gente lúcida, honesta e humana apreciando o espetáculo. E que esta gente está cansada de ver cada ato terminar com os desgraçados, mais desgraçados e com o vilão a sorrir satisfeito.

Mauro Spinelli

NOVAS PERSPECTIVAS!

MEDICINA NA C. UNIVERSITÁRIA

ABRIL DE 1966

A nossa Escola agora também está na Cidade Universitária. O significado real desta presença vai bem além do que à primeira vista possa parecer, isto é, a situação do Departamento de Bioquímica no Conjunto das Químicas representa não apenas uma integração física, mas prenuncia uma real integração em um espírito de Universidade.

A mudança da Faculdade para a Cidade Universitária, já aprovada pela Congregação, é um imperativo para o progresso da Casa de Arnaldo. Vai longe o tempo de tão "decantado" padrão "A" de ensino médico e, sob uma análise que não seja tão laudatória e saudosista como as costumeiras, fica patente que esta é uma Escola decadente em vários aspectos, tema que voltaremos a abordar em outros artigos.

A Cidade Universitária é uma das tábu-

as de salvação para a renovação do ensino e para o desenvolvimento da pesquisa, em toda a USP. A vivência que o local permite, associada ao ambiente de concorrência científica, onde quem não produz e não progride, não tem lugar reservado ao sol, serão os fatores desencadeantes das reformas que terão lugar na estrutura da própria Universidade.

É por isto que as resistências às mudanças foram tão intransigentes; não podemos, entretanto, permitir que manobras políticas, ressentimentos pessoais e o conservadorismo sejam obstáculos à conquista da real posição de vanguarda que nossa Faculdade merece no cenário científico. A presença da FMUSP na Cidade Universitária abre novas perspectivas para uma educação médica à altura das necessidades da nação.

MUDANÇA DAS CADEIRAS BÁSICAS PARA A C.U.

FINAL DA DÉCADA DE 60

A transferência das cadeiras básicas para a C.U. É mais um passo da implantação da Reforma Universitária, que vem efetivar definitivamente o agrupamento dos diversos Departamentos (anteriormente distribuídos pelas várias Faculdades) em Institutos, em nosso caso o Instituto de Ciências Biomédicas (ICB).

Isto foi justamente pensado na tentativa de um melhor aproveitamento dos recursos humanos com que contava a Universidade, com o menor gasto operacional possível, visando aumentar no número de vagas disponíveis, que como todos recordam, foi um reflexo do problema dos "excedentes" que pressionavam as autoridades, que viram nessa fórmula uma possibilidade de amenizar as tensões existentes na época.

Realmente a idéia, a princípio bem pensada, baseava-se na tentativa de abranger o maior número de alunos, sem aumentar o quadro de professores já existentes, apelando somente para a maior racionalização de trabalho. Ao lado disto, outro ponto cogitado foi o fato de que esta estrutura poderia proporcionar aos docentes maiores possibilidades de realizar pesquisas conjuntas com professores que, apesar de serem de outras escolas, pertençam ao instituto.

No entanto, fazendo um balanço do que a reforma tem significado para a

FMUSP, percebemos que em termos de pesquisa conjunta, nada ainda foi cogitado e, em termos de maior racionalização de ensino, a prática até agora tem demonstrado que ainda estamos muito longe disto, principalmente ao observarmos os vários problemas acarretados pela implantação do "ciclo básico", pela transferência de algumas cadeiras para a C.U. E principalmente pela desorganização em que vários departamentos se encontram. Tudo isto culminando com uma queda do nível de ensino, tendo se tornado já clássica uma expressão na boca de alguns mestres:

"O curso não está bom? A culpada é a Reforma!"

Indiscutivelmente grande parte dos problemas que tem ocorrido nos últimos tempos, tem sido ocasionados pela Reforma, principalmente se elevarmos o questionamento a nível dos objetivos, quando, então, surge a dúvida se eles conduzirão a uma Universidade que realmente necessitamos. No entanto, o que ainda não está claro é que se vários destes problemas, principalmente os de ordem organizacional, não poderiam ser amenizados por uma melhor estruturação dos departamentos e uma maior boa vontade dos professores e se grande parte das vezes, interesses pessoais não se escondem atrás do "bode expiatório" da Reforma.

Qualquer que seja o seu grau de cultura
ESTA OBRA LHE SERÁ ÚTIL

ENCICLOPÉDIA PRÁTICA JACKSON

12 Volumes - 5.400 Páginas

Conjunto de conhecimentos para a formação autodidática. Obra escrita por 64 eminentes professores das mais famosas Universidades da América e da Europa, que oferecem em 61 cursos, 1.146 capítulos, que ocupam 5.400 páginas ilustradas com 2.020 desenhos, 1.369 fotografias, 191 quadros e tabelas, 45 mapas geográficos e belíssimas páginas em cores.

W. M. JACKSON, INC.
EDITORES

RIO DE JANEIRO — R. do Ouvidor, 140 - C. P. 360 - Fone 42-0671
SÃO PAULO — Rua S. Bento, 250 - Cx. Postal, 2.913 - Fone 32-2348
PORTO ALEGRE - R. dos Andradas, 991 - C. Postal 475 - Fone 5736
RECIFE — Rua da Concórdia, 143 — Caixa Postal, 506.



DUROS TEMPOS

ONDE ESTÃO OS DEMOCRATAS?

FEVEREIRO DE 1966

Finalmente os que se chamam democratas a si mesmos de “democratas” se manifestaram. Saíram de seu mutismo habitual e falaram. Mas não falaram a seus colegas, pois pareceram temer-nos. Falaram com outros sobre nosso destino, que pensam ter em mãos. Felizmente pudemos ouvir um pouco da conversa.

O diretório acadêmico criado pela lei Suplicy saiu da fôrma como o imaginávamos, mas a discussão sobre ele será feita em outra ocasião, pois é extensa. Analisaremos apenas os personagens que os criaram – os assim ditos “democratas”.

Não éramos obrigados a transformar o CAOC em diretório acadêmico. Se não quiséssemos, perderíamos a representação. Se o quiséssemos, seríamos transformados numa entidade orientada pelo Ministério da Educação e Cultura e cujas atividades deveriam ser julgadas pela Diretoria da Faculdade. Os “democratas” falam muito em liberdade, mas preferiram perdê-la em troca de uma representação que não nos ajudaram a ganhar!

Em 1962 registrou-se a maior greve estudantil realizada no País, quando cem mil universitários brasileiros paralisaram as Faculdades por quatro meses em luta pela representação junto aos órgãos de direção da Universidade. Essa luta foi avante contra a vontade dos “democratas”, mas agora eles

dizem que a representação é a mais importante conquista dos estudantes. São contra a greve também. E dizem que fizeram o diretório acadêmico para salvar a representação. Como são coerentes!

Diziam eles que éramos minoria e que só por manobras conseguiríamos ganhar as eleições. Mas na votação realizada pela Faculdade em 16 de agosto de 1965, foram rejeitados por 83,5% dos colegas. Nunca mais falaram em maioria!

Diziam que éramos controlados de fora, mas eles se manifestaram descaradamente como uma organização geral cuja finalidade era conquistar as Faculdades, e à qual deram o nome de “grupo decisão”. Não somos nós que os acusamos: são eles que confessam!

Diziam que recebiam dinheiro para subversão (o famoso “ouro de Moscou”), mas todos estranharam o fato de andarem distribuindo um jornal sem propaganda alguma com dez mil exemplares, editado semanalmente! Como devem ser ricos os “democratas”, a ponto de esbanjarem tanto dinheiro com tal jornal! (já que não recebiam dinheiro...).

Diziam que fazíamos tudo escondido, levando aos colegas tudo preparado para aprovarem. Mas se não fôssemos nossa descoberta de apresentação de estatutos do diretório acadêmico à Faculdade eles teriam

decidido sobre o nosso destino sem sabermos. No fim viriam dizendo que “aquilo” (os estatutos) era já oficial. Tudo isso sem ninguém, a não ser eles, saberem!

Diziam que fazíamos ameaças para criar confusão e executar nossos planos sem ninguém perceber. Mas foram eles que impediram uma assembleia de se realizar porque começaram a atirar ovos (!) na mesa diretora. Isto que é bom comportamento!

Diziam que pretendíamos dividir os colegas para mais facilmente dominá-los, mas foram eles que resolveram constituir o diretório acadêmico, mesmo contra a grande maioria (83,5%) rejeitando o processo democrático porque não era esse seu interesse: seu interesse era dividir.

Diziam que não éramos representantes da maioria, que éramos a chamada “minoridade dominante”. Mas em sua primeira possibilidade de chegar ao poder, qualquer que fosse ele, mandaram o GOVERNO PELA MAIORIA às favas. Isto é, uma perfeita ideologia modificável pelos interesses.

Eles prometem trabalhar para que os alunos da FMUSP tenham tudo do bom e do melhor, mas não possuem tradição de trabalho entre nós. Alguns possuíam cargos, mas isso foi de consequências desastrosas, como todos sabem. Com o diretório acadêmico também nada fizeram em seis meses de silêncio, nem como “representantes dos alunos” (como dizem) na Congregação da Faculdade, onde nunca abrem a boca.

Dizem ser honestos e leais, mas estiveram contra qualquer manifestação

de solidariedade aos professores demitidos sob acusações de subversão. Muito pelo contrário, aplaudiram a medida de imediato, pois diziam a alto que possuíam provas de que todos eram “comunas” e deveriam ser punidos. Muita gente se esqueceu disso hoje com a festa da absolvição daqueles mestres e a caracterização do crime de calúnia feito por elementos internos, mas dentre estes estão os ilustres “democratas” do diretório acadêmico, fiéis e leais interessados no ensino e sem intenções políticas excusas...

Tão democratas são que procuraram obrigar os calouros contra todas as leis, a pagar taxa e ingressar no d.a. Tentaram fazê-los através de funcionários da Faculdade e quando um calouro se recusou a pagar, FOI-LHE IMPEDIDO DE FAZER AMATRÍCULA até que pagasse! São esses os “democratas”?

São democratas aqueles que constroem ocultamente uma entidade que procuram impedir aos colegas sem estes sequer saberem? São democratas os que não consultaram os colegas para elaborarem os estatutos do d.a.? São democratas os que tomaram posse no dia, embora fossem reduzida minoria?

Nem sob a lei podem esconder-se, pois esta se opõe frontalmente a eles, uma vez que os atuais estatutos que redigiram são ilegais e fraudulentos, pois burlam o processo democrático.

Isto não poderia jamais ser Democracia, nem eles democratas.

Se não são eles, então perguntamos: onde estão os democratas?

EVOLUÇÃO

ABRIL DE 1966

O eco dos passos dos estudantes que marcharam pedindo liberdade em ruas de Minas Gerais, São Paulo, Guanabara, Paraná, ainda não se perderam na distância, quando nós, que também marchamos, somos colocados perante perguntas sobre o significado real das passeatas e de suas consequências.

Alguns personagens de tendências conhecidíssimas tentaram fazer crer à opinião pública que o protesto tinha sido mais uma “estudantada”, como muitas que, infelizmente, foram feitas neste Brasil. Que eram bandos minoritários de desordeiros que saíam às ruas para aparecer e acontecer e que a repercussão de tal gesto cessavam na hora da dispersão da massa.

Apesar de alguns movimentos realmente populares, como a luta contra a

Ditadura Estadonovista, a campanha a favor da Petrobrás, por muito tempo o Movimento Universitário brasileiro sofreu dessa doença de “acontecer”. Suas palavras de ordem falavam em povo e pouco fazia para chegar até ele, sentir seus problemas e tentar encontrar soluções.

Quando aconteceu o golpe de 1º de Abril, o Movimento Universitário foi apanhado de calças curtas. Surpreendido esboçou uma defesa que não teve êxito porque aquela era uma hora em que a força bruta falou mais alto.

Logo, assim que o governo começou a tentar manietar os estudantes, estes se levantaram como um todo em defesa dos seus direitos. Começou-se, então, a tomar consciência de que o Movimento Universitário não poderia ter verdadeiras possibilidades e aspirações se estas não partissem das bases, se a luta não fosse levada por todos, em cada Centro Acadêmico e não somente nas altas

esferas. Assim foi conseguida a participação do universitário na luta contra a lei Suplicy, nos plebiscitos e, mais importante ainda, no boicote às eleições.

O Movimento Universitário começava a sentir a situação, a perceber lentamente que a luta dos universitários em prol de reformas e transformações só seria válida se o maior interessado, o povo, dela participasse.

Vindo de uma posição romântica, o Movimento Universitário evoluiu no sentido de se encontrar com a única razão de ser de suas lutas, de identificar com o depositário de suas esperanças, o povo. É nesse contexto que essas demonstrações recentes devem ser colocadas.

É como um passo nessa lenta e penosa caminhada que o Movimento Universitário está fazendo para se encontrar e identificar com o povo, eis o que deve ser compreendido como o significado dessas passeatas.

Além disso elas não devem ser inter-

pretadas somente como fase final de um estágio primário, mas como início, como marco de uma fase nova onde os universitários partem para um trabalho consequente de lutas em prol dos ideais de toda a população. É a liberdade que se defende com todas as energias e com todos os riscos.

As consequências dessas manifestações são muito mais profundas e importantes que uma simples análise superficial possa revelar: elas proclamam o despertar da maturidade do Movimento Universitário brasileiro, consciente da sua força e, principalmente, de seu papel histórico na transformação da nossa sociedade subdesenvolvida.

Os ecos dos passos desses estudantes que marcharam em tantos lugares serão ouvidos em outros tantos lugares e serão fortalecidos por novos passos aqui e ali, até que todos se unam em uma única gigantesca marcha, em busca do futuro.

MANIFESTO

JUNHO DE 1968

COM RELAÇÃO AOS ACONTECIMENTOS OCORRIDOS POR OCASIÃO DO DIA 1º DE MAIO

São passados 20 dias das comemorações do DIA DO TRABALHADOR; um esforço foi feito a fim de que esse dia fosse realmente marcar o trabalhador para a grande missão que lhe cabe no nosso país: as lideranças operárias não se pouparam um minuto para que 1º de maio fosse realmente um dia do despertar operário. Pois bem, durante esses vinte dias que se seguiram ao 1 de maio todo um esforço vem sendo feito para esmagar a semente plantada nesta ocasião: — interpretação mentirosa do que aconteceu na Praça da Sé; aproveitamento do acontecido para vitimizar quem não é senão um dos algozes e como se não bastasse, uma onda de insegurança através de prisões feitas e outra prometidas. Existe assim no mundo operário um verdadeiro clima de tensão, que pretende reduzir ao silêncio as vozes das lideranças operárias, reduzindo mais ainda as possibilidades do operário de se tornar gente e manifestar democraticamente, pelo menos, seus estertores de morte perante uma situação desumana, que oprime e mata lentamente o operário.

Sentimos o clamor da multidão e emprestamos a elas nossas vozes para vir a público, protestar e denunciar esse estado de coisas para não sermos cúmplices dessa exploração. Eis, em síntese, a razão desse manifesto.

DECLARAÇÃO POR OCASIÃO DOS ACONTECIMENTOS DE 1º DE MAIO

Sacerdotes e Pastores Cristãos, conscientes de nossa responsabilidade, ligados que estamos ao povo e, participante de sua vida pela missão a nós confiada, viemos a público proclamar nossa consideração e posição diante dos fatos ocorridos no dia 1º de maio e a êle posteriores.

O QUE VIMOS NO 1º DE MAIO?

Na Praça da Sé notamos em massa a presença do povo trabalhador.

Unido ao trabalhador a presença de sacerdotes e estudantes solidários a essa comemoração.

Presenciamos o repúdio da massa trabalhadora aos representantes do governo e a líderes sindicais.

Constatamos a acolhida no palanque oficial de operários surgidos do meio povo, que ordeira e calorosamente os aplaude.

Sentimos que a palavra do trabalhador nesse dia foi mais um grito de angústia e sofrimento, reclamando para si um único direito: o de viver com dignidade e honestamente.

E NÓS SOMOS TESTEMUNHAS

Que o repúdio ao governador pela multidão ali presente e não por "um grupinho de agitadores", conforme anunciaram pela imprensa, significa o descrédito e a desconfiança em que caíram os governantes e os ricos seus aliados, responsabilizados como sendo os detentores da miséria do povo.

Que os líderes sindicais não são acolhidos em sua maioria pelos trabalhadores que vêem neles um aliado do patrão e quando não defensores, "dedo duros" ou dependentes de um regime que o operário não aceita ou não lhe é favorável.

Que o povo aceitou e aplaudiu os operários no palanque, porque êles de fato transmitiram e fizeram sentir às autoridades as palavras que de fato a multidão queria que fosse ouvida.

E DEPOIS DE 1º DE MAIO?

A exploração em torno das gotas de sangue do governador.

A deturpação dos fatos como sendo "um grupinho de estudantes comunistas"

Prisão de operários e estudantes, interrogatórios minuciosos a Padres cujo único crime foi comparecer à Praça da Sé.

Prisão de dois líderes sindicais, submetidos a torturas.

Temor dos trabalhadores, nos seus próprios bairros, constantemente vigiados pela polícia.

Militantes operários covardemente traídos por companheiros, o famoso "dedo durismo" gerando um ambiente de mútua desconfiança entre os trabalhadores.

A não intimidação dos operários, que já não se abatem diante desses fatos, e, pelo contrário, solidarizam-se com os perseguidos e mantêm suas famílias, num gesto de quem está disposto a pôr um paradeiro em tudo isso.

NOSSA POSIÇÃO

É a mesma de Cristo e dos Evangelhos.

Sempre junto com o povo.

Pela justiça e contra a miséria.

Por um justo salário, por uma digna condição de trabalho, pela participação dos bens de produção, por um direito que não está sendo dado à grande maioria do povo brasileiro.

Contra o sangue que está sendo derramado impunemente: sangue de crianças que não vivem até os três anos de idade, porque lhes roubam o direito à vida; sangue de operários, porque lhes roubaram a resistência e nada ou quase nada lhe dão em troca; sangue dos estudantes também porque êstes querem escolas e cultura.

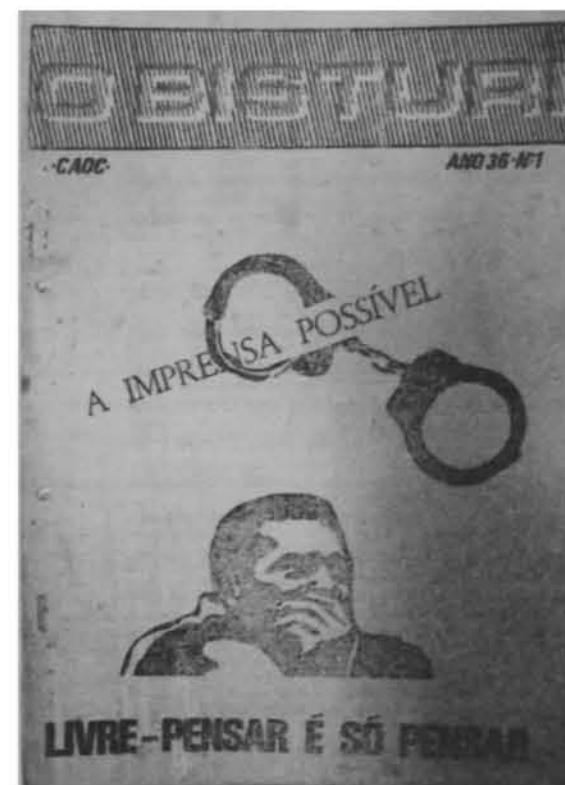
Denunciamos o verdadeiro "grupinho de agitadores" que são

os detentores do poder e do dinheiro mal acumulado, como sendo os grandes culpados da miséria e da revolta do trabalhador e de todos os que têm fome e sede de justiça.

Alegramo-nos de ver que o trabalhador já não se intimida, que cresse seu espírito de legítima defesa contra a agressão, que êle percebeu que organizado — é capaz de implantar a dignidade nesse país.

NOSSA POSIÇÃO é ao lado do operário e do povo no seu justo anseio de liberdade.

(Íntegra de um manifesto de 75 padres e pastores, na sede da JOC, no dia 20-5-68).



O LUTO DA MEDICINA

OUTUBRO DE 1976

O dia 24 de setembro marcou uma nova etapa na história do Ensino Médico no Brasil. Nesse dia, pela primeira vez na História do Brasil uma Faculdade de medicina foi invadida pela Polícia.

Essa atitude do governo de um país que necessita desesperadamente de médicos, diz bem o interesse dos nossos homens públicos pela saúde da população brasileira. Por outro lado, a isenção de responsabilidade de cada um deles (por incrível que pareça nenhum deles chamou a polícia!) diz bem de sua valentia e honorabilidade.

Do que aconteceu lá, dos estudantes feridos, dos laboratórios destruídos, o vandalismo, os colegas já sabem. Nunca, segundo os correspondentes estrangeiros que presenciaram a invasão, foi vista tanta selvageria, contra jovens cujo único crime era desejar a redemocratização do país.

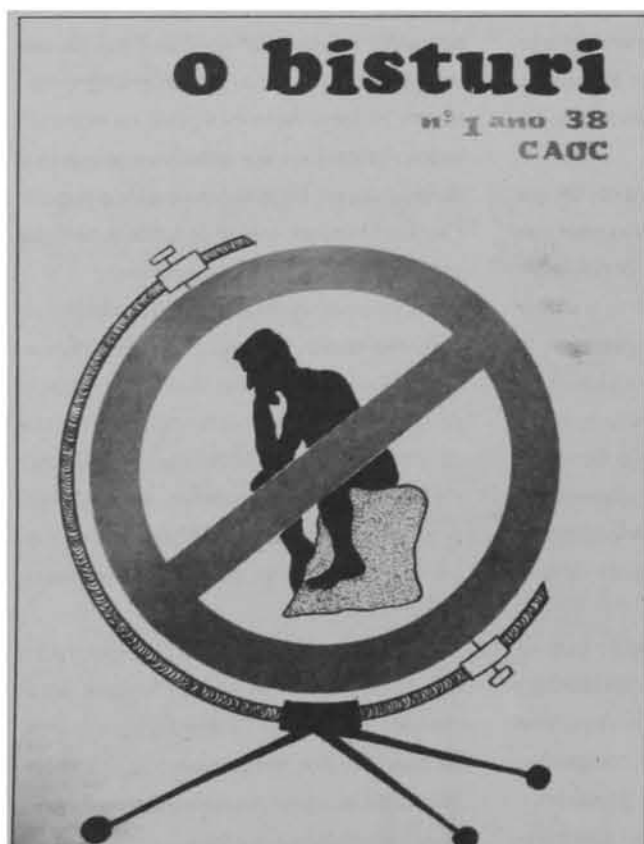
Nosso Centro Acadêmico, evidentemente não poderia se omitir diante de

um fato, que além de selvagem, brutal e atentatório aos direitos da pessoa humana, prejudicam uma luta estudantil de meio século, em prol do melhoramento do Ensino em nosso país.

Dentro desse espírito foi realizado na nossa sede, no dia 27 um Ato Público de Protesto contra a invasão da Faculdade Nacional de Medicina. O ato contou com a participação do colega Carlos Alberto Vieira, presidente do DCE que usando da palavra disse da importância histórica da atual fase do Movimento Estudantil, que encarna em sua luta, toda a luta da população brasileira.

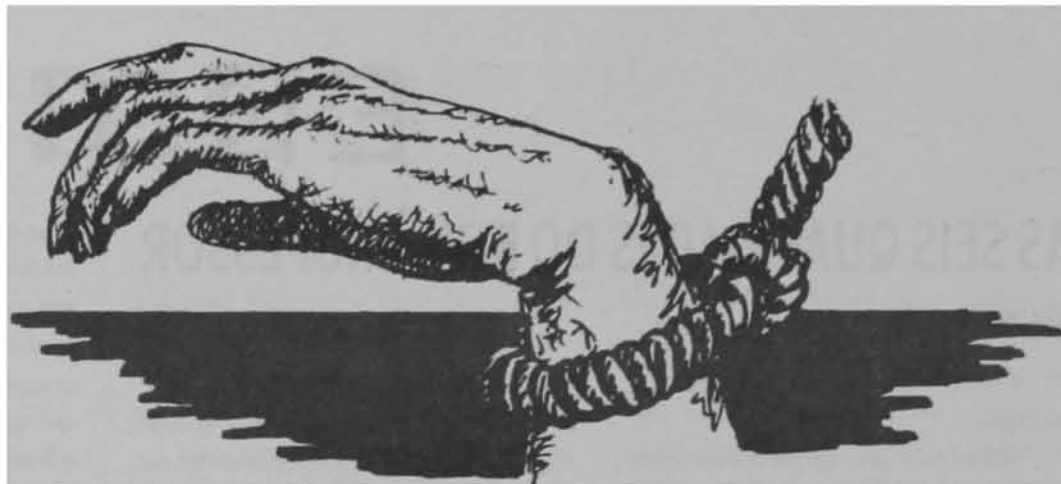
A seguir os colegas nossos usaram da palavra, resultando das manifestações, a decretação de luto pelo espaço de três dias, como sinal de protesto contra a invasão policial de uma escola de medicina.

Realmente, é lamentável que, num instante que todos nós sentimos a falta premente de material de Ensino, o governo (e o próprio Ministério da Educação) ordene a destruição de laboratórios como ocorreu no Rio de Janeiro!



ÉTICA MÉDICA

FINAL DE 1976



É difícil definir tortura. Um dicionário diz: “tortura é a inflação de intensa dor, provocada por queimadura, compressão, ferimento, especialmente para punir ou obter confissão”.

Há uma série de facetas que expandem a definição. No mínimo duas pessoas são envolvidas: o torturador e a vítima. A vítima está sob o controle físico do torturador. Além da inflação da dor como elemento básico, a definição deve também incluir o constante stress mental ou psicológico e, finalmente, há uma intensão implícita por parte do torturador de despersonalizar a vítima, destruindo sua humanidade.

No interrogatório, costuma-se deixar a vítima encapuçada, amarrada, sendo tratada com as mais diversas injúrias. O passo seguinte é colocar a vítima em estado de pânico, de um animal acuado e apavorado. Para isso utilizam-se de diversas formas de provocar dor sem deixar marcas que comprovem a aplicação da tortura.

Quais são as partes do corpo que mais doem quando são golpeadas, deixando apenas marcas que rapidamente desaparecem? Por quanto tempo podemos aplicar um choque de 220 V sem provocar a morte? Quais as partes mais sensíveis a choques de pequena voltagem? Se dermos uma injeção de amoníaco o que acontecerá com a vítima? Se amarrarmos o pênis da vítima, não a deixando urinar, o que ela sentirá?

Para responder a essas perguntas, o torturador precisa conhecer a fisiologia do organismo humano. Precisa também de alguém que acompanhe o estado da vítima, indicando os momentos em que o torturador deve parar para que ela continue a viver e para tratar as lesões provocadas.

Por isso, em cada equipe de torturadores há um médico. Estes médicos, além de terem abandonado os ideais éticos de sua profissão, abandonaram, como todos os torturadores, o preceito moral da humanidade.

Em 1973, a organização ANISTIA INTERNACIONAL realizou, em Paris, a Conferência Para a Abolição da Tortura, onde foi formada uma comissão médica que propôs que fossem incluídas no Código de Ética Médica as seguintes questões:

a) Pessoal médico e associado deve recusar-se a permitir que suas habilidades profissionais ou de pesquisas sejam exploradas, sob quaisquer aspectos, com o objetivo de tortura, interrogatório ou punição, nem deverão participar de treinamento de outros para essas atividades. Essa proibição aplica-se também para a proteção de dissidentes políticos em quaisquer instituições a que estejam confinados.

b) Os médicos e associados devem permanecer escrupulosamente vigilantes quanto à possibilidade de suas pesquisas serem utilizadas com objetivos contrários à sua intenção original e devem evitar cuidadosamente envolvimento em qualquer trabalho que pareça passível de abusos. Pesquisas feitas sob o patrocínio ou com a assistência financeira

de organizações militares ou de segurança são particularmente suspeitas.

c) Os médicos devem evitar que seu poder especial para confinar pessoas em hospitais mentais seja usada como meio de evitar processos.

d) Pessoal médico trabalhando em prisões ou em outros campos de segurança devem insistir em que sejam contratados e estejam subordinados a uma autoridade independente daquela instituição de confinamento.

e) Pessoal médico que venha a ter conhecimento de torturas ou de planos nesse sentido, está obrigado a comunicar o fato às autoridades competentes.

f) Experimentação médica em qualquer instituição, mas particularmente naquelas em que as pessoas se encontram, contrariamente a sua vontade, deve ser processada em estrita observância às regras de Helsinque sobre conduta em experimentação humana.

g) Prisioneiros, e outros confinados contra a vontade própria, devem ter o direito de livre acesso a médicos de sua própria escolha.

h) Membros da profissão médica devem dar todo apoio possível a colegas prejudicados por terem seguido as determinações deste Código de Ética Médica.

Em 1975, a Assembléia Médica, reunida em Tóquio, aprovou as sugestões.

No Brasil, apesar de não reconhecida oficialmente, a tortura a presos políticos e comuns é fato público e notório, porém a censura à imprensa e a omissão por parte de alguns órgãos jornalísticos sempre impediram que esses fatos fossem divulgados e analisados pela opinião pública.

Mais recentemente, a Confederação Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) lançou o documento “Comunicação Pastoral ao Povo de Deus”, onde denuncia a prática de torturas a posseiros e elementos do clero.

Certamente nesta prática, tornada rotineira, participam médicos, exercendo o controle de resistência dos torturados. Nas prisões ocorridas no fim de 1975, esta prática culminou com a morte de várias pessoas, entre elas a de Wladimir Herzog, em condições até hoje não devidamente elucidadas, nas dependências do DOI-CODI do II Exército. Isto não impediu que essa morte fosse atestada por médicos ligados a instituições também oficiais, como o Instituto Médico Legal, pela pessoa de Harry Shibata, recentemente homenageado na Congregação da FMUSP, por iniciativa do professor Lacaz, quando o homenageado foi nomeado diretor do Instituto Médico Legal.

TORTURA

ENSINO

AS SEIS QUALIDADES DO BOM PROFESSOR

MEADOS DE 1944

1ª – Ter conhecimento da matéria que vai expôr.

Si o sr. vai repetir simplesmente aquilo que leu no livro, de véspera, deixe essa tarefa ao aluno. Recomende o livro, que ele lerá em casa, mais confortavelmente instalado e com maiores probabilidades de aproveitamento.

2ª – Não abusar da atenção do aluno.

Segundo o que se tem apurado, a atenção do homem adulto e normal não vai além de 40 minutos. A não ser em aulas excepcionais (e o sr. não vai pretender que a sua o seja sempre) consegue-se um auditório atento por mais de 1 hora. Então, para que cansar as tuberosidades isquiáticas da juventude?

3ª – Ser pontual.

Si o sr. Chegar atrasado encontrará a turma numa algazarra festiva na ilusão ingenua de que o sr. vai faltar. A sua chegada, além de pôr os alunos de mau humor, não conseguirá chamá-los à atenção. Além do mais, o que é importante, o sr. vai querer descontar o atrazo, prolongando a aula, o que dá uma truta desgraçada.

4ª – Expôr claramente o assunto e usar

linguagem correta.

Si o sr. embrulhar muito a questão, recheá-la de citações inúteis, parentesis, etc., falar baixo ou com má dicção o sr. deixará desorientado o mais badalo dos seus alunos que preferirá descansar o olhar besta no quadro negro, e vai fazer com que outros joguem batalhas navais e os mais irriquiotos chateiem a comunidade.

5ª – Ter personalidade e dominar a classe.

Si o sr. sofrer do complexo de inferioridade, si tiver medo de encarar a turma ou ficar resmungando timidamente a um canto, então será aquela água! Os mais pacatos dos seus alunos atirar-lhe-ão bolinhas nas costas, esteja certo.

6ª – Ser justo na nota.

Si o sr. fôr exigente demais gozará do merecido rancor dos seus alunos, bem como contará com uma situação pouco invejável em todas as piadas e quadrinhas que a turma inventar. Si o sr. pecar pela condescendência será chamado de “mãe”, mas não deixará de haver desdem nas apreciações que os alunos fizerem a seu respeito.

fatal das imperfeições humanas – à nobre, infavel e desagradadora pancadaria. Os cinco cegos, aos tapas e vitupérios, rolaram a valer no chão. E tão lindo pó levantaram e graciosa gritaria fizeram que, mais cedo do que queriam, foram expulsos do patio com o lombo moido a bastonadas.

Quando, nesta Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, decide-se por especial favor dos deuses, decifrar o busilis da reforma dos programas, procurando-se estabelecer uma fórmula capaz de produzir, após seis anos de confusão administrativa e científica, um clínico geral (o que até agora não se conseguiu, diga-se de passagem), a fábula se repete.

Reunem-se o anatomista, o fisiologista, o anatomo-patologista, o ginecologista... ista. Assunto da sessão, em última análise – O que é um clínico geral.

Café para todos, palmadinhas nas regiões escapulares, sorrisos e cigarros.

Está aberta a sessão, vai começar a inanal – Um clínico geral, grita logo de início o anatomista, – é o individuo que conhece as particularidades da carúncula lacrimal

– Melhor seria dizer que é o individuo que escreve decór as fórmulas das vitaminas conhecidas, pontifica o químico, com ares de quem não quer encrencas.

– Engano, vocifera o cirurgião – só pode ser chamado de clínico geral quem assiste do 10º andar as anastomosias porto-cavas que eu realizo no 9º!

– Não, protesta a obstetra, – antes de tudo ele deve saber o que pensavam Serapião, Razés, Avicena e Ali-Ben-Abbas. Também não deve confundir J. Guilherme Stein, o velho, com J. Guilherme Stein, o moço. Por outro lado...

– Por outro lado, atalha o fisiopatologista – deixemo-nos de partidarios. Eu provarei, à saciedade, que clínico geral é pura e simplesmente o menino que decorou o meu livro. Isto é que é!

Porém o homem sensato já não está presente. Poz o chapéu naquela porção do corpo que a natureza não destinou exclusivamente a isso, e saiu.

Aqui fora tudo é silêncio e deserto. Na doçura da noite, pode-se pensar.

Assim como aqueles cavalheiros, que lá dentro brigam e esbracejam, sabem que a sua ciência, como qualquer outra, é formada por uma congêrie de fatos, mas que uma congêrie de fatos não forma, por si só, uma ciência. Assim também um clínico geral é anatomista + fisiologista + anatomo-patologista + ginecologista + ... + ista, mas o total dêsse termos jamais será um clínico geral, razão da existência desta

Escola com tudo que dentro dela se contem.

Se a Escola não está realizando o seu objetivo, e os alunos, termômetro da sua situação, declamaram-na insuficiente e mesmo, algumas vês, pernicioso, o mal não será reparado com mais profundos cursos, precisa é de um curso melhor.

Quando se organizar uma nova sessão para discutir a revisão do curso, parodie-se Platão, escreva-se na porta da sala: “Aqui só entra quem souber Clínica” Quem se apresentar com o dourado tapa-olho da especialidade seja barrado: Não pode ir falar o elefante!

Assim é que nos colocaremos no justo ponto de vista. Prontos para um trabalho, útil e urgente. Prontos para dar ao curso síntese e harmonia. Prontos para redimir essas gerações de moços que entram na Faculdade cheios de esperança e admiração, e, após seis anos de trabalhos estrenuos, saem de frente baixa, completamente desiludidos! Reformar os programas é um dever com a mocidade!

Aqui fora tudo é silêncio e deserto. Na gaze da neblina está Arnaldo. A frente genial e tranquila, heróicos e mudos lábios. O olhar, o olhar, entretanto, é expressivamente triste. São pupilas acomodadas ao infinito. E o homem sensato sabe o que elas contemplam. São campos e matas, rios e florestas, arraiais e vilas, terra sem fim entregue a sanha dos miasmas. É o lavrador impaludado que treme sobre a catre. É o lavrador opilado que vegeta na miséria. É a raça, a própria raça, que nasce na choupana e morre no casebre. E o homem sensato sabe também que um olhar assim tão triste é o dos que sonharam grandes sonhos que naufragaram depois no oceano amargo do egoísmo e da má vontade dos homens...

Reformar os programas é também um dever do Brasil!

Esta história devia parar aqui. Porém o homem sensato tão mal se sentiu naquela sala que saiu e esqueceu-se do guarda-chuva.

Quando voltou o salseiro estava formado. Todos os “istas” gritavam a um só tempo. Quem estivera sentado estava de pé; quem estivera de pé, estava sobre a mesa; mais ascensões não permitira a lei da gravidade. E, como diz o Velho Testamento: “... a confusão foi geral”. Mais isso não é o peor. Peor são os ressentimentos, os mal-entendidos, os ódios, os recalques. Os – “o senhor, está se referindo à minha cadeira?!” (cátedra)”. Isso é peor.

E, antes de sair definitivamente, o homem sensato lamenta a ausência aqui de um derviche capaz de manejar com energia e rapidez irretorquível argumento das bastonadas.

Paulo Homem de Mello

ONDE E COMO SE REPETE A FÁBULA DOS CINCO CEGOS E DO ELEFANTE

DÉCADA DE 1940

Diz uma fábula indiana que, certa vez, cinco cegos decidiram-se a compreender o que era afinal um elefante. Pediram, pois, a um menino que os conduzisse ao templo principal da cidade. E foram pelo caminho, mão de um na mão doutro, trocando conceitos apriorísticos, a título de pilhéria naturalmente, mas eram pilhérias de rara felicidade. Isso tudo ainda mais aumentava o congraçamento geral já estimulado pela perspectiva de uma jornada interessante, pois, como toda gente sabe, não há pasmacera maior que a vida de cego e na cidade de Benarés...

Chegados que foram ao templo, dispuseram-se em torno do animal sagrado e, com técnica que inspiraria mais dez volumes ao Cossio, começaram a apalpar o objeto da sua curiosidade. Por uns momentos foi tudo silêncio. O paciente paquiderme ainda mais sonolento com êsse imprevisto, delicioso cafuné ao grande sol do meio-dia.

– É evidente – declarou por fim um primeiro cego palpando a calda do animal

– é evidente que o elefante é fino e longo como uma víbora.

– Protesto – replicou o que abarcara uma das pernas – êle é grosso como um tronco de cedro.

– Asneiras – treplicou o que examinava a tromba. Êste animal é bocelado e oco como uma flauta.

– Liso e massiço como um alfange – contestou vivamente o que alizava uma das presas. – Portanto, asno és tu, meu caro!

Porém o quinto cego que, sendo muito alto alcançara a orelha do animal, atalhou com irritação: – Muito ao contrário de tudo isso! O elefante, emus idiotas, é nem mais nem menos que um grande leque. Quem disse outra coisa mente!

Ora, como a animosidade de uma controvérsia está na razão direta do número de opiniões, o bate-boca foi se encrespando, as ofensas pessoais num “crescendo apaixonado” lançaram o pequeno circulo, do exercício divino do intelecto, à resultante

“A Faculdade de Medicina foi feita para os seus alunos. Ninguém, pois, melhor do que estes, para dizer das dificuldades que vão encontrando nos seus estudos, e, assim, sugerir aos órgãos competentes a remoção das mesmas”.

Prof. Flaminio Favero, então diretor da FMUSP / Década de 1930

MÉDICO

A ÉTICA DO ESTUDANTE DE MEDICINA

Especial para “O Bisturi”

O estudante de medicina ainda não é médico. Assemelha-se, porém, ao botão que se abre em flor, tendo desta, já as suas características expressivas, quanto mais próximo esteja do remate evolutivo. O estudante não é médico mas é quase médico. Tem, dêste, a vocação e tantos deveres relevantes. E também sagrados direitos.

A vocação é um dever básico para norteá-lo, desde o começo. Obedeça-lhe cegamente se de fato sentir a chamada para a nobre arte. E faça tudo para isso. Mas deixe o lugar para o outro no caso de ser atraído por imperativos diversos dêsse, quase constitucional, que é o pendor inato. Sirva à medicina por verdadeiro amor a ela e aos doentes. Então, vocacionado, creia na medicina. Ela é maravilhosa nos seus propósitos e grande nas suas possibilidades. Não há arte que a sobreexceda. É divina. Vem dos céus.

Quem vais ser médico, cultive des-

de logo e sempre as qualidades que são próprias do médico: físicas, intelectuais, morais e espirituais. Que sua personalidade médica seja integral, como a medicina psicossomática de nossos dias. Para isso, dedique-se de todo o coração só à medicina, aprendendo a fazer assim desde os belos tempos de estudante. E lembre-se de que o médico nunca deixa de estudar.

Respeite e ame os seus colegas, com aquele respeito e amor que os companheiros de jornada devem saber usar.

Destarte, auxilie seus colegas, em suas atividades, com proficiência e lealdade. Terá então o direito de ser auxiliado. E aprenderá, na verdadeira escola de serviço, a ser útil, a ser, pois, médico no rigorismo da aceção.

Acostume-se, daí, a considerar sempre o doente como centro de todos os cuidados profissionais. Por causa dêle é que a medicina nasceu. Seja-lhe amigo. Conforte-o. Não ofenda o seu poder.

O doente é sagrado. Pobre ou rico, o seu direito é inviolável. Trate-o como desejaria ver tratado seu pai ou sua mãe em situação semelhante.

Use, ainda, de paciência com êle, com os parentes dêle e com a doença. Mas faça valer sua autoridade e seu prestígio. A bondade não pode ser mal compreendida. Prejudicaria, a compreensão errada, o próprio doente.

Lembre-se da regra do segredo. O estudante é auxiliar do médico. Êste é obrigado ao segredo profissional, que passa, necessariamente, a quem com êle trabalha.

Seja honesto sempre. Errando, confesse o erro. Não sabendo, pergunte, estude. Não exagere os males ao doente

para intimidá-lo ou exaltar a medicina.

Respeite a crença dos que sofrem. Não os constranja nem nisso, nem nas suas convicções políticas ou que outras sejam. A doença não cancela a liberdade de pensar. Esta, nem Deus contraria.

Atenda a todos os pacientes legais e regulamentares da Faculdade e do Hospital. Colabore com as suas autoridades para que tudo vá bem. Seja um fator decidido do maior progresso da Casa onde estuda.

Obedecendo a tais princípios, será feliz o estudante e se preparará para obter da medicina glórias que ela oferece aos que lhe foram fiéis.

Prof. Flaminio Fávero

O retorno do curso experimental

JUNHO DE 1983

Mais uma mudança curricular paira sobre a FMUSP. Só que dessa vez, ao contrário do que poderíamos imaginar, não se trata apenas da translocação de um curso de um ano para o outro, ou alteração da carga horária desta ou daquela disciplina. Fala-se agora em dois currículos, ou até mesmo duas faculdades, que formariam dois tipos diferentes de médicos, para atuar na rede de assistência médico-hospitalar, outro na rede médico-sanitarista.

Esta proposta, contida no documento “Reorientação do Currículo Médico”, elaborada pelo Prof. Eduardo Marcondes, está sendo discutida em caráter de urgência pelos professores titulares sob a batuta do Diretor, para ser aprovada ainda este semestre pela Congregação.

Atrás do verniz de uma análise, no mínimo criticável, sobre o Sistema Nacional de Saúde, que procura justificar a formação de dois profissionais diferentes na área médica, o que temos na verdade é um grande pacto. De um lado os ferrenhos defensores da tradicional Escola de Medicina e Cirurgia formadora de médicos de elite, do outro os criadores. Ganham os dois lados, porque se livram um do outro. Os primeiros ganham a redução de vagas e a liberdade para formar o seu idolatrado médico especialista. Os segundos, ganham um hospital novinho em folha, o HU, e uma nova faculdade na Cidade Universitária, para formarem o médico que acharem melhor, abandonando a luta pela de-

mocratização e adequação da FMUSP a nossa realidade concreta.

A estrutura viciada do Sistema Nacional de Saúde deve ser mudada, e não justificar a criação de dois tipos de profissionais: o médico do pobre do Posto de Saúde e o médico de elite dos grandes hospitais, onde a iniciativa privada com fins exclusivamente lucrativos encontra grande espaço para proliferar. Isso sem entrar na discussão mais específica das propostas e dos absurdos que nela estão contidos.

A FMUSP tem condições, utilizando-se do complexo HC, do HU, do Centro de Saúde Escola, de ao fim de seis anos formar um médico geral capaz de prestar atendimento de primeira e segunda linha e de, após o seu curso, se o desejar, fazer especialização em qualquer área.

Estas preposições foram definidas no Pré-Fórum organizado pelo CAOC, no dia 14/06, com a participação da direção da Faculdade. É importante que continuemos mobilizados para participarmos efetivamente da elaboração do nosso currículo, para que ele possa corresponder aos nossos anseios de uma boa formação.

É nosso dever alertar toda Sociedade sobre o que está acontecendo, uma vez que ela é a grande interessada, pois será diretamente atingida a médio e longo prazo pelas decisões que vierem a ser tomadas.

Diretoria do CAOC

FAZENDO SUAS COMPRAS NA

DROGASIL

GOZARÁ V. S. DAS SEGUINTE
VANTAGENS

Remédios SEMPRE NOVÓS — Remédios SEMPRE
LEGITIMOS

Produtos SEMPRE DA MELHOR QUALIDADE



Absoluta confiança no AVIAMENTO DE RECEITAS
MÉDICAS

Preços SEMPRE EM CONTA

Procure uma Filial

DROGASIL

para suas

cómpras de Remédios e Perfumarias

ENSINO MÉDICO

MUDANÇA CURRICULAR NA FMUSP: EM QUE PÉ ESTÃO AS COISAS

SETEMBRO DE 1983

Na metade de junho, realizamos um Fórum, que contou com grande participação dos alunos e possibilitou que deixássemos bastante claras as opiniões do corpo discente da FMUSP sobre a proposta de mudança de currículo, tanto no que diz respeito às transformações que consideramos indispensáveis no conteúdo, como em relação à divisão da escola.

A partir desses debates, foi elaborado um relatório, que foi apresentado à Comissão de Ensino pelos próprios relatores dos nossos grupos de discussão e pela diretoria do CAOC.

Foi realizada a seguir uma reunião da Congregação da FMUSP, que rejeitou a proposta de divisão da escola ou do currículo. Nessa reunião foi aprovado o documento de orientação para a mudança curricular, em que estavam incluídos todos os pontos levantados pelos alunos. Esse documento deveria servir como base ao trabalho da Comissão de Mudança Curricular, que tinha 60 dias de prazo para apresentar nova proposta.

Durante as férias, essa Comissão foi dividida em uma série de sub-grupos, que contavam também com a participação de elementos convidados e de alunos, encarregados de aprofundar e sistematizar a discussão sobre diversos aspectos da nova proposta a ser apresentada (ex: integração básico-clínico, ensino ambulatorial, enfermaria geral, etc).

O funcionamento das comissões foi irregular, mas ao final do prazo previsto foi elaborado, a partir do re-

sultado dos trabalhos do sub-grupos, um novo antiprojeto curricular. (Essa proposta vem como encarte especial de "O BISTURI" para que seja do conhecimento amplo dos alunos e possa ser adequadamente discutida).

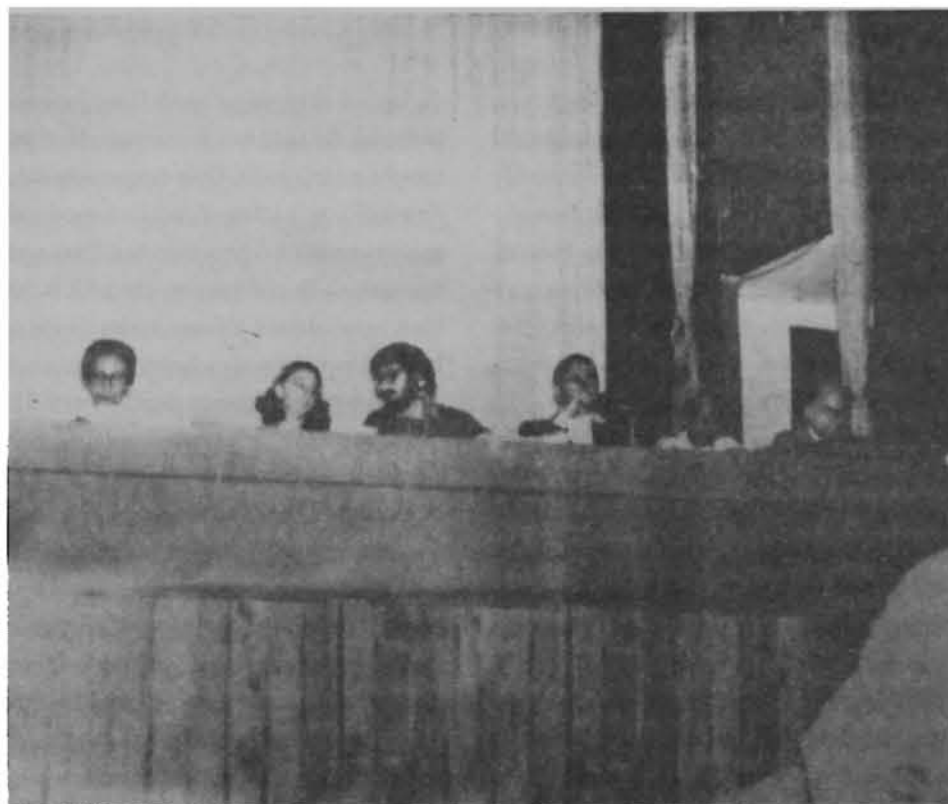
Como vamos interferir na atual etapa do processo de mudança de currículo? Está sendo organizado para outubro um novo FÓRUM, semelhante ao anterior, para que o conjunto dos alunos possa manifestar sua opinião sobre a nova proposta.

E é exatamente no sentido de nos prepararmos para esse novo palco de debates que estamos lançando o encarte e este artigo.

A priori, temos de dizer que, no geral, a proposta atual é positiva, incorporando praticamente todas as reivindicações dos alunos, embora haja questões a serem esclarecidas, acertadas, e todo o trabalho de detalhamento pela frente.

Mas há uma questão fundamental que é abordada de modo incorreto no documento e que se não for resolvida compromete todo o resto: é o problema da definição do conteúdo dos cursos. No documento esse problema é abordado superficialmente e é dito que essa seria uma atribuição dos próprios departamentos.

Ora, todos sabemos que é exatamente nessa estrutura de departamentos estanques, organizados como pequenos feudos ultra-especializados, que reside a origem de grande parte dos problemas fundamentais do curso de medicina e até da Residência Médica do HC.



Fórum na FMUSP

Não existe intercâmbio entre os departamentos. Isso gera duplicação (multiplicação) de recursos e esforços para atingir objetivos semelhantes, dificulta o aprendizado na escola e no hospital e até mesmo prejudica os pacientes. A divisão da carga horária na elaboração das grades de todos os currículos anteriores dessa escola foi transformada em praça de guerra: a conquista de cada minuto representa mais uma fatia de poder, mais assistentes contratados, etc. Um departamento só se sente prestigiado, por mais especializado ou específico que seja, se consegue introduzir sua disciplina ou curso na graduação.

É exatamente essa concepção que gera problemas graves no currículo: no curso básico as disciplinas são muitas vezes ministradas perdendo de vista a sua aplicação concreta na formação de um médico geral; no curso clínico, mais grave ainda, a formação geral é reduzida a uma colcha de retalhos das várias especialidades (no 3º e 4º anos).

O que seria correto? O objetivo da escola é formar um médico generalista que, ao final dos 6 anos, esteja apto para atuar na rede básica de saúde e também para prosseguir em sua especialização.

Deve ser determinada, a partir da especificação desse objetivo, em cada etapa, qual a contribuição de cada disciplina na formação geral. Essa definição, em cada etapa do curso (básico, clínico, internato)

deve ser atribuição de um organismo supra-departamental, que conte com participação discente e que tenha autoridade para fazer levar à prática suas definições.

Isso deve estar acoplado a mecanismos de controle do conteúdo e da qualidade dos cursos, que também precisam ser definidos.

Sem garantir que a determinação do conteúdo seja feita desse modo, corremos sério risco de transformar apenas a forma do currículo e de, no final das contas, serem reeditados todos os erros e vícios do conteúdo do atual currículo (e que vem se perpetuando há anos, desde o curso Tradicional de medicina).

Essa é, sem dúvida, uma questão delicada, que mexe com a estrutura de poder da FMUSP, mas precisa ser enfrentada. Sem que haja a democratização do poder de definição do conteúdo dos cursos, não será possível progredir nessa mudança curricular.

Os cursos e as disciplinas não são problemas que dizem respeito apenas aos respectivos departamentos. São, isso sim, problemas de todos os alunos e de toda a escola, que deve estar mobilizada e preocupada em garantir a formação geral de boa qualidade. E é para conseguir garantir a qualidade e o conteúdo da formação que essas barreiras tem que ser quebradas!

Esse é, em nossa opinião, o principal problema a ser enfrentado nesse processo de mudança curricular e é para isso que devemos nos preparar.

**PENSE
ANALISE
SIMPLIFIQUE
EXECUTE**

**USE OS SERVIÇOS DA
COPIADORA CAOC**

AV. DR. ARNALDO, 455 - SUB-SOLO

REFLEXÕES

O QUE ESTÁ ACONTECENDO CONOSCO?

JUNHO DE 1983

Quando a gente presta um pouco de atenção na realidade do lugar onde vivemos, dos nossos espaços (Centro Acadêmico, Atlética, salas de aula, corredores), das nossas atividades, do que é nossa vida dentro da escola, vem logo uma sensação de marasmo, de coisa parada, de silêncio. É uma situação que chama a nossa atenção, à medida que vemos as pessoas se afastando dos espaços onde antes conversavam, brincavam.

Essa realidade fica mais marcante ainda se comparada com o passado. Nem precisava ser um passado muito distante, Conversando com o pessoal mais velho, a gente vê que os espaços, a vida aqui dentro era mais viva, as pessoas não vinham na escola só estudar.

Então, o que acontece conosco?

A nossa idéia com esse artigo não é fazer uma apologia ao passado, dizer que aquele tempo era bom e agora estamos perdidos. Nem é nossa idéia propor, nesse artigo, uma resposta a essa situação.

Entre as respostas que já se tentaram, uma das mais usadas foi chamar pessoas para atividades, debates, discussões.

Entretanto, há muito isso não dá certo. Por quê?

Como já dissemos, a resposta não está aí, não há uma receita, uma mensagem profética que indique o que está acontecendo ou o que devemos fazer.

O objetivo deste artigo é lançar a discussão. O que está acontecendo? Podemos fazer alguma

coisa pra mudar isso? Devemos ou não? Como fazer?

Achamos que existe outra discussão além da discussão da realidade política, cultural, social, que nos envolve e necessariamente influi na nossa vida, em seus limites mais profundos. Achamos que é o momento de discutir, além dessas realidades, a nossa realidade mais próxima, mais chegada a nós, a nossa vida propriamente dita. O que nos acontece, porque o cotidiano do estudante de medicina é alguma coisa tão privadora, tão complexa, e muitas vezes tão opressora.

A porcentagem de pessoas que procura o apoio psicoterápico, na escola, é atualmente grande. Vemos isso sem crítica, mas como indicador de que a nossa realidade do dia a dia é fogo.

O número de pessoas que vem se suicidando na escola é grande (quase 1 por ano, nos últimos anos). Por quê?

A realidade de todas as pessoas era e é, a nossa realidade. O que ela tem de tão cruel ou tão chato? O que ela pode nos dar de bom? Como poderíamos melhorar essa realidade?

Queremos com esse artigo iniciar uma discussão, tanto ao nível do jornal (esperamos que as pessoas contribuam para um aprofundamento da questão enviando artigos sobre isso) quanto ao nível do debate, da palavra.

A idéia, mais uma vez, não é um encaminhamento de pessoas em volta da busca de um ideal, uma palavra de ordem de uma resposta. A idéia é discutir, e através dessa discussão, (que já é vida), ver onde a gente vai dar, ou pelo menos andar.

O QUE ESTÁ ACONTECENDO CONOSCO? -II

JUNHO DE 1983

Em 1925, Einstein disse: “Não sei até quando o mundo poderá se dar ao luxo de queimar cérebros dos estudantes nas Universidades.” É surpreendente como essa verdade, ainda hoje, bate à porta de nossas classes, de nossas bibliotecas quando nos percebemos estudando, gastando nossa energia sobre memorização de regras e classificações, coisas que se mostram distantes de nos acrescentar técnica, ciência ou, ainda menos, cultura.

O ensino na nossa faculdade hoje se resume em aulas técnicas, instrumentos mais da promoção e da realização dos professores do que da transmissão de conhecimentos. O professor, do alto de sua pilha de conhecimentos, pesquisas, ou mesmo leitura de textos, dita aos alunos regras prontas do que fazer e como proceder, sublinhado uma técnica desprovida de qualquer reflexão, qualquer crítica.

O contato do estudante com a realidade vai diminuindo, sendo roubado a cada ascensão meramente formal a qual passa. Passamos de ano, resolvemos matérias, fazemos provas, cumprimos o papel meramente teatral de alguém que parece estar virando médico. Tudo isso a custo de elementos de nossa vida que vamos vendo, aos poucos, amputados; nosso lazer, nossa sensibilidade, nossa liberdade de criação, nossas possibilidades de relacionamento.

Percebemos que a repressão, nessa época de abertura, já não passa tanto pela força da política ou pelo terror da morte, mas passa sim pela força que sela nossos lábios antes que possamos questionar,

força essa representada por vezes pelos nossos próprios colegas, que, sistematicamente, compactivam com esse silêncio que nos é imposto. Não importa as estruturas deficientes dos cursos, não importa o professor autoritário ou os métodos terroristas usados pra nos fazer estudar, não importa o esquema ginásiano que nos é imposto; por pior que seja a regra a que temos que nos submeter, o aluno de medicina vai por tudo passando, vai tudo engolindo... e de boca cheia continua conseguindo falar: “Sim! Mais! Mais!”

No entanto, por mais que se negue a reconhecer a realidade mutilante dessa estrutura não educacional, o estudante não escapa de seus efeitos. Silêncio nos corredores, nas salas de aulas, nos banheiros, nos restaurantes. Entramos na sala de aula e nos sentamos ao lado de pessoas que não existem; não se escutam, não queremos falar com elas. Somos colegas. Olhamos para frente e esperamos a luz apagar, para na penumbra do primeiro slide começarmos a ruminar a informação rápida e bordá-la minuciosamente no caderno, esse símbolo do conhecimento científico. Emudecidos por este silêncio que é o discurso de nossos professores, esperamos a próxima aula ou o próximo curso, que talvez seja melhor. Ou o próximo professor, que talvez, liberal, diga até qual seu nome, ou mesmo não traga slides.

Como a cabeça achatada pela imposição de não-formação vinda de cima, cerramos os dentes num risco social, e quando percebemos que dia a dia, cada vez falamos menos, com menos pessoas, por enquanto ainda ocorre a pergunta: “O que está acontecendo conosco?”

Chega de farsa, por um movimento estudantil de verdade

OUTUBRO DE 1996

Neste segundo semestre em que se realizarão eleições para muitas entidades estudantis, inclusive o DCE da USP, UEE e UNE, nos deparamos com um movimento estudantil atravessando uma grave crise.

Salvo raras exceções os Centros e Diretórios Acadêmicos estão abandonados pela maioria dos estudantes, com diretorias que não representam nada nem a ninguém, exceto pela tendência política de alguns dos seus membros.

Mas se alguns poucos diretórios e C.As. Ainda conseguem escapar ao atrelamento das tendências e correntes estudantis, as entidades gerais com as UEEs e a UNE já não têm a mesma sorte e não é, e não é por coincidência que a crise de representatividade que passa o movimento nestas entidades mostra sua face mais aguda. Qual estudante hoje, reconhece na UEE e na UNE legitimidade para falar em seu nome?

O problema não se encontra na existência de tendências e correntes políticas, mas no fato que elas não estão referenciadas no conjunto dos estudantes e utilizarem-se destas entidades como instrumento de divulgação de seus programas

políticos e para seus interesse próprios. Isso causa o afastamento dos estudantes e acaba por impedir que se organizem.

O DCE DA USP

Alguns Acertos e Tropeços

Com exemplo da entidade geral que começa a dar passos em uma boa direção temos o nosso DCE, que no ano passado, nas mãos da tendência Liberdade e Luta, apresentava um discurso radical e uma prática, que afinal de contas, era contrária ao interesse dos alunos da USP. Apesar das adversidades como a falta de uma sede própria, de recursos materiais e de uma grande dívida deixada pelas gestões anteriores, a gestão “Democracia já” abandonando a política de invasões de refeitório e moradia, das propostas de greve geral decididas por meia dúzia de iluminados em nome de todos os estudantes da USP, conseguiu, no decorrer deste ano, implementar uma nova dinâmica no ao DCE. Além do importante trabalho realizado pelo Departamento Cultural como o trote unificado (BICHUSP), o show do DCE, o debate sobre a Nicarágua, o curso de férias

de computação, Cineclub do DCE, a 1ª Mostra de Arte, etc; muito mais importante foi o espaço de diálogo e negociação, criados pela diretoria, junto à reitoria, a COSEAS e mesmo junto o Governo Estadual, no sentido de se buscar soluções conjuntas para os problemas da Universidade, como o restaurante, o CRUSP, a problemática da falta de verbas, etc. Outro fato de grande importância, senão o mais importante, conduzido pelo DCE é a luta pela democratização da Universidade dentro dos palcos da própria universidade através da organização da representação discente nos órgãos colegiados, no caso do Conselho Universitário. Graças a atuação nestes palcos, hoje é possível obter o apoio de setores da comunidade universitária como é o caso da própria reitoria, para a luta pela ampliação de representação estudantil de 1 / 10 para 1 / 5 e fim dos pré-requisitos para esta representação.

No entanto alguns obstáculos levaram esta diretoria a sofrer alguns tropeços importantes. O DCE não conseguiu funcionar como uma entidade federativa dos Centros Acadêmicos da USP e acabou sendo totalmente independente

destes últimos. O DCE não deve ser um órgão centralizador, e sim um referencial político para os centros da USP, procurando orientar a organização dos estudantes e a troca de experiência entres eles.

O RACHA NAS DIRETORIAS DA UEE-SP E UNE

Este espírito deve nortear também as entidades gerais como a UEE e a UNE.

É como alento que tomamos conhecimento, através de uma reportagem da Folha de São Paulo do dia 16/09, o racha político dentro da UNE através da crítica, por parte de sua diretoria, à partidarização que vem sofrendo a entidade.

Esta autocrítica, que deve ser feita também por membros da diretoria da UEE-SP faz parte de um “movimento” do qual participamos e que norteará a nossa atuação nos congressos destas entidades, em outubro com o objetivo de tirar o movimento estudantil desta triste situação que se encontra, torná-lo real, longe da partidarização das tendências e trazê-lo de volta a quem de direito: os estudantes brasileiros.

PAJINA

A ESPERA

A estrada está vazia até o horizonte.
O mar não tem nem uma vela.
O sol é doirada bandeja,
Em que o céu mostra sua indiferença.

O coração vazio...
A porta aberta...
A mesa posta...
A casa triste...
Tudo de espera.

Esperar por que?
Si não há nem um vulto na estrada,
Si não há nem uma vela no mar...

Mas quem sabe?
Talvez tu estejas logo atrás do horizonte...

Talvez estejas a chegar.

Tudo te espera.
Só porque tinhas
Uma lágrima nos olhos
Quando te fostes.

HISTORIA DA INFLAMAÇÃO

Veio andando, devagar,
a bactéria e entrou;
ninguém tentou lhe barrar
e ela logo se instalou.

Foi comendo, destruindo,
(ela era muito viva)
Deixou tudo muito lindo
nesta fase alternativa.

O Capilar não gostou
e com ela quis brigar;
foi assim que começou
o processo vascular.

Primeiro uma constrição,
que é apenas passageira;
agora a dilatação
põe o sangue na carreira.

É tudo em vão, entretanto,
o que se faz nessa fase
...e no fim, p'ra meu espanto,
aparece Dona Estase!

Com ela o seu "Plasma" vem,
(cara de péssimo gênio!)
trazendo junto também
Enzima e Fibrinogênio.

Fibrinogênio é safado
e se junta co'a Trombina!
...e por causa do pecado
foi que nasceu a Fibrina...

Nada serve p'ra matar
êstes bichos esquisitos,
porisso foram chamar
Neutrófilos e Monocitos.

Os Linfocitos, decerto,
Chegaram em quantidade,
mas o micróbio é esperto:
com êles faz amizade!

Mas, oh! tristeza inaudita!
Nossa história aqui termina;
chegou correndo a maldita
da Dona Penicilina!

A bactéria expirou
de ataque no coração;
tôda a briga se acabou
e houve a reparação...

Sombrinha

LUA, AMOR E MEDICINA

Uma noite maravilhosa, sem dúvida! A pálida lua, um tanto anêmica, talvez, caminhando majestosamente pela abóboda palatina bisbilhotava por entre as ramagens do jardim; uma anestesia geral parecia tomar conta de tudo e tudo permanecia deliciosamente silencioso... Num pequeno chafariz, delicados e dourados miracídios nadavam suave e voluptuosamente.

Espreitemos... Ali adiante, sob aquela frondosa árvore, um casal de namorados conversa. Conseguiu ver? Sim, são aqueles que estão debaixo da árvore respiratória sentados no banco de sangue. Aproximemo-nos

e ouçamos a conversa...

- Querida, por que não me beijas?
- Oras, você sabe muito bem que com isso nos fazemos pavorosa troca de germes, benzinho!
- Chegue-se então mais pertinho de mim e ouça pulsar meu coração...
- Sinto muito, mas eu não trouxe meu esteto hoje; fica p'ra amanhã, tá bem?
- Porque estás tão fria querida; não percebes a febre que se apossa de mim quando estou perto de ti?
- Tome um anti-pirético e tudo se resolverá, meu bem.
- Quando eu sinto que estás ao

meu lado minhas pernas tremem, meu coração pulsa mais depressa e quasi não consigo respirar porque você me domina completamente...

– Astenia, taquicardia e dispnéia; você precisa tomar cuidado, querido. E agora eu vou embora porque amanhã preciso acordar cedo para a aula de Proctologia. Boa noite, amor...

A lua escondeu-se atrás de uma nuvem, as árvores balouçaram desoladamente suas folhas e os miracídios pararam de nadar e olharam: o estudante de medicina levantou-se e foi embora...

Sombrinha



RECEPÇÃO

A OPINIÃO DE CALOURO E VETERANO SOBRE A MANIPULAÇÃO DA IMPRENSA NO CASO EDISON HSUCH MARÇO DE 1999



Cassio Trevizani (87)
Idade: 18 anos
Sexo: Masculino
Altura: aprox.. 1,80m
CALOURO

"Inicialmente não senti os efeitos do sensacionalismo, porque ainda estava sob o choque da perda de um colega. Mais tarde, senti o quanto é fácil perder a verdade, quando, comentários mal entendidos pela imprensa geram notícias absurdas.

Percebi, neste ponto, a diferença entre jornalismo sério e o sensacionalista. Todos foram vistos como suspeitos ou cúmplices omissores (inclusive eu). A manipulação da mídia afetou minha vida, a faculdade, e o pior: a apuração dos fatos.

O massacre da imprensa tornou-se evidente com a estereotipagem dos alunos FMUSP como uma elite alienada e inconseqüente.

Portanto, como órgão informativo, a imprensa deve estar presente, mantendo a sensatez."



George Coura (86)
Idade: 20 anos
Sexo: Masculino
Altura: aprox.. 1,70
VETERANO

"A imagem passada pela imprensa foi extremamente negativa, de forma que, para o público, todos os participantes são culpados.

Na vida acadêmica, como um todo, não houve mudanças significativas. No entanto, na vida pessoal, muitos conhecidos perguntam sobre o caso e acham que

eu ou alguém da faculdade sabe o que aconteceu e que num segundo vai se esclarecer. O caso deve ser bem apurado para que inocentes não paguem pela culpa de outros, isso, se houver culpados.

O trote deste ano foi igual ao anterior e acredito que, mesmo indiretamente, não foi culpado pela morte do calouro. Se tivesse que passar pelo rito novamente, o faria sem o menor problema."

ORAÇÃO AOS CALOUROS

ABRIL DE 1939

Oh vós que óra ingressais, alegres e esperançosos, nesta gloriosa Faculdade, ouvi as palavras sinceras que vos dirige uma alma caridosa e compassiva! Ouvi e meditei, se para tanto tiverdes um resquício de substância cinzenta nesses vossos crânios pelados e disformes!

Lançam-vos a pécha de burros e vós bem a mereceis.

Certamente não racionastes, antes de vos abalancardes a disputa de uma miserável vaga no curso medico, pois se o tivésseis feito, não duvido que teríeis preferido apañhar papél ou engraxar sapatos a \$300 o par. Senão vêde como são felizes os homens que, sem um diploma, grangearam posições de destaque na sociedade. Vêde o exemplo edificante de Lucas, que foi sargento de cavalaria, foi cosinheiro de um navio cargueiro, que trabalhou na picareta na Quinta Avenida, que nunca abriu um livro e que no entanto hoje vive na opulência, á custa de vossas fanciras faciais e craniasas, explorando os vossos bolsos em trôco de infames córtes de cabelo! Contemplai o vulto notável de João do Bar, que mal sabe ler o "Dia" e somar parcelas e que apesar disso prospera a olhos vistos, impingindo-vos infusos nauseabundos que apelida pitorescamente de café, soluções tóxicas de pH variável que rotula limonada, refugos os mais diversos que denomina almoço! Vêde e meditei! Não seria mil vezes melhor que desde os vossos tenros anos tivésseis pegado diretamente no duro, no batente? Indubitavelmente. Mas vós não o quisestes, oh burros retintos e impenitentes!

Tendes porventura uma ligeira noção

do que vos aguarda no curso medico? Não? Pois sabeis que tereis de atravessar agruras sem fim, que tereis de tolerar aulas chatíssimas, professores paulísimos, exames duríssimos. Tereis de vos armar de um bocado de resignação e de uma bôa dose de paciência para aguentardes o repuxo até ao fim, até á conquista da láurea ambicionada. Ficareis cheios, literalmente, extravasantemente cheios. Tornar-vos-ei neurastênicos e insociáveis. As vossas namoradas vos darão o fora, o sorriso cretino eu óra ostentais nos lábios se extinguirá gradativamente e na vossa face que exprime por enquanto uma beócia felicidade se estampará um rictus indelével de dôr e de amargura. O vosso porte altivo e desempenado de meninos bôbos será substituído pouco a pouco por uma dolorosa e prematura xifose dorsal de velhos esgotados e imprestáveis. O alinhio fátuo e melindroso dos vossos trajas desaparecerá e vós andareis de qualquer geito, despertando — em quem vos vir passar, suspiros de piedade e impulsos humanitários. E todos dirão: "Coitado, lá vai um estudante de medicina!"

Não quero entrar em maiores detalhes para não vos assustar e também para não despertar impulsos vingativos por parte dos docentes desta escola. Porisso não vos irei contar os horrores que ireis passar na Anatomia, na Fisiologia, na Microbiologia, na Patológica, na Clínica Médica, na idem Cirúrgica, na Higiene e em tantas outras cadeiras. "Wait and see!" como dizia o velho Kolenkow.

Oh calouros, sois burros, trilhões de vezes burros! Porque quisestes estudar medicina? Antes estívésseis esburacando ruas para o Prestes Máia ou lambendo sêlos na porte do Correio! O vosso futuro é negro, nigérrimo. Eu, magnanimamente, vos dou os pêsames.

ARREPENDIDO

O CALOURO E O TRÓTE

DÉCADA DE 60

Não há calouro que ao traspôr os portões da Faculdade, no primeiro dia de aula, não tenha sentido o peso e avaliado, realmente significado do termo calouro. E não há, por certo, veterano que não se lembre dêsse terrível primeiro dia.

Êsse primeiro dia que deveria ser o mais feliz, o jubiloso dia da grande vitória se torna, no momento da aproximação do quarteirão da Escola, o mais angustiante, talvez da curta experiência de vida, daqueles moços. Essa passagem constitui, certamente, para muitos, a primeira sensação de abandono, de solidão e medo...

Mas, porque êsse estudo, êsse desespero, se há tão pouco tempo atrás, essa idéia era a mais bela, a mais alegre e reconfortante das idéias que o calouro poderia conceber quando pré-universitário? No entanto, a explicação de tudo isto, por mais covarde que pareça aos de fora e por mais infantil que pareça aos de dentro, é simplesmente esta: o trote.

Mas não o tróte do corte do cabelo, do serviçalismo universitário e do que o próprio calouro sente até orgulho; não é dêste espírito de camaradagem que o calouro tem mêdo ou que procura fugir. Mas é de tudo que transpõe... êste plano, chegando até ao sadismo de certos veteranos recalçados, num abuso e desafio muitas vêzes à própria dignidade do moço. Além disto, uma demonstração de ignorância das tristes consequências que podem trazer para o psíquico e mesmo para o físico, certos trotes, cuja citação no momento, seria inútil e impróprio. Repito, sadismo de veteranos recalçados...

E tanto isto é verdade, que se nós procurarmos observar durante êsse tempo de trote, na Faculdade, aqueles que se ocupam

dos calouros, veremos que êles se dividem em dois grupos: um daqueles... que se ocupam dos calouros; outro, daqueles que põem à mostra os seus recalques de covardia, fraquesa e impôr sua vontade e sua vóz àquêles quase oitenta moços fortes, decididos e corajosos, sentindo nisto visível prazer por não encontrarem resistência por parte dos calouros, não por incapacidade destes, mas pelo fato de ser o trote perfeitamente legal dentro da Escola? Mesmo porque o calouro que se mostrar valente já sabe... o que lhe os veteranos.

E é por isso que frequentemente se ouvem palavras de vingança e de rancor por parte os calouros. E é aqui então que se constata que o trote cuja finalidade era o estreitamento d amizade entre calouros e veteranos se torna motivos de ódios e adversidades.

Diante destes já se pode concluir sobre o valor e eficiência do trote.

Colegas, nós, que somos alunos desta Faculdade que agora mais do que nunca sômente, pelo seu nome, dispensa qualquer comentário e especialmente como membros do C. A. O. C., devemos abrir os olhos, pois, se as coisas continuaremos neste pé, nisto que se poderia chamar desvirtuação do trote, veremos morrer dentro em breve, se é que ainda existe, o espírito de comunidade universitária e, particularmente, o espírito da nossa querida Escola. Ou então sobreviverá apenas a união dos alunos de uma mesma classe, união essa fundada no ódio à mesma causa.

Mas a revolta entre as classes continuará em espírito, o que será evidentemente, uma catástrofe, um empecilho às realizações da Escola e do Centro e, quiçá, mais tarde repercutirá em detrimento da Humanidade que está à nossa espera.

Maria José Machado

ENTREVISTA

O EXAME DO CREMESP

Entrevista com Dr. Bráulio Luna Filho – Diretor de Comunicação do Cremesp e Coordenador do “Examine-se”

SETEMBRO DE 2007

Após um amplo debate realizado pelo CAOC no dia 10 de setembro deste ano, e a menos de duas semanas do Exame do Conselho Regional de Medicina de São Paulo (Cremesp), intitulado “Examine-se”, o Departamento de Imprensa Acadêmica do CAOC resolveu entrevistar o Diretor de Comunicação do Cremesp, Dr. Bráulio Luna Filho, acerca desse exame tão polêmico no meio acadêmico. Segue-se a entrevista em sua íntegra.

O Bisturi (B): O senhor poderia nos contar brevemente sobre sua formação e atual ocupação?

Dr. Bráulio Luna (BL): Graduei-me em Medicina pela UFBA, sou Livre-Docente em Cardiologia pela UNIFESP, Presidente da Sociedade de Cardiologia de São Paulo (SO-CESP), Diretor de Comunicação do Cremesp e Coordenador do Exame do Cremesp.

B: Como surgiu a ideia do exame, qual sua finalidade, há quantos anos ele é aplicado e como tem variado a porcentagem de participação de recém-formados?

BL: A ideia do exame surgiu a partir três aspectos: de uma avaliação do Cremesp, em que se constatou um aumento exponencial do número de denúncias contra médicos; da concentração das denúncias contra médicos com menos de 10 anos de formados; e do aumento do número de escolas médicas, das quais 60% apresentam condições inadequadas de ensino, segundo visita do Cremesp às instituições. Sendo assim, resolvemos fazer um estudo-piloto para se avaliar qual o real grau de formação dos egressos.

No ano de 2007, realizaremos a terceira edição desse exame, o que concluirá o objetivo inicial do estudo, que é avaliar, durante três anos, a possível realidade do ensino médico do estado de São Paulo. Trata-se, portanto, de uma avaliação da escola, e não do aluno. Entretanto, para avaliar a escola, temos que avaliar do seu produto, que são os alunos. Não nos interessa avaliar os alunos do primeiro, segundo e demais anos, isso é função da escola. O que nos cabe é realizar uma avaliação terminal, ao final do período de graduação, uma vez que quem autoriza o recém-formado a poder atuar é o Cremesp.

Depois disso, pretendemos discutir com as escolas médicas, com a sociedade a necessidade de se continuar fazendo essa avaliação.

Quanto à participação no exame, cerca de 40% dos egressos das faculdades de medicina realizaram o exame, em 2005 e 2006. Sabendo-se que se formam 2100 médicos por ano no estado de São Paulo, aproxima-

madamente 800 alunos fizeram a prova. Já este ano, a expectativa é de um aumento no número de inscritos.

B: Sobre o “Examine-se” desse ano, quantas pessoas já se inscreveram e como será a forma do exame?

BL: Até o momento já se inscreveram aproximadamente 1000 acadêmicos. Após o término das inscrições, a Fundação Carlos Chagas divulgará os locais de realização do exame, que será centralizado, por cidade. O exame constará de duas fases: a primeira, a ser realizada no dia 23 de setembro, às 8h, será composta por uma prova cognitiva de 120 questões de múltipla escolha, nas áreas de Clínica Médica, Cirurgia Geral, Ginecologia e Obstetrícia, Pediatria, Saúde Mental, Saúde Pública, Ciências Básicas e Bioética.

É importante ressaltar que esse exame apresenta um perfil diferente das provas de Residência Médica, porque ele não avalia conhecimentos de “canto de livro”, mas sim cobra o que se espera de um médico recém-formado, a capacidade de exercer a prática médica.

A segunda fase do exame será realizada no dia 06 de outubro de 2007, para aqueles que tiverem acertado 60% ou mais da primeira fase. Trata-se de uma novidade em termos de tipo de prova, por ser uma prova com interação com o computador, multimídia, que simula 40 condições práticas da medicina.

Os alunos gostam muito dessa fase, por ser uma parte interativa, na qual o aluno só prossegue para a questão seguinte se acertar a resposta anterior. O score do aluno diminui à medida que o ele erra e tenta outra alternativa. Dessa forma, o aluno sai da prova sabendo o que acertou ou errou, o que é produtivo.

O formato e o conteúdo do exame foram discutidos com uma comissão composta por representantes de diversas faculdades médicas. O exame é aplicado, então, pela Fundação Carlos Chagas. As escolas foram, também, convidadas a nos enviar modelos de questões de prova, baseadas na forma que cada faculdade costuma abordar, com seus alunos, os assuntos tratados.

B: Em que aspecto a certificação outorgada pelo Cremesp diferenciaria o aluno que prestar o exame?

BL: O exame não impede o aluno de exercer a medicina, é um exame isento, independente. A certificação não altera em nada a emissão da carteira do Cremesp. Estamos

fazendo essa experiência porque constatamos que, hoje, não há avaliação científica pelas Faculdades para discriminar a qualidade de ensino. Vale lembrar que a lei não permite que o Conselho impeça um indivíduo incompetente de exercer a prática médica.

B: Qual impacto o Exame pode ter no ensino médico?

BL: O impacto já acontece, pois há quatro anos as escolas médicas começaram a discutir métodos de se aperfeiçoar as avaliações dos alunos, algumas já implementaram o Exame do Progresso. Várias faculdades estão reformulando suas grades curriculares.

B: Como essas motivações para o exame e suas possíveis consequências têm sido trabalhadas com a sociedade civil, comunidade médica, Associação Brasileira de Educação Médica (ABEM), a Direção Executiva Nacional dos Estudantes de Medicina (DENEM), Centros e Diretórios Acadêmicos? Está nos planos do Cremesp a formação da Ordem dos Médicos do Brasil, aos moldes da OAB?

BL: O diálogo com a ABEM e com a DENEM tem sido difícil, devido à incompreensão destes órgãos, de acharem que o Conselho estaria instituindo um Exame de Ordem, no formato da OAB. Isso não esteve presente, desde o início, de nossos planos. Em nenhum momento defendemos a institucionalização do Exame de Ordem, isso cabe ao governo, à sociedade fazer. Ao Conselho cabe avaliar se os alunos recém-formados têm condição de atuar. Daí por diante é uma questão de lei, e o Conselho não faz leis, somente o Congresso.

O Cremesp é contra o sistema atual, que forma um número grande de alunos, em 169 escolas no país, e não há residência médica para todos os seus alunos. O governo tem que exigir que todas as faculdades médicas disponibilizem que todos seus egressos tenham a oportunidade de fazer a residência médica, se assim o desejarem.

O Brasil é um dos únicos países do mundo em que os médicos que se formam hoje já podem exercer, amanhã, a medicina plenamente. Em outros países, exige-se que os recém-formados façam testes para ver se estão preparados, e muitos deles exigem que se faça a residência médica.

A legislação brasileira é antiga e confunde ainda o diploma com competência profissional. Hoje, o diploma é meramente uma confirmação de que o aluno fez o curso, não garante que ele esteja habilitado.

Em qualquer país do mundo, os exames de certificação se tornam necessários, não somente na medicina.

B: Qual o cenário em outros estados brasileiros? O Cremesp tem articulado a instituição desse exame em nível nacional?

BL: O Conselho apresentou essa proposta desde o início ao plenário das entidades conselheiras do Brasil, tendo recebido respaldo do Conselho Federal de Medicina (CFM) e de outros Conselhos Regionais (CRs) para desenvolver essa experiência no estado de São Paulo. Atualmente, muitos CRs têm mostrado interesse em reproduzir a experiência nos seus estados. A longo prazo, essa tendência deve-se generalizar pelo país.

O Cremesp quer evitar o que aconteceu com o exame do Cianem, que fracassou por questões corporativistas das escolas de não divulgar os resultados, o que não interessa à sociedade.

B: Existe alguma articulação entre o Cremesp e o MEC, de forma a prevenir a abertura indiscriminada de faculdades de medicina no Brasil?

BL: O Cremesp é o principal ator na luta contra a abertura de novas faculdades de medicina. Inclusive temos diversos presidentes do Conselho sendo processados por entrar em mandatos na justiça, por redigir manifestações em jornais. Já fizemos duas reuniões com os vários ministros de saúde e educação que esse país já teve nos últimos anos, para discutir essa questão.

Infelizmente, ao longo de 15 anos, temos visto que essa tem sido uma luta cheia de derrotas, pois nós não conseguimos impedir a criação de tantas escolas médicas. Nesse período, eu nunca vi manifestações públicas contundentes de alunos e professores contra a abertura indiscriminada de novas faculdades. Mesmo assim, o Cremesp não pretende parar essa bandeira, pois nós acreditamos que uma nova faculdade só deverá ser aberta se cumprir sua responsabilidade social. Entretanto, uma vez abertas as faculdades, o Conselho vai lutar para garantir que elas funcionem a contento.

B: O que o senhor pensa do Exame do Progresso?

BL: Acho uma técnica interessante, que pode contribuir para a construção de uma cultura de avaliação científica pelas faculdades, o que não colide com a necessidade de uma avaliação externa, terminal, do curso médico.

NEGÓCIOS

O JOGO DE XADREZ DO ICB

Comportamentos escusos da diretoria do departamento de anatomia do ICB comprometem o ensino em Medicina e Odontologia da USP

SETEMBRO DE 2008

Não é inédito nem incomum o uso dos serviços públicos em prol de interesses privados no Brasil. O que será relatado aqui n' *O Bisturi* deste mês, entretanto, deveria trazer a todos os alunos de medicina e de outros cursos da Universidade de São Paulo que assistem às aulas ministradas no Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) sensação de indignação e revolta.

Primeiramente, deve-se relatar a situação precária na qual alguns dos professores da USP são mantidos. Eles foram contratados sem concurso e em regime provisório para seus respectivos cargos dentro da Universidade. Para situações como essa, é obrigatório que, antes do término do contrato, realizem-se concursos para efetivação dos docentes. Como qualquer concurso público, o concurso para efetivação é aberto a todos os cidadãos que apresentem as atribuições necessárias para o cargo em disputa.

Em sua natureza, o concurso de efetivação é contraditório e muito delicado, pois para o docente, trata-se de disputar uma vaga que ele já ocupa, e para a universidade, é um mecanismo para corrigir uma falha estrutural. Se, além dessa contradição intrínseca, o concurso apresentar critérios não transparentes, ponderações injustas, parcialidade e relegar a segundo plano os interesses da Universidade, dos alunos e da sociedade, sua validade passa a ser contestável.

No começo do semestre, o Departamento de Anatomia abriu três concursos de efetivação para a regularização do contrato de três professores, dois vinculados ao curso de Medicina e um ao curso de Odontologia. Os três professores que já estavam trabalhando no departamento de anatomia perderam. Para os que assistiram ao concurso ficou bastante claro que o comprometimento do docente com a graduação e sua habilidade em ensinar não foram relevantes para a contratação de Professores no departamento. Os princípios que nortearam o concurso permanecem obscuros. Essas informações chegaram ao CAOC por intermédio de representantes do Centro Acadêmico XXV de Janeiro da Faculdade de Odontologia, que nos contataram com informações privilegiadas sobre esses três concursos de efetivação que estavam acontecendo pelo Departamento de Anatomia. Um deles, que foi muito bem documentado por eles, tinha como participante a Prof. Silvia Boudrini que, segundo estes alunos da Odontologia, era parte indispensável do

ensino da disciplina de Anatomia para este curso. Na tentativa de assistir à aula que esta professora ministraria para o concurso, alunos da odontologia foram barrados em frente ao ICB por integrantes da Guarda Universitária. Vale ressaltar que qualquer aula de concurso é pública e qualquer interessado pode e deve assisti-la, revelando que não era de interesse da diretoria que se tornassem conhecidas as aulas e o processo seletivo. Além dela, os outros dois professores, que ministravam aulas para a Medicina, prestaram concurso de efetivação. São eles o Prof. César Fábrega, que ministrou muitas das melhores aulas do curso de Anatomia do Aparelho Digestivo e deu contribuições marcantes em outros cursos como Anatomia do Aparelho Reprodutor; e a Prof. Silvia Lachini, que ministrou grande parte das aulas no curso de Anatomia do Aparelho Respiratório. É pertinente lembrar que ambos os professores perderam seus respectivos concursos e já estão afastados de suas atividades no departamento, o que prejudica sensivelmente o ensino de Anatomia para a turma 96 e próximas turmas.

A gravidade da condução dos concursos e as distorções que ele causou são ressaltadas pela qualidade do que foi encontrado pelos alunos da odontologia nos documentos que eles consultaram e nas etapas dos concursos que eles puderam assistir.

Bom, mas se é tão claro que os professores que perderam possuíam méritos suficientes para ganhar os concursos, por que perderam?

Os conflitos entre grupos com visões distintas sobre a missão do departamento são marcantes na sua história. Tal disputa traz imensos prejuízos para os alunos, pois muita energia é gasta nas discussões de cunho político e às vezes até pessoal e os interesses da universidade são, por muitas vezes, esquecidos. O atual chefe do departamento, Professor Jackson Cioni Bittencourt, que desde o ano passado vem sendo incessantemente procurado pelo CAOC para explicar as medidas que estão sendo tomadas para resolver os problemas do ensino de anatomia no ICB, prejudicou imensamente o curso médico na forma como conduziu o processo de organização dos concursos. Sua atuação nos assuntos relativos à graduação é bem conhecida pelas turmas 95 e 96. As justificativas que sempre foram alegadas pelo Prof. Jackson para as dificuldades do ensino no departamento são a falta de cadáveres e a lentidão da universidade no processo de tomada

de decisões, mas, quando uma oportunidade de beneficiar o ensino surgiu, sua decisão foi no sentido oposto. Não podemos atribuir a ele a culpa por todos os problemas do Departamento de Anatomia, mas como chefe, ele é o principal responsável pela tomada de decisões e pela qualidade das atividades deste.

É importante mencionar que os três professores afastados do departamento, assim como muitos outros professores, têm idéias distintas das da diretoria sobre como algumas das questões deveriam ser administradas. Não é dizer que um grupo é mau e o outro é bom, nem dizer que um dos grupos é mais comprometido com os alunos do que o outro, mesmo porque o curso de Neuroanatomia Humana, cujo responsável é o Prof. Jackson, está entre os melhores do segundo semestre do curso médico, mas é importante tratar neste artigo que ele e outros docentes que se alinham com suas idéias estão ignorando o ensino de anatomia nas outras disciplinas do Departamento, dando importância maior às rivalidades internas.

No caso deste concurso, especificamente foram verificados fatos e atitudes que não deveriam fazer parte de um concurso público transparente. Notas iguais foram dadas àqueles três professores do departamento, que se dedicam ao estudo de anatomia há tanto tempo, e a colegas que cometeram erros crassos no concurso. Um apanhado de “pérolas” foi feito pelos alunos da odontologia que contava com erros tão graves que chegariam a ser cômicos, se não fossem tão sérios. Um participante, por exemplo, disse que o fígado é dividido em lobo esquerdo e direito pelo ligamento falciforme. Outro disse que o cólon descendente é irrigado pela artéria mesentérica superior. Sem contar a candidata que disse, durante a aula, que se houvesse uma prova prática, ela não participaria do concurso; ou ainda a imagem de um joelho que foi utilizada na aula de uma das candidatas, sobre articulação têmporo-mandibular. Para os alunos que já passaram por essas disciplinas, não são necessárias explicações. Para os alunos da 96, deve-se dizer apenas que se vocês colocarem isto em alguma prova é porque não estudaram mesmo. Nem ao menos se preocuparam em dar uma folheada no Sobotta. Outro professor, quando contestado pela sua experiência em dar aulas, disse não ter nenhuma e, quando perguntado pelo seu objetivo em entrar no departamento para uma vaga iminentemente de ensino e não de pesquisa, disse somente

objetivar terminar seu projeto científico. Não é de se estranhar tanto uma resposta destas. Uma das bancadas examinadoras era composta exclusivamente por pesquisadores da Neurociência e nenhum anatomista.

Outro ponto importante que deve ser ressaltado é que o Departamento de Anatomia tem a pior nota em pesquisa entre todos os departamentos do ICB segundo o CAPES. Se o leitor faz iniciação científica em algum Laboratório de Investigação Médica (LIM) dentro da faculdade, deve saber que a verba do laboratório está intrinsecamente ligada à sua produção científica. O Departamento de Anatomia, por ter uma produção reduzida, deve se preocupar com cortes de orçamento. Entretanto, a Universidade é sustentada por um tripé: ensino, pesquisa e extensão; logo, a pesquisa não deve ser supervalorizada em detrimento do ensino, muito menos quando as vagas que se quer preencher, como era o caso dos três concursos, são eminentemente de ensino de anatomia para todos os cursos que tem aulas dadas no ICB.

Já que este artigo se trata do Departamento de Anatomia, vale ainda fazer mais um apontamento. O curso de Ciências Fundamentais da Saúde, por ser o único cuja graduação é regulada pelo ICB, detém as vagas de representação discente (RD) nos departamentos deste instituto. Estes alunos, por serem muito ligados aos laboratórios, têm dificuldades em confrontar professores quando seus interesses são divergentes. Entretanto, a vaga de RD dentro do Departamento de Anatomia foi cedida pelos graduandos do curso de Ciências Fundamentais para a Medicina e a aluna da turma 96, Caroline Gracia Plena Sol Colacique, está pronta para exercer esta responsabilidade. Faltam apenas algumas burocracias e teremos nossa representação perante este Departamento.

Não desejamos com este artigo prejudicar ninguém, nem manchar a imagem do departamento de anatomia, mas é necessário tornar públicas as severas dificuldades que os alunos estão enfrentando lá. É missão d' *O Bisturi* denunciar todos os processos contestáveis, principalmente quando eles atingem de forma tão contundente o cotidiano do aluno. A boa notícia em chegar ao fundo do poço é que só existe caminho para cima. Esperamos que não seja aberto um alçapão para a Anatomia.

João Cronemberger de Sá Ribeiro
e Geovanne Pedro Mauro

PAJINA AMENA

6^o ANO 365 DIAS DE alegria de viver...

O TROTE NÃO ACABOU...

FOI TRANSFERIDO

PARA

O ÚLTIMO ANO!



Lá vai paulada...

Numa discussão entre alunos da Faculdade e alunas da E. E. sobre a “instrumentação”, uma moça argumentou assim:

“Nós iremos aprender a instrumentar antes e quando entrarmos em ação, num caso real, já estaremos aptas para isso

Os alunos da Faculdade aprendem instrumentar durante a intervenção, o que às vezes atrapalha o cirurgião...”

Ela tem tôda a crítica e damos a palavra a quem de direito e de responsabilidade...

KAR-KAR

ULTIMAS CONFISSÕES

Fisiologia, estudar tanto essa infame
Foi na vida o que fiz de maior erro;
O dia que eu tiver zero no exame,
Quero dois sapos bons no meu enterro.
Franklin Rosaverde

De todas as matérias que conheço,
Aquele que me causa mais fobia,
A mais chata de todas que aborreço
É, sem dúvida, a Microbiologia.
Florianófabo

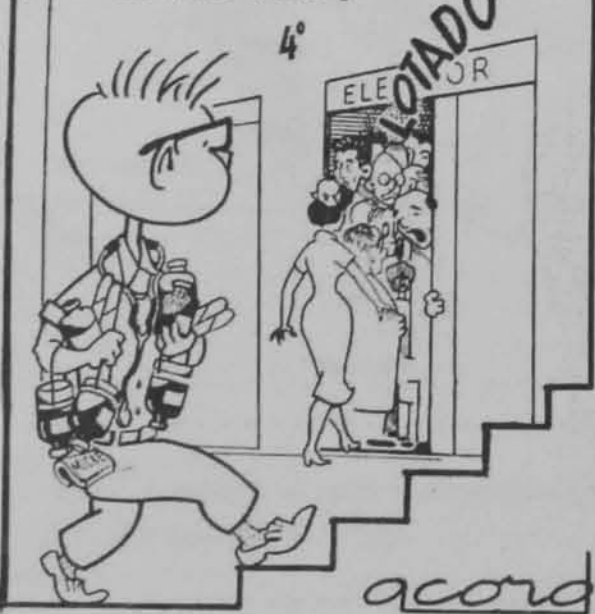
JOÃOZINHO

E OS BERROS NO H.C.

NA CIRURGIA

NA PEDIATRIA ...

NA “HUMILHAÇÃO”



PAJINA AMENA

CRÉDO

Creio no exame todo-poderoso creador da aprovação; Na banca examinadora, uma si sua filha¹ nosso-terror; a qual foi concebida pelo Ministério da Educação; nasceu na Directoria da Escola; foi nomeada, aceita e convocada; desceu á sala de exames e ao terceiro dia publicou as notas; subiu á diretoria e está sentada á mão direita do Diretor, de onde ha de vir a julgar veteranos e calouros. Creio na benevolência dos lentes; na camaradagem dos bedeis, no cancelamento das faltas; na promoção por media, na cola eterna. Amen

¹ A banca examinadora é filha “adotiva” do exame, pois que deriva sele, Sem exames não haveria bancas, lóóóógo,...

Manéco



O preço aumentou, mas melhorou a comida, hein Dr. Ennes?



Alô, Dr. Jorge? Rapaz! Arranjei um ótimo caso para publicar.



— Comício no Centro, não. Uma aula de Dermatologia.



— FRIO, HEIN?!!

A verdadeira liberdade, é a liberdade harmonica, a liberdade debaixo da lei, a liberdade consistente na reciprocidade entre os direitos de todos.